

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ROBERTO RODRIGUES BARBOSA

**ANÁLISE DA CONCENTRAÇÃO DO SETOR BANCÁRIO BRASILEIRO ENTRE OS
ANOS DE 2004 E 2014**

Porto Alegre

2015

ROBERTO RODRIGUES BARBOSA

**ANÁLISE DA CONCENTRAÇÃO DO SETOR BANCÁRIO BRASILEIRO ENTRE OS
ANOS DE 2004 E 2014**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cesar de Oliveira

Porto Alegre

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Roberto Rodrigues
Análise da concentração do setor bancário
brasileiro entre os anos de 2004 e 2014 / Roberto
Rodrigues Barbosa. -- 2015.
136 f.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César de Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Ciências Econômicas, Curso de Ciências Econômicas,
Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Concentração. 2. Setor Bancário. 3. Índices. 4.
Brasil. I. Oliveira, Prof. Dr. Júlio César de,
orient. II. Título.

ROBERTO RODRIGUES BARBOSA

**ANÁLISE DA CONCENTRAÇÃO DO SETOR BANCÁRIO BRASILEIRO ENTRE OS
ANOS DE 2004 E 2014**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Economia.

Aprovada em: Porto Alegre, 23 de Junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Júlio César de Oliveira – Orientador
UFRGS

Prof. Dra. Marcilene Aparecida Martins
UFRGS

Prof. Dr. Jorge Paulo de Araújo
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos meus familiares e amigos que me acompanharam durante esta jornada e ao meu orientador Prof. Júlio César pelo formidável auxílio para realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho teve com objetivo determinar e analisar a evolução da concentração do setor bancário brasileiro durante o período entre 2004 e 2014, além de apresentar um breve histórico do setor a fim de auxiliar a análise dos dados. O estudo foi realizado através da análise dos principais indicadores de concentração calculados a partir dos dados obtidos junto ao Banco Central do Brasil (BACEN). A análise indicou um aumento da concentração do setor bancário brasileiro ao longo do período em decorrência das fusões e aquisições ocorridas, da crise internacional, das medidas governamentais de reestruturação do setor e pelo aumento da competitividade via diferenciação de produtos e serviços.

Palavras-chave: Concentração. Setor bancário. Índices. Brasil

ABSTRACT

This study aimed to determinate and analyze the evolution of the brazilian banking sector between 2004 and 2014, including a brief history of the sector to assist the analysis. The study was made through the analysis of the main indicators of concentration calculated from the data obtained in the Central Bank of Brazil (BACEN). The analysis indicated a concentration's increase in the brazilian banking sector in the period, as result of the mergers and acquisitions, the financial international crises, the government regulation and the competitiveness through diferentiation of the products and services.

Keywords: Concentration, banking sector, indicators, Brazil

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução das Variáveis 2004-2014	44
Gráfico 2 - Lucro Líquido 2014 (Jan-Set)	45
Gráfico 3 - Evolução do CR4, CR8 e CR16 - Ativo Total	54
Gráfico 4 - Ativo Total CR8 2004-2014	58
Gráfico 5 - Evolução do CR4 - Ativo Total	60
Gráfico 6 - Evolução do HH e H'	61
Gráfico 7 - Evolução ET 2004-2014	63
Gráfico 8 - Depósitos Totais CR8 2004 e 2014	67
Gráfico 9 - Evolução do CR4 CR8 e CR16 - Depósitos Totais	68
Gráfico 10 - Evolução do HH e H' - Depósitos Totais	69
Gráfico 11 - Evolução ET - Depósitos Totais	70
Gráfico 12 - Evolução CR4 - Depósitos Totais	70
Gráfico 13 - Patrimônio Líquido CR4 e CR8 (2004-2014)	74
Gráfico 14 - Evolução do CR4 CR8 e CR16 - Patrimônio Líquido	75
Gráfico 15 - Evolução do HH e H' - Patrimônio Líquido	76
Gráfico 16 - Evolução ET - Patrimônio Líquido	77
Gráfico 17 - Evolução CR4 - Patrimônio Líquido	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estruturas de Mercado	12
Quadro 2 - Tipos de Oligopólio	16
Quadro 3 - Propriedades de um bom índice	27
Quadro 4 - Histórico do Setor Bancário	32
Quadro 5 - Principais Fusões, Incorporações e Aquisições entre 2004-2014	47
Quadro 6 - Níveis de Concentração 2004-2014 - Ativo Total	64
Quadro 7 - Níveis de Concentração 2004-2014 - Depósitos Totais	71
Quadro 8 - Níveis de Concentração 2004-2014 - Patrimônio Líquido	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO - MERCADO E CONCENTRAÇÃO	11
2.1	ESTRUTURAS DE MERCADO	11
2.1.1	Concorrência Perfeita	12
2.1.2	Monopólio	13
2.1.3	Concorrência Monopolística.....	13
2.1.4	Oligopólio.....	13
2.2	CONCENTRAÇÃO DE MERCADO	17
2.3	ÍNDICES DE CONCENTRAÇÃO	22
2.3.1	Razões de Concentração.....	23
2.3.2	Índice de Herfindahl-Hirschman	24
2.3.3	Índice de Entropia de Theil	26
2.3.4	Propriedades dos índices de Concentração.....	27
2.3.5	Fatores que modificam os índices de concentração.....	28
3	BREVE HISTÓRICO E PANORAMA DO SETOR BANCÁRIO BRASILEIRO ..	31
3.1	BREVE HISTÓRICO DO SETOR BANCÁRIO	31
3.1.1	Formação do Setor Bancário Brasileiro.....	31
3.1.2	Medidas Governamentais de Estruturação do Setor Bancário	35
3.1.3	A crise e seus desdobramentos	38
3.1.4	Cenário recente	41
3.2	FUSÕES E AQUISIÇÕES (F&A)	46
4	ANÁLISE DA CONCENTRAÇÃO DO SETOR BANCÁRIO.....	49
4.1	METODOLOGIA E FONTE DE DADOS	49
4.2	CÁLCULO E ANÁLISE DOS ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO	52
4.2.1	Ativos Totais	52
4.2.2	Depósitos Totais	65
4.2.3	Patrimônio líquido	72
4.2.4	Síntese dos dados analisados	80
5	CONCLUSÃO.....	82

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
APÊNDICE A - ÍNDICES DE EVOLUÇÃO BANCÁRIA 2004-2014.....	88
ANEXO A – FUSÕES / INCORPORAÇÕES / AQUISIÇÕES	89
ANEXO B – RANKING DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS 2004-2014.....	92

1 INTRODUÇÃO

A existência de um setor bancário consistente e confiável é importante para o desenvolvimento econômico de qualquer economia. Os níveis de concentração do setor bancário alteram a competitividade, a eficiência, a estabilidade e a confiabilidade do setor.

O papel dos bancos através das suas funções de intermediação financeira e criação de condições que possibilitem o crescimento e desenvolvimento econômico tornam o setor bancário um setor fundamental do mercado.

A recente crise trouxe à tona a discussão sobre a importância e o papel das instituições bancárias na economia e o papel dos governos na regulação bancária como instrumento importante na estabilidade do sistema econômico. A implementação dos Acordos de Basileia vem buscando reduzir a exposição das instituições financeiras a riscos sistêmicos e de mercado que possam comprometer o bom funcionamento do sistema financeiro internacional. O setor bancário brasileiro é considerado sólido, confiável e competitivo, dada as fortes medidas adotadas pelo Banco Central do Brasil sobre o Sistema Financeiro Nacional.

Os processos de fusões e aquisições tornaram as instituições bancárias menos vulneráveis a choques isolados, permitindo ao sistema bancário se tornar menos exposto aos choques externos, dado que conglomerados bancários são, via de regra, maiores, mais diversificados e mais eficientes, embora aumentem o risco de crises sistêmicas. Os processos de fusões e aquisições e a formação de grandes bancos atuando no mercado brasileiro indicam a existência de um oligopólio como estrutura de mercado deste setor, o que geraria, em tese, uma redução da competição do setor.

Considerando a economia brasileira, a evolução do setor bancário é impactada diretamente por mudanças legais e pela conjuntura econômica nacional. Cabe destacar as altas taxas de juros, os altos spreads bancários, as medidas de expansão e contração do crédito, o aumento do número de pessoas com conta bancária, o aumento dos níveis de emprego e renda como fatores importantes deste processo.

Alguns aspectos e fatos relevantes foram importantes na evolução bancária brasileira recente, assim como seus níveis de concentração. Um dos aspectos importantes é a grande participação dos bancos públicos na composição do setor bancário, o alto protecionismo até 1994 do setor, a entrada de capital estrangeiro e a operação dos bancos baseada na receita inflacionária

gerada pelas altas taxas de inflação. Outro ponto importante é o processo de ajuste e modernização do Sistema Financeiro Nacional através do PROER (Programa de Estimulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional) e o PROES (Programa de Incentivo à Redução do Setor Público Estadual na Atividade Bancária) implementados depois de 1994.

No cenário externo, a crise financeira internacional trouxe consequências ao sistema financeiro global e forçou um processo de reestruturação do setor para reestabelecer a solidez das instituições bancárias em todo o mundo. No Brasil, houve uma continuidade nos processos de fusões e aquisições no setor bancário e uma atuação estratégica dos bancos públicos a fim de suprir a redução da concessão de crédito oferecida pelos bancos privados.

O objetivo principal dessa pesquisa consiste em determinar e analisar a evolução da concentração do setor bancário brasileiro ao longo do período de 2004 a 2014 utilizando os principais índices de concentração para alcançar esse intuito. O objetivo secundário da pesquisa é apresentar um breve histórico do setor a fim de auxiliar a análise da evolução dos índices.

Este trabalho se justifica pela importância do setor bancário no sistema financeiro internacional e conseqüentemente em toda a economia, reforçando a relevância do tema pesquisado. Pela dimensão que representa o setor, a pesquisa se limitará ao setor bancário brasileiro durante os últimos onze anos. O período de onze anos é representativo e considera os anos anteriores e posteriores a crise, possibilitado a análise desse importante período econômico e suas conseqüências.

Visto que a atuação profissional do pesquisador está relacionada ao setor bancário, tal pesquisa é importante para consolidar o conhecimento técnico sobre o ambiente profissional que o mesmo está inserido e conseqüentemente capacitá-lo para o desenvolvimento de uma carreira profissional no setor.

O trabalho está dividido em três capítulos, além desta introdução. O segundo capítulo apresenta o referencial teórico, apresentando os modelos de estrutura de mercado, concentração e os respectivos índices de concentração. No terceiro capítulo são apresentados um breve histórico do setor bancário brasileiro e o panorama recente do setor. O quarto capítulo determina e analisa a concentração utilizando os índices de concentração mencionados no referencial teórico, assim como apresenta a metodologia e a fonte de dados utilizada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO - MERCADO E CONCENTRAÇÃO

Neste capítulo será apresentado o referencial teórico da pesquisa. Este capítulo está dividido em três seções. A primeira seção apresentará a estrutura do mercado através dos modelos tradicionais. Em seguida, a segunda seção mostrará referências relacionadas ao campo de estudo da concentração. Por fim, na terceira seção, serão abordados cada um dos índices de concentração utilizados neste estudo, as propriedades dos índices e os fatores de os modificam.

2.1 ESTRUTURAS DE MERCADO

Segundo Pinho e Vasconcellos (2003, p. 191), “As estruturas de mercado são modelos que captam aspectos inerentes de como os mercados estão organizados.”. Cada uma das estruturas de mercado salienta determinados pontos essenciais da relação entre oferta e demanda, e se baseiam em algumas premissas e características vistas nos mercados, tais como: tamanho das empresas, a diferenciação dos produtos, a transparência dos mercados, os objetivos dos empresários, etc.

As formas ou estruturas de mercado dependem essencialmente de três características: número de empresas que compõem o mercado; o tipo do produto (produtos homogêneos ou diferenciados); existência ou não de barreiras à entrada de novas empresas no mercado (VASCONCELLOS; GARCIA, 2003).

Segundo Bain (1968)¹ apud Resende (1994), uma estrutura de mercado possui as seguintes características: o grau de concentração definido pela quantidade e distribuição de tamanho das empresas do mercado; o grau de concentração relativa aos demandantes; o grau de diferenciação do produto e as condições de entrada no mercado.

¹ BAIN (1968), RESENDE, Marcelo. Medidas de Concentração Industrial: Uma Resenha. *Análise Econômica*, [Rio de Janeiro], Ano 11, p. 24-33, 1994. Cópia disponibilizada pelo orientador.

Pinho e Vasconcellos (2003) listam que as estruturas básicas são: o monopólio, onde um único vendedor fixa o preço; a concorrência perfeita; a concorrência monopolista e o oligopólio. Quadro 1 resume as quatro estruturas de mercado citadas pelos autores.

Quadro 1 - Estruturas de Mercado

Característica	Concorrência Perfeita	Monopólio	Concorrência Monopolística	Oligopólio
Quanto ao número de empresas	Muito grande	Só há uma empresa	Grande	Pequeno
Quanto ao produto	Homogêneo. Não há diferenciação	Não há substitutos próximos	Diferenciado	Pode ser homogêneo ou diferenciado
Quanto ao controle das empresas sobre os preços	Não há controle de preços	As empresas têm grande poder sobre os preços	Pouca margem de manobra, devido a existência de substitutos próximos	Embora dificultado pela interdependência entre as empresas, estas tendem a formar cartéis controlando preços e cotas de produção.
Quanto à concorrência extra preço	Não é possível nem seria eficaz	Não existe	Intensa	Intensa
Quanto às condições de ingresso na indústria	Não há barreiras.	Barreiras de acesso de novas empresas.	Não há barreiras.	Barreiras ao acesso de novas empresas.

Fonte: Adaptado pelo autor, a partir de Vasconcellos e Garcia (2003, p. 78).

2.1.1 Concorrência Perfeita

A estrutura de mercado de concorrência perfeita é aquela em que não existe qualquer forma de coordenação entre as empresas atuantes em determinado mercado. As decisões são tomadas de forma descentralizada, onde as empresas são tomadoras de preço e estão sujeitas plenamente as forças do mercado (MELO, 2013).

Segundo Melo (2013), o setor é definido como um grupo de empresas que produzem um produto homogêneo e é composto por um grande número de empresas, grandes ou não, mas sem poder de mercado. A autor afirma que no modelo de competição perfeita não devem existir barreiras à entrada e saída de empresas da indústria ou mercado. Segundo o modelo, as empresas buscam sempre a maximização dos lucros e os fatores de produção têm livre mobilidade em toda economia e não há assimetria de informação, ou seja, a informação é livre e sem custos e não há intervenção governamental.

2.1.2 Monopólio

Monopólio é a estrutura de mercado em que existe apenas uma empresa produtora no mercado. Tal empresa domina o mercado, sendo que a demanda da empresa é igual a demanda do setor, ou seja, não há alternativa aos consumidores além do monopolista. A empresa monopolista impõe o preço aos consumidores e possibilita auferir lucros extraordinários (MELO, 2013)

Melo (2013) enumera as quatro hipóteses básicas do modelo de monopólio: um único produtor, produto sem bens substitutos próximos, existência de barreiras à entrada e objetivo da empresa em maximizar os lucros. O lucro é maximizado quando a receita marginal é igual ao custo marginal.

O poder de monopólio resulta em preços mais altos e quantidades produzidas mais baixas, ou seja, a situação dos consumidores piora e a situação das empresas melhora (PINDYCK; RUBINFELD, 2010).

2.1.3 Concorrência Monopolística

Dado as críticas dos modelos de concorrência perfeita e monopolista não explicarem fatos do mundo real e as hipóteses de ambos modelos não considerarem fatores da realidade como a inexistência de produtos homogêneos de fato, assim como fatores como propaganda e fidelidade dos consumidores, surgiu o modelo de concorrência monopolística. Outra crítica é que a expansão da produção das empresas em concorrência perfeita com custos decrescentes não aumentava o poder destas empresas no mercado (MELO, 2013).

Conforme Melo (2013), o modelo de concorrência monopolística procura conciliar aspectos do monopólio e da competição perfeita. Este modelo tenta combinar o poder de mercado dos agentes com a hipótese de lucro econômico zero a longo prazo.

2.1.4 Oligopólio

Oligopólio é um tipo de estrutura geralmente caracterizada por um número reduzido de empresas que dominam a oferta de mercado. No oligopólio, tanto as quantidades ofertadas quanto os preços são estabelecidos entre as empresas através de acordos ou cartéis. As empresas que

formam o oligopólio normalmente discutem suas estruturas de custos, embora tal fato não ocorra em relação as estratégias de produção e marketing. A existência de oligopólios pode ocorrer com produtos homogêneos ou com produtos diferenciados (VASCONCELLOS; GARCIA, 2003).

Segundo Vasconcellos e Garcia (2003), os modelos existentes partem da premissa que as empresas maximizam o lucro total, onde a receita marginal iguala o custo marginal. No caso de estruturas de oligopólio, a teoria supõe que a empresa maximiza o *mark-up*, que significa a margem entre a receita e os custos da produção.

Possas (1985)² apud Carvalho (2000) estabelece padrões de estrutura de mercado de oligopólio:

- a) Oligopólio concentrado: caracteriza-se pela ausência de diferenciação dos produtos uma vez que há predominância de produtos homogêneos. Em decorrência de alta especialização, poucas empresas detêm fatias de mercado relevantes e a competição por preços é reduzida. A grande concentração ocorre em função de economias de escala e/ou descontinuidades técnicas importantes que geram barreiras à entrada de concorrentes em potencial, aumento do aporte inicial de investimentos e determinado controle do conhecimento técnico e/ou acesso aos insumos básicos necessários. Considerando a sua inserção produtiva, os oligopólios concentrados são responsáveis pela produção de insumos básicos e bens de capital pouco padronizados. Possuem elevada densidade capital/produto e seu investimento inicial é elevado, estabelecendo uma forte barreira à entrada;
- b) Oligopólio diferenciado: caracteriza-se pela diferenciação dos produtos fabricados. A fim de manter a estabilidade do setor e o risco baixo, a concorrência de preços não é prática comum deste padrão de estrutura de mercado. Está associada a mercados de bens de consumo durável e não duráveis e o esforço competitivo está dirigido a publicidade e comercialização quando se trata de produtos existentes, ou investimentos em P&D quando associado a produtos novos. Neste tipo de mercado, as barreiras de entrada estão associadas as economias de escala de diferenciação e

² POSSAS (1985), CARVALHO, David. F. Padrões de concorrência e Estruturas de mercado do capitalismo: (uma abordagem neo-shumpeteriana). **Paper do NAEA**, [Belém], v. 142, p. 1-15, 2000. Cópia disponibilizada pelo orientador.

são mais eficientes por dificultar o ingresso de concorrentes em potencial do que pelo investimento mínimo necessário a implantação de uma planta industrial;

- c) Oligopólio diferenciado – concentrado: caracteriza-se por combinar as características do oligopólio concentrado e do oligopólio diferenciado. Esta combinação resulta em uma estrutura de competição baseada na diferenciação e produtos combinados com economias técnicas de escala mínima, ligada em diferentes graus à produção de bens duráveis de consumo que satisfaz o mercado. Consequentemente, os graus de concentração destes mercados são mais elevados comparados aos do oligopólio diferenciado e com uma densidade razão/capital/produto inferior ao oligopólio concentrado. As barreiras de entrada ocorrem pelas economias técnicas de escala e pelas economias de diferenciação, embora as primeiras tenham maior relevância;
- d) Oligopólio competitivo: caracteriza-se pela concentração elevada da produção, dado que algumas empresas possuem fatias significativas do mercado e pela chance de as empresas utilizarem a competição baseada em preço para aumentarem suas fatias em um mercado onde convivem um número relevante de empresas marginais. Esta estrutura de mercado é vista em diversas atividades, tais como bens de consumo não-duráveis e bens intermediários. A política de preços acompanha as regras de *mark-up*, existindo uma liderança e um acompanhamento da demanda por parte das empresas líderes. A competição de preços ocorre por parte de empresas seguidoras que buscam aumentar suas fatias de mercado sobre empresas marginais. Neste mercado, a taxa de ampliação da capacidade instalada tende a seguir o crescimento exógeno do mercado, ao mesmo tempo que sua estrutura se mantenha estável, sujeita a mudanças cíclicas de concentração nas diferentes fases do ciclo econômico.

Abaixo, o Quadro 2 apresenta as principais características dos tipos de oligopólio apresentados anteriormente.

Quadro 2 - Tipos de Oligopólio

Tipo de Oligopólio	Características
Oligopólio Concentrado	Produtos homogêneos Competição de preços reduzida Barreiras de entrada relacionadas a economias de escala
Oligopólio diferenciado	Diferenciação de produtos Não há concorrência de preços Barreiras de entradas ligadas as técnicas de produção
Oligopólio Diferenciado - Concentrado	Concentração elevada Diferenciação de produtos Barreiras de entrada relacionadas as técnicas de produção e/ou economias de escala
Oligopólio Competitivo	Concentração elevada Ocorre diversas atividades Competição de preços ocorre por parte de empresas líderes

Fonte: Adaptado pelo autor partir de Possas (1985) Nota: apud Carvalho (2000)

Pinho e Vasconcellos (2003) afirmam que o princípio fundamental dos oligopólios está na interdependência econômica. Caso todos os produtores fossem importantes, ou possuísem fatia significativa do mercado, as decisões sobre o preço e produção de equilíbrio são interdependentes, dado que a decisão de um produtor influencia o comportamento econômico dos outros produtores.

Acerca da formação de preços sob oligopólio, Souza (2003) afirma que o estabelecimento de guerra de preços é altamente prejudicial para as empresas. Caso exista uma firma dominante no mercado, esta determinará sua demanda a cada nível de preço, baseada na informação das quantidades ofertadas pelas outras firmas do setor.

Costa (2012) complementa afirmando que formação de preços em uma estrutura de mercado oligopolista ocorre pela capacidade das empresas definirem o comportamento da demanda e previsão de iniciativas e respostas a seus potenciais concorrentes no mercado. A existência de barreiras à entrada de novas empresas em um oligopólio decorrem de alguns fatores: a existência de grandes economias de escala; as diferenciações de produto em função de ações de venda e publicidade; as vantagens competitivas em relação aos custos de empresas já estabelecidas e novas

empresas, especialmente relacionados a acesso a tecnologias, fornecedores e clientes; aos fatores de caráter institucional como patentes, franquias, contratos com o setor público etc.

Costa (2012, p.442) cita:

A estrutura básica dos mercados bancários, no Brasil, é caracterizada pela coexistência de poucos grandes bancos com um grande número de bancos menores que constituem uma franja. Aqueles são definidos como, os que, na ordem do ranking, conjuntamente, controlam mais da metade dos depósitos totais. Esta estrutura de mercado é sustentada por investimentos competitivos em qualidade de serviços prestados. O nível de qualidade oferecido eleva-se de acordo com o tamanho de mercado, e os bancos dominantes providenciam maior qualidade do que os bancos marginais.

O detalhamento da estrutura de oligopólio neste capítulo decorre em função da afirmação de Costa (2012) que considera o setor bancário um oligopólio diferenciado e fortemente concentrado.

2.2 CONCENTRAÇÃO DE MERCADO

Segundo Kon (1999, p. 47), a análise do desenvolvimento das sociedades capitalistas fundamenta-se na observação do crescente processo de concentração do capital, que implicou a elevação do tamanho médio da unidade produtiva e em crescente oligopolização das firmas. A autora cita a importância da intermediação com objetivo de empregar o capital monetário, via crédito, para outros setores da economia, principalmente o produtivo. Entretanto, tal movimento não ocorre necessariamente e tende a aumentar a centralização de capitais, ou seja, são empregados como capital financeiro.

Kon (1999, p. 59) afirma que “A mensuração da concentração fornece os elementos empíricos necessários para a avaliação da situação de competição de um mercado e para as comparações intertemporais que permitam examinar a dinâmica do processo de mercado do lado da oferta”.

A autora indica alguns aspectos que dificultam a operacionalidade dessa medida, tais como: a definição do mercado podendo referir-se a um determinado produto, a bens substitutos ou similares e regiões determinadas; inclusão ou não de importações e exportações na mensuração; diferenciação entre estabelecimento e empresa; a definição do indicador adequado a ser utilizado como base na medição; e a disponibilidade de informações adequadas.

Kon (1999) afirma que os indicadores utilizados como base de mensuração de concentração seguem normalmente três critérios: capacidade produtiva, número de empregados e os ativos possuídos. O uso de diferentes variáveis para mensuração dos índices poderá resultar em diferentes resultados e que os diferentes métodos conhecidos são utilizados para enfatizar algum aspecto particular da concentração. Segundo a autora, uma análise detalhada necessita da utilização complementar de diversas medidas. O uso de distintas variáveis para a mensuração dos índices pode resultar em diferentes resultados.

Os bancos, com o crescimento da indústria e atendendo a função de crédito, buscam a concentração crescente do seu capital próprio a fim de garantir a estabilidade de suas atividades perante os clientes (KON, 1999).

A concentração e centralização do capital levam ao desenvolvimento de estruturas de mercado que, ao longo do tempo, tornam-se oligopolizadas ou monopolísticas, tal combinação entre empresas, objetiva dominar tal mercado. Este processo resulta na redução do número de empresas, ou seja, gera um alto grau de centralização e cria condições favoráveis para o surgimento de cartéis, trustes e fusões (KON, 1999).

O cartel constitui em um acordo entre empresas concorrentes para comum atuação no mercado com o objetivo de adequar comportamentos de controle de preços e consequente rigidez dos mesmos. Caracteriza-se pela independência financeira dos seus membros e não há um controle central, mas tão somente um comprometimento com as práticas de preços e oferta de bens (KON, 1999). O truste decorre da renúncia da empresa mais fraca de sua independência econômica, operando via acordos, observada a limitação da independência das empresas envolvidas (KON, 1999).

Conforme Kon (1999), a concentração pode ser analisada a partir de dois enfoques baseados no contexto da moderna teoria das empresas. A primeira delas é a concentração global, que consista em parcela da produção ou vendas da economia como um todo. A segunda é através da concentração de mercado, relacionada à parcela de mercado compreendido por um número relativamente pequeno de empresas de um setor ou de um determinado mercado.

Outra característica de análise importante a respeito da concentração de mercado é a sua avaliação, que pode ser estática – considerada em um determinado ponto no tempo - ou dinâmica, onde é observado o comportamento de crescimento ou decréscimo durante certo período de tempo (KON, 1999).

Desta forma, segundo a autora, as consequências sobre a competição em um determinado mercado não devem ser observadas e avaliadas apenas em relação à quantidade de empresas envolvidas e nos efeitos sobre a formação de preços e dos níveis de produção, mas inclusive sobre a desigualdade nos tamanhos das empresas, sobre a capacidade de inovação e acerca das barreiras à entrada de novas empresas. As alterações dos níveis de concentração de um setor decorrem de determinantes que alteram o poder dos agentes individuais. Exemplos dessas mudanças são a adoção de estratégias das empresas líderes, nas economias de escala das empresas, tamanho e evolução do mercado, fusões ou qualquer ação que afete as condições de entrada de novas firmas no mercado.

Em contrapartida, conforme Kon (1999), a alta concentração pode resultar em um nível mais eficiente de produção, gerando economias de escala, maior desenvolvimento tecnológico, redução dos custos e preços. Segundo a autora, a alta concentração não necessariamente reflete em ineficiência ou práticas de oligopólio, uma vez que as firmas líderes, dada suas condições privilegiadas de mercado buscam inovações tecnológicas.

Segundo Pindyck e Rubinfeld (2010), a existência de diversas empresas reduz a possibilidade de uma delas influenciar de maneira significativa o preço de mercado. Na situação de existirem duas ou três empresas atuando no mercado, nenhuma dessas empresas poderá elevar o preço com lucro se existe uma forte concorrência entre elas, uma vez que cada uma delas procura obter uma maior fatia do mercado.

A concorrência no mercado financeiro possui aspectos de maior complexidade comparados ao resto da economia. Assim como na indústria, a concentração no setor bancário reduz a eficiência. Contudo, a concentração bancária também afeta a estabilidade do próprio setor bancário de forma distinta do que o setor industrial. De qualquer maneira, independente do setor industrial ou bancário, o aumento da concorrência aumenta eficiência na alocação dos recursos (ALLEN; GALE, 2003).

A principal forma de concorrência é o preço, entretanto, no setor bancário trata-se da taxa de juros cobrada pelos bancos aos clientes. Na situação de uma competição agressiva, existe uma redução das taxas de juros cobradas pelos bancos, e conseqüentemente com lucros. Quando o setor bancário evita a concorrência agressiva, existe uma rigidez de preços e há uma forma de liderança de preço. Nos EUA, os bancos cobram das grandes empresas a chamada *prime rate*, sendo o instrumento principal para a liderança de preço. As condições da *prime-rate* é modificada quando

há mudanças no mercado e tal taxa serve de parâmetro para outras taxas cobradas. A alteração da *prime-rate*, quando realizada por um banco é acompanhada pelos diversos bancos do setor. Tal liderança pode ser conduzida por diversos bancos de forma alternada (PINDYCK; RUBINFELD, 2010).

Allen e Gale (2003) afirmam que a ideia de *trade-off* entre concorrência e estabilidade levam à necessidade de aumento da regulação bancária para assegurar a coexistência da competição e estabilidade. Segundo os autores, o instrumento mais utilizado é o requisito de capital mínimo. Desta maneira, os banqueiros são forçados a dispor de um significativo montante de capital e conseqüentemente assumir maiores riscos. O Acordo de Basileia de 1988 impôs aos bancos controles de capital que equalizariam as condições de competição dos bancos e reduziria o incentivo à exposição a riscos. Os autores afirmam que a os efeitos da regulação na concorrência e na estabilidade financeira é complexo e multifacetado.

Beck, Kunt e Levine (2003) afirmam que crises são mais improváveis em sistemas bancários nas seguintes situações: cenários de setores bancários mais concentrados; em países com baixa regulação que restringem a competição bancária e suas atividades; e economias com instituições sólidas que encorajem a competição e respeite os direitos sobre propriedade. Portanto, segundo os autores, concentração e competição reduzem a fragilidade do sistema bancário. Segundo Miriam, Farazi e Kanz (2013), um alto grau de concentração, mensurado, por exemplo, pelo *market-share* das maiores instituições financeiras, tende a impactar negativamente na eficiência da intermediação financeira.

O grau de competição e estabilidade do sistema bancário depende além das barreiras de entrada inerentes ao mercado, às relacionadas à restrição capital estrangeiro e regulações restritivas, mas inclusive a atuação de outros tipos de instituições financeiras atuantes no mercado, tais como companhias de seguro e corretoras de valores (LEAVEN, 2013).

De acordo com Berger, Klapper e Turk-Ariss (2008), o setor bancário tem papel fundamental na economia, pois reflete cenários de estabilidade ou instabilidade para outros setores da economia dado que a fluxo de capitais, os mecanismos de pagamentos, o volume crédito disponível é conduzido pelos bancos. Os autores afirmam que os reguladores, na busca de preservar a estabilidade do setor bancário adotam medidas que evitem o aumento da competição no setor.

As barreiras de entrada no mercado financeiro diminuíram em função dos os avanços tecnológicos, regulatórios e institucionais. Tais avanços possibilitaram o surgimento de fontes

alternativas de financiamento e liberdade no trânsito de capitais, reduzindo o monopólio da informação e criando novos canais entre credores e devedores. Em contrapartida, o surgimento de grandes conglomerados financeiros pode alterar o nível de competição do setor bancário, dado de que os ganhos de escala e escopo, a representatividade dentro do mercado e sua interdependência com todo o sistema acarretam em uma consistente barreira de entrada a novos agentes no mercado (MARTINS, 2011).

Segundo Berger, Klapper e Turk-Ariss (2008), as instituições bancárias com maior poder de mercado podem se expor a maiores riscos relacionados ao portfólio de empréstimos. À medida que os bancos aumentam seu poder de mercado, seu respectivo valor de mercado também aumenta. Pode-se considerar que tal aumento decorre do capital intangível dado o aumento de concentração na atuação do setor. Dado esta condição, os bancos tendem a não se expor a riscos elevados e serem prudentes em suas estratégias com objetivo de se manter na atividade. Por outro lado, os autores afirmam que os bancos com maior poder de mercado também podem expor-se mais a riscos. Dada a ideia de “competição-fragilidade”, os bancos como maior poder de mercado, e a falta de competitividade do setor, estes cobrarão taxas de juros mais elevadas.

Kon (1999) afirma que a concentração é vista como um dos determinantes estruturais mais importantes da competição. Pelas teorias neoclássicas, considerando suposições restritivas, indicam que um setor constituído por um número reduzido de grandes firmas prejudica a competição, uma vez que elas tendem a agir de maneira interdependente em relação à tomada de decisões em qualquer aspecto. Segundo Carvalheiro e Tavares (1985), a análise do grau de concentração é uma das formas mais comuns de caracterizar a estrutura de uma determinada indústria.

As diversas técnicas utilizadas para mensuração da concentração são usadas com o objetivo de focar determinado aspecto da concentração. Certas medidas relacionam-se ao um setor industrial como um todo, enquanto outras levam em consideração apenas um número restrito das empresas mais representativas. Os resultados da comparação entre as diferentes medidas podem ser conflitantes, entretanto cada medida revela aspectos específicos da situação, assim como uma medida não demonstra todos os aspectos da concentração. Todavia, diversos testes empíricos revelam alto grau de correlação entre as diferentes medidas (KON, 1999).

2.3 ÍNDICES DE CONCENTRAÇÃO

Resende (1994) discute a possibilidade de a estrutura de mercado ser aproximada pelo cálculo de índices de concentração. Segundo o autor, a literatura existente não fornece uma definição simples e clara de estrutura de mercado, mas sim um conjunto de características relacionadas a oferta e demanda dos bens.

A utilização de índices de concentração busca resumir em um único indicador um conceito com diversas dimensões, entretanto é necessária análises complementares de outros índices de concentração para melhores conclusões (RESENDE, 1994)

Conforme Resende (1994), os índices de concentração, quanto a sua utilização, podem ser classificados como parciais ou sumários. O primeiro grupo utiliza apenas parte dos dados relacionados a totalidade das empresas que compõem os dados, enquanto os índices relacionados ao segundo grupo levam em conta a totalidade da população amostral.

A mensuração da concentração disponibiliza os componentes empíricos necessários para avaliação do cenário de competição de um determinado mercado e a possibilidade de estabelecer comparações intertemporais com objetivo de verificar a dinâmica daquele mercado (KON, 1999).

Segundo Resende e Boff (2013), “[...] os índices de concentração pretendem fornecer um indicador sintético da concorrência existente em determinado mercado [...]” (RESENDE; BOFF, 2011, p.55).

De acordo com Resende e Boff (2013), medidas de concentração buscam identificar se os agentes econômicos possuem um comportamento dominante em determinado mercado, sendo que os indicadores calculados apresentam as participações dos agentes em determinado mercado conforme critérios de ponderação distintos. Tais indicadores possibilitam verificar a significância do poder de mercado de determinado setor.

Dado o assunto tratado neste trabalho, destaca-se a escolha do indicador adequado a ser utilizado como base de mensuração. No caso do setor bancário, diversos índices podem ser tomados como base para o estudo. As medidas mais utilizadas acerca à mensuração da concentração são a Relação de Concentração (índices parciais), o Índice Herfindahl-Hirschman e o Coeficiente de Entropia de Theil (índices sumários).

2.3.1 Razões de Concentração

A Razão de Concentração calcula a proporção representada por um número fixo das maiores firmas do setor em relação ao total do setor considerando indicadores mencionados previamente como base. Geralmente é levado em consideração as três ou quatros maiores firmas. (KON, 1999).

$$CR(k) = \sum_{i=1}^n P_i \quad (1)$$

Quanto maior o valor do índice, maior é o poder de mercado pelas k maiores empresas (RESENDE; BOFF, 2011).

O índice da razão de concentração pode ser classificado conforme os graus de concentração apresentado na Tabela 1:

Tabela 1 - Graus de Concentração CR(k)

% das maiores 4 empresas do setor	% das maiores 8 empresas do setor	Grau de Concentração
75% ou mais	90 % ou mais	Muito elevado
65% - 75%	85% - 90%	Elevado
50% - 65%	70% - 85%	Moderadamente elevado
35% - 50%	45% - 70%	Moderadamente baixo
35% ou menos	45% ou menos	Baixo

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de Bain (1968)

O índice pondera igualmente todas as firmas possibilitando, sendo que a existência ou desaparecimento de firmas pequenas pode gerar efeitos sobre a competição, a relação C é incapaz de demonstrar tais transformações (KON, 1999). Resende e Boff (2011) afirmam que a razão de concentração ignora a presença de empresas menores na indústria e que fusões horizontais ou de mercado que ocorrem entre elas, não mudarão o valor do índice caso o resultado se manter abaixo da k-ésima posição. No caso das empresas maiores, transferências de mercado que ocorram dentro do grupo das k maiores não alteram a índice de concentração.

Kon (1999) apresenta outra limitação quanto à Relação de Concentração. Tal índice não considera o número total de firmas, não apresentando a distribuição relativa das dimensões entre as firmas além não ser possível verificar a mobilidade do tamanho das firmas comparativamente em diferentes períodos. Segundo Resende e Boff (2013), essas limitações dificultam a utilização como medida do poder de mercado no setor.

2.3.2 Índice de Herfindahl-Hirschman

O índice de Herfindahl-Hirschman (HH) é dividido pela soma dos quadrados da participação de cada firma em relação ao tamanho total da indústria e leva em conta todas as firmas do setor (KON, 1999).

$$HH = \sum_{i=1}^n P_i^2 \quad (2)$$

A existência de apenas uma firma, o índice assume o valor máximo. Quanto maior for o índice, maior será a concentração do setor, portanto, menor a concorrência entre as firmas (RESENDE; BOFF, 2011). Conforme Kon (1999), o índice de Herfindahl-Hirschman é um bom indicador da situação de mercado também em comparações intertemporais, uma vez que o do índice aumenta com o crescimento da desigualdade entre as firmas.

O índice de Herfindahl-Hirschman leva em conta o tamanho relativo das firmas, sendo que as firmas menores contribuem menos que proporcionalmente para o valor do índice, uma vez que o indicador Pi é elevado ao quadrado. Na tabela 2 verificamos como o índice é analisado.

Tabela 2- Níveis de Concentração HH³

Índice HH	Nível de concentração
$0 \leq HH < 0,100$	Setor desconcentrado.
$0,100 \leq HH < 0,180$	Setor com moderada concentração
$HH > 0,180$	Setor com elevada concentração

Fonte: Adaptado pelo autor com base em na Circular 22.366 do BACEN (2012)

Segundo Resende e Boff (2013), o índice de Herfindahl-Hirschman também é utilizado por agências Antitruste para avaliar tanto o valor pós-fusão quanto ao aumento do índice resultante da fusão ou aquisição. Tal avaliação ocorre com o objetivo de identificar as fusões ou aquisição que possam ser nocivas ao ambiente de concorrência, assim como efeitos potencialmente prejudiciais em determinado aumento de concorrência.

Resende (1994) aponta que o índice HH tem a limitação que, à medida que n se altera, seu limite inferior (1/n) também se altera, dificultando as comparações intertemporais. Dado esta circunstância, ajustes nos índices são necessários quando o número de empresas ao longo do período varia. O índice H em relação a sua amplitude de variação é definido como:

$$H' = \frac{n}{n-1} H \quad \text{para } n > 1 \quad (3)$$

³ Conforme Conselho Administrativo de Concorrência (CADE) através da Resolução nº 2, de 29 de maio de 2012 onde disciplina a notificação dos atos de que trata o artigo 88 da Lei nº 12.529, de 30 de novembro de 2011, prevê procedimento sumário de análise de atos de concentração e dá outras providências (CADE, 2011, 2012). Resende e Boff (2011) também especificam a utilização do IHH para restringir processos que aumentem os níveis de concentração de determinada empresa, mesmo que os parâmetros relacionados no Quadro 1 sejam respeitados.

Nesta situação, os limites inferior e superior passam a ser $1/(n-1)$ e $n/(n-1)$ respectivamente. Desta forma, os valores limites se alteram em função de n , entretanto, a amplitude da variação é constante e idêntica à unidade (RESENDE, 1994):

$$\frac{n}{n-1} - \frac{1}{n-1} = 1 \quad (4)$$

Pode-se realizar o ajuste que torna a amplitude de variação independente de n utilizando a seguinte fórmula:

$$H'' = \frac{1}{n-1} [nH - 1] \quad \text{para } n > 1 \quad (5)$$

Dessa forma, os limites inferior e superior de H'' serão 0 e 1, respectivamente, e serão independentes de n , desta forma o H'' torna-se uma medida importante para comparações intertemporais (RESENDE, 1994).

2.3.3 Índice de Entropia de Theil

O Índice de Entropia de Theil (ET) possibilita comparar o grau de concentração das indústrias em diferentes períodos. O valor representa o inverso da concentração, sendo que seu valor reduz à medida que a concentração aumenta e pode ser utilizado para determinar o grau de incerteza de um mercado. Quando $E=0$, todas as firmas apresenta a mesma participação no mercado, ou seja, a incerteza é minimizada. O índice terá como amplitude $0 \leq ET \leq \ln(n)$. O limite inferior (concentração máxima) é igual a 0. Tal situação representa a situação de monopólio, quando existe apenas uma empresa (RESENDE; BOFF, 2011).

$$ET = \sum_{i=1}^n P_i \log \frac{-1}{P_i} \quad (6)$$

Pode-se realizar uma versão ajustada do índice de entropia para que sua amplitude de variação torna-se unitária, com $0 \leq T' \leq 1$ (RESENDE e BOFF, 2011).

$$T' = -\frac{1}{\ln(n)} \sum_{i=1}^n s_i \ln(s_i) \quad (7)$$

2.3.4 Propriedades dos índices de Concentração

Encaoua e Jacquemin (1980) apud Resende e Boff (2013) propuseram cinco propriedades consideradas básicas que bons índices de concentração devem atender. As propriedades estão discriminadas no Quadro 3.

Quadro 3 - Propriedades de um bom índice

Propriedades	Características
Princípio da transferência	Considera que se uma empresa maior ocupar parte do mercado atendido por uma empresa menor, o índice de concentração pode aumentar
Minimalidade em simetria	Considera que o índice de concentração deve apresentar valor mínimo no caso simétrico, quando todas as empresas possuem iguais parcelas do mercado
Critério de Lorenz	Caso dois setores com o mesmo número de empresas e parcelas de mercado, e respectivamente, a primeira ter domínio sob a segunda, a concentração da primeira deverá ser superior do que a segunda
Não decrescimento em fusões horizontais	Considera que fusões horizontais não são positivas para a concentração, ou seja, a concentração ex-post é superior ou igual a concentração ex-ante
Não crescimento em simetria	Considera que em um determinado setor com empresas de mesmo tamanho onde exista adequação perfeita à entrada de nova empresa, o respectivo índice de concentração não aumenta

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Encaoua e Jacquemin (1980) apud Resende e Boff (2013, p.64)⁴

⁴ ENCAOUA, D.; JACQUEMIN, A. Degree of monopólio, indices of concentration and threat of entry, International Economic Review, 21, 87-105.

Considerando as cinco propriedades, Encaoua e Jacquemin (1980) apud Resende e Boff (2013) concluem que os índices de Herfindahl-Hirschman e o índice entropia de Theil verificam a todas as propriedades listadas, portanto, são considerados bons índices de concentração. O índice das razões de concentração $CR(k)$ não atende o primeiro e quarto requisito (para $k=1, 2, \dots, n-2$), mas atendem as restantes, possibilitando a análise de concentração das k maiores firmas do mercado.

2.3.5 Fatores que modificam os índices de concentração

Segundo Kon (1999), as mudanças nos níveis de concentração podem ocorrer pelas seguintes razões:

- a) Crescimento interno das empresas já existentes, afetando e diferenciando o tamanho das mesmas;
- b) Fusões e outras formas de concentração de outras empresas que junte em uma mesma propriedade;
- c) Redução do tamanho do mercado para um determinado produto, considerando que as maiores empresas possuem mais capacidade de sobrevivência;
- d) Formação de joint ventures entre as empresas independentes.

Em contrapartida, Kon (1999) cita que a diminuição da concentração pode ocorrer se os fatores a seguir ocorrerem, uma vez que atuam no sentido contrário da concentração:

- a) Entrada de novas empresas, aumentando a quantidade de empresas no setor;
- b) Crescimento do tamanho do mercado;
- c) Saída de uma ou mais empresas e o acentuado crescimento de empresas de porte médio ou pequeno;
- d) Diminuição dos custos de transporte domésticos ou internacionais, assim como de outras tarifas ou restrições ao comércio.

Kon (1999) afirma que empresas grandes, quando reduzem seus custos em função de economias de escala decorrentes de alguma inovação, terão uma tendência natural de expandir-se

em relação as outras empresas, uma vez que a acumulação interna tende a aumentar em taxas crescentes à medida que aumenta sua vantagem competitiva. Caso a taxa de acumulação seja alta o suficiente para ultrapassar a taxa da indústria como um todo, haverá aumento do grau de concentração do setor dado que as empresas menores terão uma perda de sua participação relativa no mercado, assim como a eliminação das empresas menores não aptas a se manter no mercado.

Kon (1999) afirma que níveis de concentração podem resultar em níveis de eficiência de produção, gerando economias de escala, maior desenvolvimento tecnológico e redução dos custos e preços.

Dada a importância das fusões e aquisições para esta pesquisa, os conceitos deste item estão detalhadamente expostos nesta subseção como visto a seguir.

A fusão consiste no desaparecimento das antigas firmas e surgimento de uma nova entidade comercial. A interdependência das firmas é completamente extinta através da compra de uma firma por outra e a unificação do capital sob direção única (KON, 1999).

As razões para a compra de uma empresa por outra podem ocorrer pela possibilidade de obtenção e ampliação de economias de escala quando se encontram em tamanho abaixo do ótimo em relação aos custos; existência de complementaridades que possam existir entre as empresas; possível aceleração do crescimento e segurança com a aquisição de uma firma em operação, economizando tempo necessário para a aquisição de novos produtos e conhecimentos; possibilidade de domínio do mercado com a eliminação de empresas concorrentes; e favorecimento do preço das ações no mercado acionário pelo fato de reunião de capitais em uma única firma (KON, 1999).

Martelanc, Pasin e Pereira (2009) reforçam o posicionamento anterior e afirmam que as fusões e aquisições ocorrem por possibilitarem ganhos com economias de escala, aumento do poder de mercado perante clientes e fornecedores, remoção de concorrentes em potencial, novos canais de distribuição e utilização de estruturas, diversificação do risco, etc.

Os custos relacionados ao processo de aquisição de outra empresa estão associados as avaliações acerca possíveis consequências do processo em relação a competitividade das empresas, complementariedade das suas atividades, facilidades fiscais, etc. Uma parcela considerável das fusões e aquisições ocorre pela possibilidade de acesso à ativos e competências complementares entre as empresas (BRITTO, 2002).

Segundo Martelanc, Pasin e Pereira (2009) as fusões e aquisições são formas de melhorar o desempenho da administração ou de atingir algum tipo de sinergia que aumente a eficiência, além de aumentar a participação de mercado da empresa. Os autores afirmam que as fontes de sinergia são superiores em transações horizontais, ou seja, aquelas que envolvam o mesmo setor, dada a semelhança das atividades, normas, procedimentos, possibilitando redução de despesas e de capital.

3 BREVE HISTÓRICO E PANORAMA DO SETOR BANCÁRIO BRASILEIRO

Neste capítulo serão apresentados um breve histórico do setor bancário brasileiro assim como o panorama atual do setor. O capítulo abordará em suas subseções os processos de formação e reestruturação do setor bancário brasileiro. O capítulo também abordará aspectos da crise internacional. Por fim, serão apresentadas as fusões e aquisições ocorridas no setor.

3.1 BREVE HISTÓRICO DO SETOR BANCÁRIO

O desenvolvimento bancário brasileiro acompanha o crescimento do Sistema Financeiro Nacional Brasileiro. Desde a criação do Banco do Brasil em 1808, houve uma grande evolução e significantes mudanças estruturais no setor bancário brasileiro decorrentes de intervenção pública e de aspectos do mercado. Estas próximas subseções abordarão estes pontos.

3.1.1 Formação do Setor Bancário Brasileiro

Segundo Fortuna (2014), o modelo bancário trazido pelo Império português no século XIV foi o modelo europeu. A atividade bancária era restrita a atividades básicas de um banco comercial de depósitos e empréstimo (descontos). Os serviços bancários existentes atingiam uma pequena parcela da população. Apenas na metade século XX, grandes transformações ocorreram em decorrência de um progresso acentuado e reflexos do pós-guerra.

Costa (2012, p. 15-16) sintetiza o fenômeno bancário brasileiro conforme as seguintes fases, conforme exposto no Quadro 4:

Quadro 4 - Histórico do Setor Bancário

Período	Panorama
1808-1905	Indefinição da atuação pública sobre o padrão monetário e atuação do Banco do Brasil.
1905-1930	Atuação de bancos estrangeiros e criação de moeda bancária.
1930-1945	Socialização das perdas bancárias, proteção a bancos brasileiros e atuação dos bancos públicos para fomento e indução de desenvolvimento.
1945-1964	Início processo de concentração e criação de novas instituições financeiras voltadas para o desenvolvimento.
1964-1988	Medidas de fortalecimento e modernização do sistema bancário brasileiro através de reformas monetária, habitacional e do mercado de capitais que induziram ainda mais a concentração internacionalização dos bancos públicos e privados nacionais.
1988-1994	Período de liberalização financeira e abertura à entrada de capital externo, criação de bancos múltiplos.
1995-2002	Crise bancária com a liquidação dos bancos privados nacionais e privatização de bancos estaduais, assim como reestruturação patrimonial das instituições financeiras públicas federais, concentração e desnacionalização bancária.
2003-2006	Bancarização e acesso facilitado ao crédito, ganhos de economia de escala que elevaram a competitividade dos bancos
2007-2011	Processos de concentração bancária através de fusões, associações e aquisições entre bancos para atingir escala de competição internacional.

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Costa (2012, p. 15-16).

Segundo Costa (2012), até o 1920, o Brasil possuía bancos, mas não possuía um sistema bancário. A existência de uma gestão bancária ganhou força em 1920, quando da criação da Inspeção Geral dos Bancos, ficando responsável por fiscalizar e disciplinar as instituições de crédito. No ano seguinte, foi estabelecido a câmara de compensações, aumentando a utilização dos cheques e a carteira de descontos do Banco do Brasil. Tais mudanças institucionais geraram condições favoráveis para ampliação da oferta da moeda através do multiplicador bancário. O poder de criação de moeda pelo sistema bancário fortaleceu os bancos.

O Banco do Brasil foi o primeiro banco do Brasil. Criado em 12 de outubro de 1808 e conhecido como “banco do governo”, iniciou suas atividades em 11 de dezembro de 1809, exerceu o papel de autoridade monetária até 1945, através da execução de atividades fundamentais para a

dinâmica do capital e promoção do setor industrial brasileiro. Em 1945, o controle monetário passou a ser exercido pela Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc (CAMARGO, 2009).

A criação da Sumoc (Superintendência da Moeda e do Crédito), através do Decreto Lei 7.293 de 1945 substituiu a deficiente Inspeção Geral de Bancos de 1920 com objetivo de controlar o mercado monetário. Em conjunto, foram criados instrumentos de controle do volume de crédito e dos meios de pagamento, o chamado depósito compulsório. Em função desta reestruturação, diversos bancos pararam de operar e ocorreram diversas fusões e incorporações. Este processo saneou e trouxe solidez ao Sistema Financeiro Nacional (FORTUNA, 2014).

Fortuna (2014) afirma que apenas a partir dos anos cinquenta houve uma solidificação do setor bancário brasileiro, dado as perspectivas econômicas da época. Neste período houve uma propagação dos bancos, embora existisse uma fraca capacidade administrativa-empresarial de gerenciamento dos bancos brasileiros.

Conforme estudo de Carvalheiro e Tavares (1985), após 1964, houve uma diminuição no número de estabelecimentos bancários. Mudanças profundas na estrutura institucional da economia brasileira ocorreram com as promulgações da Lei da Reforma Bancária (Lei 4.595, de 31 de dezembro de 1964) e a Lei do Mercado de Capitais (Lei 4.728, de 14 de julho de 1965). A lei da Reforma Bancária criou o Conselho Monetário Nacional com objetivo de organizar a questão monetária no país controlando a moeda e o crédito, centralizando e definindo a política monetária e de crédito do país. Tal medida também definiu que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico fosse o principal instrumento de execução da política de investimento do governo federal, criou o Banco Central do Brasil, e regulamentou as diferentes instituições de intermediação, inclusive as integrantes do Sistema Financeiro de Habitação – SFH (FORTUNA, 2014).

Fortuna (2014) aponta importantes aspectos das modificações ocorridas no setor bancário brasileiro após 1965 em decorrência da Reforma Bancária de 1964 (Lei 4.595, de 31/12/64) e a Reforma do Mercado de Capitais (Lei 43728, de 14/07/65). A nova regulamentação buscava modernizar o papel dos bancos, juntando as características do modelo europeu, onde os bancos eram os principais agentes do sistema financeiro e operavam todas as modalidades de intermediação financeira como o modelo americano, caracterizado pela especialização das atividades.

Entre os anos de 1967 e 1968, foi posto em prática medidas com objetivo de concentrar o sistema bancário brasileiro, culminando em 1971, na criação da Comissão de Fusão e Incorporação de Empresas (COFIE). Tais medidas buscavam reduzir os custos operacionais dos bancos através de uma suposta existência de economias de escala na atividade bancária resultando em menores taxas de juros para os tomadores de recursos. Segundo os autores, em pouco mais de dez anos, o número de bancos se reduziu em quase 70%, consolidando a formação de conglomerados financeiros liderados por bancos comerciais (CARVALHEIRO; TAVARES, 1985).

As novas normas estabeleciam que os bancos ficariam com o segmento de capital de giro e outras operações de curto prazo. Foram criados os bancos de investimento em 1965 e as associações de poupança e empréstimo em 1969. O Banco do Brasil tornou-se um banco comercial misto, com operações também de longo prazo (FORTUNA, 2014).

Ainda em 1969, ocorreram a unificação das caixas econômicas Federais em uma única empresa pública, assim como a expansão da atuação do Banco do Brasil no Exterior. A partir de 1971, ocorreu o processo de concentração bancária, conduzido pela Comissão de Fusão e Incorporação de Empresas (Cofie). Tal processo tinha o objetivo de fortalecer o setor bancário (COSTA, 2012).

Até a década de 70, o setor financeiro possuía uma forte regulação em todo o mundo. A regulação ocorreu em função da crise de 1929, que, visando prevenir novas crises sistêmicas e problemas dos sistemas de pagamentos baseados na utilização de depósitos a vista, incorreu em medidas forte de regulação bancária a partir de 1930 e durante o regime de Bretton Woods. Tais medidas garantiram a estabilidade do sistema financeiro até a década de 70 (COSTA, 2012).

A partir de 1970, houve um processo de liberalização e desregulamentação em diversos países do setor de serviços financeiros. A redução do Estado, as inovações tecnológicas e o surgimento da securitização e derivativos foram elementos que acentuaram a consolidação de serviços financeiros e os processos de fusões e aquisições de instituições financeiras. Tal processo se acentuou na década de 90, indicando um processo de concentração bancária relevante. (CARVALHO, 2007⁵ apud CAMARGO, 2009).

⁵ CARVALHO, F. J. C 2007. "Estrutura e Padrões de Competição no Sistema Bancário Brasileiro: Uma Hipótese para Investigação e Alguma Evidência Preliminar". In: Paula, L. F.; Oreiro, J. L. (Org.). **"Sistema Financeiro. Uma Análise do Setor Bancário Brasileiro"**. 1 ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2007, p.103-123.

Segundo Costa (2012) o processo de reestruturação do sistema bancário brasileiro já ocorria desde os planos Cruzado e Bresser, passando pela liberalização de 1988 e atingindo a intervenção em bancos estaduais e privados. As privatizações, as desnacionalizações e a concentração bancária foram consequências deste processo. O autor considera a privatização do Banespa o marco principal dos ajustes do sistema financeiro nacional, aumentando assim a competição e a concentração do mercado.

Com a Constituição de 1988, houve o impedimento de instituições estrangeiras se instalarem no Brasil, assim como ampliarem sua participação do capital estrangeiro nas instituições bancárias no Brasil, exceto em situações de acordos internacionais ou de interesse do governo brasileiro. Todavia, não houve proibição da expansão operacional do capital estrangeiro, permitindo assim a mudança de 26 instituições não bancárias de capital estrangeiro em banco múltiplos que possuíam carteira comercial. Em contraponto, os organismos internacionais (Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio) pressionavam pela abertura dos mercados bancários domésticos, especialmente dos países emergentes (ROCHA, 2002⁶ apud CAMARGO, 2009)

No Brasil, em 1988, a Resolução 1.524, de 22/09/88 possibilitou às instituições financeiras se organizarem como uma única instituição com personalidade jurídica, os denominados bancos múltiplos (FORTUNA, 2014).

3.1.2 Medidas Governamentais de Estruturação do Setor Bancário

Desde 1994, início do Plano Real, houve uma redução do número de bancos no Brasil em decorrência de liquidações, incorporações, fusões e mudanças de controle acionário que ocorreram a partir deste período, juntamente com alterações adotadas pelo Banco Central do Brasil em relação à legislação e supervisão bancária. O Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro (PROER) e do Programa de Incentivo à Redução do Setor Público Estadual na Atividade Bancária (PROES) possibilitaram a entrada de bancos estrangeiros e forçaram ajustes dos sistemas financeiros público e privados. Um função de tais mudanças houve uma profunda modificação no modelo operacional adotado pelos bancos antes do Plano Real, sendo substituída

⁶ ROCHA, F. A. S. “Evolução da Concentração Bancária no Brasil (1994--2000)”. Notas Técnicas do Banco Central do Brasil n. 11, novembro de 2001. . “Desnacionalização Bancária no Brasil (1997-2000)”. Tese (Mestrado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

a receita inflacionária por aumento das receitas advindas de intermediação e por receita de serviços, através de cobrança de tarifas (COSTA, 2012).

Fortuna (2014) reforça afirmando que o fim dos ganhos fáceis do *floating*, os bancos brasileiros necessitavam buscar novas fontes de receita. Além disso, os bancos tiveram de lidar com processos de reestruturação e globalização que trouxe bancos estrangeiros para o setor bancário brasileiro, e, portanto, aumentando a competição. Neste período os bancos passaram a sementar os grupos de clientes a partir de suas características e oferecendo novos produtos para cada segmento.

Corazza (2000) resume tal período da seguinte forma:

O Plano Real teve impactos profundos no sistema bancário nacional, a partir da ameaça de uma crise sistêmica provocada pela quebra de mais de cem instituições de pequeno e médio porte e principalmente dos três grandes bancos colocados no topo do ranking nacional. O sistema bancário viu-se forçado a mudar sua forma de financiamento, substituindo as receitas inflacionárias por receitas de intermediação financeira, de serviços e de tarifas. De modo geral, o sistema mostrou-se ágil e adaptou-se rapidamente à nova forma de operação.

Segundo Fortuna (2014), o processo de globalização, a abertura econômica e o Plano Real, em conjunto com o Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro (PROER) e do Programa de Incentivo à Redução do Setor Público Estadual na Atividade Bancária (PROES) e a adesão do Brasil aos acordos de Basiléia, os processos de saneamento, privatizações e fusões de bancos foram determinantes para a revolução dos métodos da atividade bancária brasileira.

Anterior à introdução do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro (PROER), foram implementadas algumas medidas importantes. O Conselho Monetário Nacional modificou, através da Resolução nº 2.212, de 16.11.95 a fórmula de cálculo do Patrimônio Líquido Ajustado (PLA) com vistas a sua compatibilização com o grau de risco da estrutura de seus ativos. Buscou-se estabelecer desta maneira uma relação inversa entre o tempo de funcionamento de uma instituição financeira e o nível de exposição dos seus ativos ao risco. Desta forma, novas instituições que ingressam no mercado necessitavam ter perfil mais conservador na composição de seus ativos. Com a Resolução 2.208/95 foi implementado Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro (PROER) (BACEN, 2014).

O PROER tinha como principal objetivo ordenar a fusão e incorporação de bancos a partir de regras ditadas pelo Banco Central, possibilitando a atuação preventiva da entidade nestes

processos. A necessidade se deu em decorrência de incapacidade das instituições financeiras de promover de maneira espontânea os ajustes necessários para sobrevivência no novo cenário econômico e incorriam em grandes perdas financeiras e sociais dada as inúmeras liquidações de bancos brasileiros após o Plano Real (BACEN, 2014).

Aliado ao PROES e com objetivo de fortalecer o Sistema Financeiro Nacional (SFN), foi editada a Medida Provisória (MP) 1.556, de 19.12.96, atualizada pela Lei 1.612-20, de 05.02.98, que estabeleceu mecanismos de incentivo à redução da presença do setor público estadual na atividade financeira bancária. Delegou-se ao Conselho Monetário Nacional poderes para baixar normas, conforme sua competência, para, preferencialmente, mediante a privatização, extinção ou transformação em instituição não financeira, incluindo também agências de fomento, criar condições para a reestruturação dos intermediários financeiros estaduais. Em 28.02.97 foi editada a Resolução nº 2.365 que instituiu o Programa de Incentivo à Redução do Setor Público Estadual na Atividade Bancária (PROES) (BACEN, 2014).

A busca em reduzir de riscos do setor bancário brasileiro e promover a diminuição do setor público estadual no setor bancário podem ser vistos pelas diversas medidas adotadas pelo governo. As Resoluções nº 2.139/94, 2.262/96 e 2.399/97 alteraram a metodologia de cálculo do patrimônio líquido buscando alinhar o modelo de determinação de capital aos riscos de mercado. As Resoluções nº 2.347/96 e 2.574/98 regulamentaram a constituição e o funcionamento das agências de fomento. Outra medida de fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional, foi a aprovação e regulamentação do estatuto e constituição do Fundo Garantidor de Créditos, através da Resolução 2.211, de 16.11.95 (BACEN, 2014).

Rocha (2001) conclui em seu estudo que, durante o período de 1994 a 2000, houve uma tendência de concentração acentuada quando considerado os grupos bancários, especialmente no setor privado onde a reestruturação foi mais intensa. O autor salienta o programa de fortalecimento das instituições financeiras federais (Proef) anunciado em junho de 2001, indicando reflexos relevantes nos índices de concentração na direção oposta dos obtidos em seu estudo dada sua previsão de redução dos ativos totais e das operações de crédito na Caixa Econômica Federal. Em contrapartida, a capitalização dos bancos públicos federais deveria aumentar o patrimônio líquido das instituições para que os depósitos totais não fossem afetados pelo programa.

No âmbito operacional, novos produtos só puderam ser desenvolvidos em decorrência da implantação do Sistema de Pagamentos Brasileiro – o SPB e criação das Transferências Eletrônicas

Disponíveis (TED), boletos eletrônicos de cobrança compensados em tempo real. Tais mecanismos possibilitaram aos bancos operarem de maneira mais arrojada e menos arriscada (FORTUNA, 2014).

3.1.3 A crise e seus desdobramentos

A crise mundial, originada pela securitização de títulos financeiros (Certificados de Recebíveis Imobiliários) dos Estados Unidos e pela inadimplência dos mutuários dos imóveis em decorrência do aumento das taxas de juros e desvalorização dos imóveis contaminaram toda a economia mundial. A venda do créditos imobiliários no mercado secundário, aglutinados na forma de títulos e que serviram de base para criação de derivativos no mercado futuro se espalharam por todo mercado interbancário e gerou uma crise sistêmica de ordem mundial (FORTUNA, 2014).

Os bancos internacionais incorreram em grandes perdas financeiras, especialmente os bancos de investimento que foram estatizados pelos governos dos Estados Unidos. Uma crise de confiança sem precedentes se instaurou no mercado. Aliado ao aumento dos preços das *comodities* e a falta de crédito no mercado, o setor industrial cortou investimentos que elevaram a recessão e altas taxas de desemprego nas economias desenvolvidas (FORTUNA,2014).

No Brasil, a crise financeira afetou muito a competitividade dos pequenos e médios bancos. As captações de recursos se reduziram dada a corrida de bancos de mesmo porte em resgatar os depósitos a prazo temendo um efeito de insolvência de outros bancos semelhantes. Com isso, as opções de captação destes bancos se reduziram a vender suas carteiras de crédito (especialmente os consignados), dispor no mercado de capitais Fundos de Investimento em Direitos Creditórios (FIDC), captar recursos do exterior ou abrir seu capital na bolsa de valores (COSTA, 2012).

Durante este período, houve uma redução nas margens de lucros dos bancos, reduzindo o volume de concessão de novos empréstimos durante o ápice da crise. Tais consequências atingiram também os grandes bancos e as empresas de primeira linha (COSTA, 2012).

A atuação do Banco Central foi importante, promovendo mudanças nas regras dos depósitos compulsórios, o que injetou R\$ 91 bilhões no mercado em apenas dois meses, chegando a R\$ 272 bilhões ao final de setembro de 2008. As medidas preventivas adotadas pelo Banco Central possibilitaram que os 91 menores bancos comerciais, do total de 101, deixassem de recolher depósitos compulsórios sobre depósitos a prazo, aumentando o fluxo de recurso para bancos

pequenos e médios, enquanto os grandes bancos possuíam recursos em caixa a fim de atender suas necessidades (COSTA, 2012).

Durante o período de crise, as ações negociadas em bolsa de valores se encontravam em patamares muito baixos, gerando grandes oportunidades relacionadas a possíveis processos de fusões e aquisições. O Bradesco e o Itaú tinham suas ações sendo negociadas por aproximadamente uma vez e meia do seus valores patrimoniais. O Unibanco tinha suas ações negociadas aproximadamente ao seu valor patrimonial, enquanto os bancos pequenos e médios, estavam precificadas abaixo de seus valores patrimoniais. Tal cenário foi aproveitado por Itaú e Unibanco que anunciaram sua fusão em 03 de novembro de 2008 (COSTA, 2012).

Em declaração, o presidente do Itaú, Roberto Setubal, afirmou que o agravamento da crise financeira internacional teve influência sobre a decisão de fusão com o Unibanco, intensificando as negociações do acordo. Segundo o presidente, havia necessidade de fortalecimento das instituições, o que de fato acelerou a negociação e gerou apoio dos acionistas (COSTA, 2012).

Costa (2012) afirma que a fusão entre Itaú e Unibanco em novembro de 2008 deu continuidade ao processo de concentração bancária no Brasil. O processo de fusão, além de isolar o Itaú como maior banco nacional, possibilitou este a expandir suas operações para o mercado internacional. Segundo o autor, a fusão era a fórmula que os bancos brasileiros encontraram para aumentar sua participação no mercado internacional. No exterior, a crise, assim como no Brasil, também elevou os níveis de concentração bancária, sendo que as maiores aquisições se concentraram nos Estados Unidos, embora também vinha ocorrendo na Europa.

Como consequência da crise, após uma grande queda dos preços dos ativos - que reduziram as margens de garantia em termos reais – houve um corte expressivo no crédito. Tal cenário de queda na cotação dos ativos possibilitou aumento dos processos de fusões e aquisições (COSTA, 2012).

Considerando tal cenário, constatava-se que a presença ativa do Estado seria fundamental para a adequação do funcionamento do mercado. A atuação anticíclica dos bancos públicos, através da Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e BNDES a partir de 2008, reagindo ao estreitamento de crédito no auge da crise financeira, foi essencial na disponibilização de crédito durante o período crítico da crise. Entre setembro de 2008 e junho de 2010, o saldo das operações de crédito dos bancos públicos cresceu 63,9% acima dos bancos privados nacionais e estrangeiros (COSTA, 2012).

O crescimento acentuado do nível de atividade em 2010 e a os sinais de recuperação econômica no período pós-crise não foram suficientes para fortalecer as instituições financeiras de pequeno e médio porte. Os aumentos dos custos de captação pela redução de oferta por parte dos maiores bancos, indicavam um possível aumento da concentração no setor bancário brasileiro. A possibilidade de resolver tal situação através de uma concentração horizontal, onde bancos médios comprariam bancos médios e pequenos era debilitada, dado que a combinação de dois bancos com dificuldades não resultaria em um banco forte. A possibilidade de negociação do ingresso de fundos estrangeiros seria uma alternativa (COSTA, 2012).

Em fato relevante anunciado ao mercado em janeiro de 2010 pelo Banco do Brasil, o banco informou que, com anuência do Tesouro Nacional, estava finalizando estudos para aumento do seu capital social entre R\$ 8 bilhões e R\$ 10 bilhões com o objetivo de “sustentar o crescimento futuro da instituição, preservando o controle acionário da União” (BANCO DO BRASIL, 2014).

Em 23 de abril de 2010, a Medida Provisória nº 487 autorizou o aumento de capital em empresas estatais. No mesmo ano, o Decreto nº 7.184, autorizava o aumento de capital social do Banco do Brasil através da emissão de até 286.000.000 ações ordinárias, mediante oferta pública de distribuição primária de ações (BRASIL, 2010).

No caso da Caixa Econômica Federal, o decreto nº 7.653 de 23 de dezembro de 2011 e o decreto nº 7.880 de 28 de dezembro de 2012, autorizaram o aumento de R\$ 500 milhões e R\$ 5,4 bilhões, respectivamente, do capital da instituição pelo Tesouro Nacional (BRASIL, 2011, 2012).

Além disso, outra sinalização importante das consequências da crise financeira internacional no processo de consolidação bancária da edição da medida provisória 443, autorizando o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal a adquirirem bancos privados (COSTA, 2012).

3.1.4 Cenário recente

Em 2014, o Sistema Financeiro Nacional possuía 1540 instituições. Deste total, 132 eram bancos, 1115 eram cooperativas de crédito, quatro bancos de fomento e 289 instituições não-bancárias, conforme Tabela 3. Ao longo da série histórica, verifica-se uma redução no número de instituições do SFN. Considerando o total de instituições financeiras participantes, houve uma redução de aproximadamente 18% entre os anos de 2004 e 2014. No caso dos bancos comerciais, bancos de investimento, bancos múltiplos e caixas econômicas houve uma redução de aproximadamente 3%. A grande parte da redução decorre da diminuição das Cooperativas de Crédito no sistema.

Tabela 3 - Número de Instituições Participantes no SFN

Ano	BI	BII	BIII	BIV	N	TOTAL
2004	108	28	1411	4	331	1882
2005	104	27	1416	4	337	1888
2006	104	26	1442	4	320	1896
2007	101	28	1440	4	298	1871
2008	101	31	1438	4	294	1868
2009	100	32	1394	4	289	1819
2010	101	33	1352	4	292	1782
2011	101	32	1329	4	295	1761
2012	99	34	1214	4	268	1619
2013	97	34	1192	4	282	1609
2014	96	36	1115	4	289	1540

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014).

Notas: **Instituições Bancárias Independentes/Conglomerados I (BI)**: Instituições financeiras dos tipos Banco Comercial, Banco Múltiplo com Carteira Comercial ou Caixa Econômica; **Instituições Bancárias Independentes/Conglomerados II (BII)**: Instituições financeiras dos tipos Banco Múltiplo sem Carteira Comercial e Banco de Investimento; **Instituições Bancárias Independentes/Conglomerados III (BIII)**: Cooperativas de Crédito; **Instituições Bancárias Independentes IV (BIV)**: Instituições financeiras dos tipos Banco de Desenvolvimento; **Instituições Não-Bancárias Independentes/Conglomerados (N)**: Demais instituições financeiras, exceto aquelas qualificadas como Instituições Bancárias Independentes I, II ou IV e Cooperativas de Crédito.

Do ponto de vista geográfico, vide tabela 4, a grande parte das matrizes de bancos comerciais, bancos de investimento, bancos múltiplos e caixas econômicas concentram-se no estado de São Paulo, seguido do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Entretanto, considerando o tamanho dos bancos - analisados por seus ativos totais, depósitos totais e patrimônio líquido - o Distrito Federal, em função das sedes do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal estarem estabelecidas em Brasília, ocupa o segundo lugar.

Tabela 4 - Concentração Geográfica – 2014

Estado	Quantidade de IFs (BI+BII)	% por Estado	Variáveis		
			Ativo Total	Depósitos Totais	Patrimônio Líquido
SP	83	62,88%	52,59%	41,53%	67,64%
RJ	13	9,85%	2,58%	1,67%	4,38%
RS	9	6,82%	1,52%	2,46%	1,64%
MG	7	5,30%	0,43%	0,78%	0,53%
PR	7	5,30%	2,72%	3,23%	2,76%
DF	4	3,03%	38,88%	48,68%	21,45%
BA	2	1,52%	0,06%	0,03%	0,13%
PA	2	1,52%	0,27%	0,40%	0,46%
PE	2	1,52%	0,01%	0,02%	0,01%
CE	1	0,76%	0,62%	0,62%	0,72%
ES	1	0,76%	0,26%	0,45%	0,22%
SE	1	0,76%	0,06%	0,15%	0,06%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2014)

O panorama atual da participação dos bancos públicos no setor bancário brasileiro pode ser visto na Tabela 5. Considerando as diferentes variáveis, observamos que a parcela de bancos públicos representa um grande percentual dos ativos totais, depósitos totais. Os bancos privados nacionais são os que mais lucram no sistema financeiro brasileiro com mais de 63% do lucro líquido em 2014.

Tabela 5 – Bancos Públicos e Privados - Variáveis e Participação em 2014

Ano 2014	Público	%	Privado Nacional	%	Privado com Controle Estrangeiro	%
Ativo Total	2.490.903.633	40,67%	2.522.566.005	41,18%	1.111.786.451	18,15%
Depósitos Totais	943.912.611	51,16%	636.199.609	34,48%	264.965.239	14,36%
Patrimônio Líquido	113.483.932	23,90%	241.673.090	50,89%	119.767.096	25,22%
Lucro líquido	5.093.154	31,45%	10.212.264	63,07%	886.524	5,48%
Número de Bancos	9	6,82%	61	46,21%	62	46,97%

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2014)

(Milhares de R\$)

Na tabela 6 estão listados os quatro bancos de desenvolvimento brasileiros. Destaca-se o Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES). Seu volume de ativos é elevado e demonstra o papel importante que desempenha na economia brasileira.

Tabela 6 - Bancos de Desenvolvimento

Instituições	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
BNDES	RIO DE JANEIRO	RJ	823.501.811	17.336.532	41.221.840	1.927.963
BD REGIONAL DO EXTREMO SUL	PORTO ALEGRE	RS	13.009.440	-	2.052.862	56.848
BCO DES. DE MG S.A.	BELO HORIZONTE	MG	6.038.443	55.303	1.802.760	6.827
BCO DES. DO ES S.A.	VITORIA	ES	1.545.154	62.324	265.515	6.776

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2014)

(Milhares de R\$)

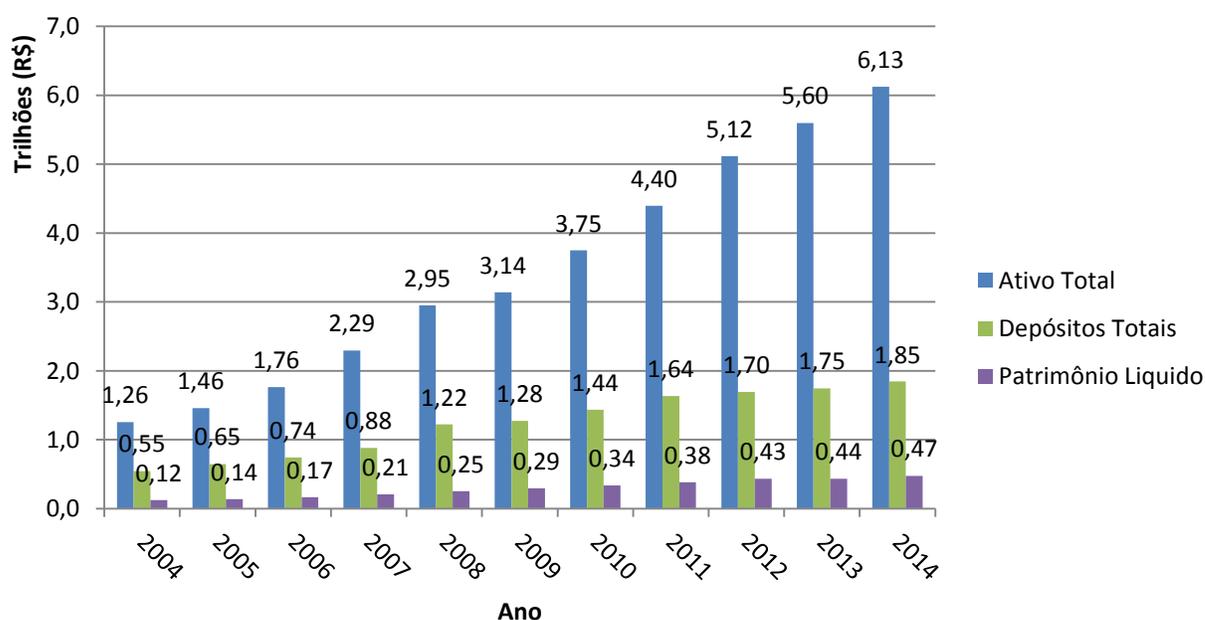
Segundo Fortuna (2014), o BNDES é a instituição responsável pela política de investimentos de longo prazo do Governo Federal e tem como principais objetivos: alavancar o desenvolvimento econômico e social do país, fortalecer o semente empresarial brasileiro, reduzir desequilíbrios regionais, integrar as atividades primárias, secundárias e de serviços através de

financiamentos e promover a aumento de a diversificação das exportações do país. O BNDES, durante os mandatos de Collor, Itamar e FHC, foi responsável por gerenciar os processos de privatização das empresas estatais.

Em segundo lugar, aparece o Banco Regional do Extremo Sul (BRDE), banco este que fomenta atividades nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Na terceira posição está Banco Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG) e seguido pelo o Banco Desenvolvimento do Espírito Santo (BDES) que fomentam atividades em seus respectivos estados.

Conforme a evolução histórica apresentada no início deste capítulo, o Gráfico 1 apresentado a seguir, apresenta o acentuado crescimento do setor bancário brasileiro desde 2004 através das variáveis de ativo total, depósito total e patrimônio líquido. Todas as variáveis se elevaram, com destaque o crescimento acentuado dos ativos totais dos bancos, que em 2004 eram de aproximadamente R\$ 1,26 trilhão e alcançaram R\$ 6,13 trilhões em 2014. O crescimento do patrimônio líquido dos bancos, saindo de R\$ 0,12 trilhão em 2004 para R\$ 0,47 trilhão em 2014, representaram um aumento superior a 386% no período. Os depósitos totais, em 2004, foram de R\$ 0,55 trilhão e cresceram para R\$ 1,85 trilhão em 2014, ou seja, mais que triplicaram no período.

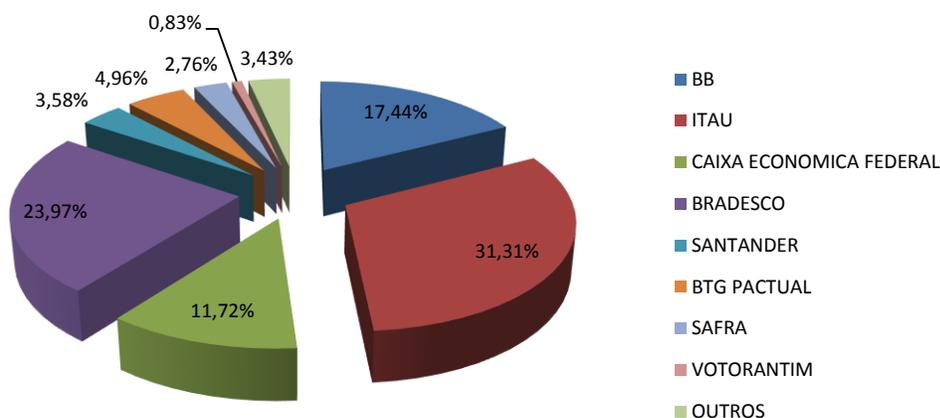
Gráfico 1 - Evolução das Variáveis 2004-2014



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

O Gráfico 2 apresenta os percentuais do lucro líquido acumulado dos oito maiores bancos do setor brasileiro até setembro de 2014. Os dados mostram a elevada participação do Itáú no total dos lucros do setor, atingindo aproximadamente 31%, seguido pelo Bradesco (24%) e Banco do Brasil (17%). O gráfico identifica uma grande concentração dos lucros nos quatro maiores bancos do setor e uma dominância do setor privado, representados por Itáú e Bradesco, dos setor em relação aos lucros obtidos.

Gráfico 2 - Lucro Líquido 2014 (Jan-Set)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2014)

Os dados ilustram o processo de crescimento do setor bancário brasileiro durante o período pesquisado. Considerando a metodologia utilizada a ser apresentada no quarto capítulo da pesquisa, a redução da quantidade de instituições bancárias (de 136 para 132) e o aumento das variáveis ao longo período pesquisado, tem-se indicativos que os níveis de concentração tenham aumentado no setor.

Fortuna (2014) afirma que a tecnologia bancária facilitou o desenvolvimento de novos produtos e o posicionamento mercadológico dos bancos é cada vez mais complexo dada todas as variáveis do mercado, tais como o mercado-alvo, escolha de tecnologias, logística de distribuição de produtos e serviços e a relação de custos, benefícios e resultados em relação aos riscos envolvidos.

Segundo Fortuna (2014), os bancos brasileiros vêm diminuindo sua capacidade em decorrência da concentração bancária. O autor cita que em 2008, a concentração bancária brasileira

passou de baixa para moderada, reflexo da crise financeira que forçou os bancos pequenos e médios a vender suas carteiras de crédito para bancos maiores. O autor afirma a ferramenta mais utilizada pelos órgãos de defesa da concorrência foi o Índice de Herfindahl-Hirschman (HH) para alcançar tal conclusão.

Segundo o autor, o setor brasileiro rompe a fronteira que separava mercados de baixa concentração para mercados de moderada concentração. Além disso, após 2008, o comportamento dos clientes também se alterou segundo o autor. Os clientes cada vez mais preferem bancos locais em detrimento aos multinacionais e a fidelização dos clientes se reduziu enquanto a utilização dos canais de internet, terminais eletrônicos e bancos correspondentes cresceu (FORTUNA, 2014).

3.2 FUSÕES E AQUISIÇÕES (F&A)

Os processos de fusões e aquisições são significativos e importantes no setor bancário, uma vez que impactam diretamente sobre os níveis de concentração. Segundo Faria, Paula e Marinho (2006) o setor bancário brasileiro passou por um processo acentuado de mudanças desde o processo de reestruturação promovido pelo governo em resposta a ameaça de crise ocorrida em 1995. A crise do México em 1995 e a crise asiática de 1997 refletiram de forma negativa nos sistemas bancários dos países emergentes em decorrência dos efeitos das crises cambiais.

Os autores afirmam que o processo de reestruturação procurou ajustar o setor bancário às recomendações do Primeiro Acordo de Capital do Comitê da Basileia, por meio de liquidações e privatizações de bancos públicos conforme o Programa de Incentivo para a Reestruturação do Sistema Financeiro Estatal (Proes) que incentivou a fusão, incorporação e transferência do controle acionário para bancos privados, assim como a liquidação de muitos deles através do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer) que também permitiu o ingresso de bancos estrangeiros através da compra de bancos em difícil situação. Este processo provocou um aumento considerável de fusões e aquisições (F&As) (ver anexo A). O resultado disso foi uma importante consolidação do setor, significativa redução do número de bancos e maior concentração do mercado.

No Quadro 5, verifica-se as principais fusões, incorporações e aquisições entre os anos de 2004 e 2014. Destaca-se como mais importante movimento de mercado deste período, a fusão entre Itaú e Unibanco⁷ realizada em 2008, dois dos maiores bancos brasileiros.

Quadro 5 - Principais Fusões, Incorporações e Aquisições entre 2004-2014

Instituição Compradora	Instituição Comprada	Ano
Bradesco	Banco do Estado do Maranhão (BEM)	2004
Itaú	Banco AGF	2004
Unibanco	BNL/AS	2004
Bradesco	BEC	2006
Itaú	Bank Boston	2006
Bradesco	Alvorada	2006
Itaú	Citicard	2006
Bradesco	Banco American Express	2006
UBS	Pactual	2006
American Express S.A	Banco Bankpar S. A	2006
Bradesco	Banco BMC	2007
Société Générale	Banco Cacique	2007
Santander	ABN Amro Real	2008
BNP Paribas	Banco BGN	2008
Itaú	Unibanco	2008
Banco do Brasil	Banco do Estado de Santa Catarina (BESC)	2009
Banco do Brasil	Banco Nossa Caixa	2009
Banco do Brasil	Banco de Brasília	2009
Banco do Brasil	Banco do Estado do Piauí	2009
Banco do Brasil	Votorantin	2009
Banco do Brasil	Banco Postal	2011
BTG Pactual	Banco PanAmericano	2011
Grupo JBS	Banco Matone	2011
Banco BMG	Banco Schahin	2011
Construction Bank of China	BicBanco	2013

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do BACEN (2004-2014) e Costa (2012)

Também destacam-se as seguintes aquisições. A compra do ABN Amro Bank pelo Santander e a aquisições do Banco Estadual de Santa Catarina pelo Banco do Brasil em 2009. Em 2013, o segundo maior banco da China, o Construction Bank of China, adquiriu o Banco Industrial e Comercial S.A (BicBanco), após o aval dado pelo Banco Central do Brasil.

⁷ Anunciada em 03 de novembro de 2008, a fusão entre Itaú e Unibanco foi autorizada sem restrições pelo Secretaria de Acompanhamento Econômico (Seae) do Ministério da Fazenda, Secretaria de Direito Econômico (SDE) do Ministério da Justiça, Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), omissão de Valores Mobiliários (CVM), e do Banco Central. (BC “solidez do sistema financeiro nacional na atual conjuntura do mercado financeiro internacional”. Fonte: Froufe (2010).

Tais fusões e aquisições vão ao encontro dos resultados obtidos por Costa (2012). O autor analisou o padrão competitivo entre os bancos brasileiros e conclui que considerando a alta bancarização da população economicamente ativa e a disputa acirrada de carteiras de cliente, os bancos com maior poder de mercado recorrem as aquisições e fusões bancárias para aumentar suas participações.

Reforçando o posicionamento de Costa (2012), Britto (2002) afirma que as operações e aquisições entre empresas do mesmo setor impactam diretamente sobre o poder de mercado das mesmas.

Embora não seja considerada uma aquisição ou fusão, em 2011, o Banco do Brasil ganhou a licitação de parceria com o Banco Postal⁸, antes utilizada pelo Bradesco, para a utilizar a capilaridade nacional dos Correios como correspondente bancário. Tal operação não impacta diretamente os níveis de concentração bancária a serem analisados neste trabalho, entretanto traz uma importante vantagem competitiva ao Banco do Brasil em relação a sua capilaridade, o que a longo prazo poderá refletir em poder de mercado junto ao setor.

8 “Os correspondentes são empresas contratadas por instituições financeiras e demais instituições autorizadas pelo Banco Central para a prestação de serviços de atendimento aos clientes e usuários dessas instituições. Entre os correspondentes mais conhecidos encontram-se as lotéricas e o banco postal. As próprias instituições financeiras e demais autorizadas a funcionar pelo Banco Central podem ser contratadas como correspondente”. (BACEN; 2014)

4 ANÁLISE DA CONCENTRAÇÃO DO SETOR BANCÁRIO

Considerando o referencial teórico apresentado no segundo capítulo e o breve histórico do setor bancário apresentado no terceiro capítulo, este capítulo analisa a concentração bancária brasileira entre os anos de 2004 e 2014. O objetivo deste capítulo é apresentar e explicar as alterações que ocorreram nas concentrações utilizando diferentes indicadores de concentração e variáveis. O capítulo inicia com a metodologia e a fonte de dados utilizada na pesquisa. Em seguida, os índices de concentração são determinados e analisados. Ao final, é apresentada uma síntese da análise dos dados.

4.1 METODOLOGIA E FONTE DE DADOS

Esta seção descreve os métodos e a fonte de dados utilizados para realização desta pesquisa a fim de atingir os objetivos propostos.

Kon (1999) afirma que os indicadores utilizados como base de mensuração de concentração seguem normalmente três critérios: capacidade produtiva, número de empregados e os ativos possuídos. O uso de diferentes variáveis para mensuração dos índices poderá resultar em diferentes resultados e que os diferentes métodos conhecidos são utilizados para enfatizar algum aspecto particular da concentração. Segundo a autora, os bancos, com o crescimento da indústria e atendendo a função de crédito, buscam a concentração crescente do seu capital próprio a fim de garantir a estabilidade de suas atividades perante os clientes.

Considerando as observações da autora, esse estudo realizou um levantamento bibliográfico acerca da evolução do setor bancário. Após isto, as variáveis foram definidas e seus dados foram descritos, coletados e calculados para determinar os níveis de concentração conforme referencial teórico apresentado no segundo capítulo. Posteriormente, os resultados obtidos foram analisados, considerando a evolução dos índices calculados e sua relação com a evolução histórica do setor. Ao final foram apresentadas as conclusões do estudo.

A escolha das variáveis foi realizada pela importância que tais variáveis têm na constituição dos bancos e nas suas respectivas estruturas, assim como a disponibilidade dos dados ao longo do período pesquisado. As variáveis utilizadas consistem na representatividade dos bancos dentro do setor e sua capacidade de garantir suas atividades e realizar novos negócios. Além do mais,

representam a capacidade de concentrar ativos, montante total de depósitos captados juntos aos clientes e o volume de capital constituído por investidores. Desta forma, as variáveis utilizadas foram o ativo total, o total de depósitos e o patrimônio líquido.

O ativo total é composto pelo ativo circulante e realizável a longo prazo e o ativo permanente. Esta variável representa os direitos que o banco possui. O ativo circulante compreende os valores que estão disponíveis para utilização imediata ou valores conversíveis em moeda corrente a qualquer tempo. O ativo realizável a longo prazo possui as mesmas características do ativo circulante, mas seu prazo de realização é superior a um ano (MATARAZZO, 2007).

O total de depósitos compreende o somatório de todos os depósitos captados junto aos clientes. Este engloba os depósitos à vista, depósitos à prazo, depósitos em poupança, depósitos interfinanceiros e demais depósitos. A captação de recursos possibilita aos bancos realizar sua função de intermediação financeira (BACEN, 2014).

O patrimônio líquido representa os recursos dos acionistas (dinheiro ou bens) disponibilizados pelos acionistas ao banco para realizar suas atividades. Também pode ser gerado por contas de reservas ou de lucros acumulados (MATARAZZO, 2007).

Segundo a Kon (1999), uma análise detalhada necessita da utilização complementar de diversas medidas. Considerando esta observação da autora, os índices de concentração utilizados nesta pesquisa foram os índices das razões de concentração de quatro, oito e dezesseis maiores instituições bancárias (CR4, CR8 e CR16), dado que tais índices representam aproximadamente 70%, 85% e 90%, respectivamente, de todas as variáveis calculadas na pesquisa.

Também foi utilizado o índice Herfindahl-Hirschman (HH), que, conforme a mesma autora, é um bom indicador da situação de mercado também em comparações intertemporais, uma vez que o índice aumenta com o crescimento da desigualdade entre as firmas. De maneira complementar ao índice anterior, foi determinado o índice e Hirschman-Herfindahl ajustado (H') a fim de adequar o índice em decorrência da variação do número de bancos ao longo do tempo e finalmente o índice de Entropia de Theil, que, segundo Resende e Boff (2004) que possibilita também comparar o grau de concentração das empresas em diferentes períodos.

Os dados foram coletados junto ao Banco Central do Brasil (BACEN). Entre os anos 2004 e 2008, os dados disponibilizados pelo BACEN não discriminavam todos as instituições financeiras do Sistema Financeiro Nacional (SFN), sendo apresentado de forma individualizada apenas os cinquenta maiores bancos do setor e o somatório total dos demais bancos.

A partir de 2009, os dados disponibilizados pelo BACEN discriminavam individualmente todas instituições financeiras. Portanto, a análise do Índice Hinfirdal e índice de Entropia de Theil entre 2004-2008 possui limitações decorrentes da restrição da fonte dos dados, embora tal limitação não inviabilize a análise e os resultados do estudo. Os dados de 2014 são referentes até ao mês de setembro, última atualização disponibilizada pelo BACEN quando foi realizada a pesquisa.

Considerando os dados coletados e a metodologia utilizada, as instituições financeiras⁹, conforme o BACEN, são classificadas como independentes ou conglomerados, públicos ou privados. Segundo o BACEN (2014), as instituições bancárias do Sistema Financeiro Nacional são divididas da seguinte maneira:

- a) **Instituições bancárias independentes/conglomerados I (BI):** Instituições financeiras dos tipos Banco Comercial¹⁰, Banco Múltiplo¹¹ com Carteira Comercial ou Caixa Econômicas;
- b) **Instituições bancárias independentes/conglomerados II (BII):** Instituições financeiras dos tipos Banco Múltiplo sem Carteira Comercial e Banco de Investimento¹²;
- c) **Instituições bancárias independentes/conglomerados III (BIII):** Cooperativas de Crédito¹³.
- d) **Instituições bancárias independentes IV (BIV):** Instituições financeiras dos tipos Banco de Desenvolvimento¹⁴;

⁹ Segundo o BACEN (2014), instituições financeiras são instituições que possuem depósitos à vista, e portanto, multiplicam a moeda.

¹⁰ Conforme o BACEN (2014), Bancos Comerciais são instituições financeiras que tem o objetivo de suprir de forma oportuna e adequados recursos necessários para financiar, à curto e médio prazo, o comércio, a indústria, as empresas prestadoras de serviços e as pessoas físicas. São considerados intermediários financeiros que recebem recursos dos agentes superavitários (captar depósitos à vista e a prazo) e emprestam recursos para agentes deficitários. Estas IFS criam moeda através do seu efeito multiplicador.

¹¹ Segundo o BACEN (2014), Banco Múltiplos são bancos criados através da Resolução 1.524/88, do CVM a fim de racionalizar a administração das Ifs. Para configurar um Banco Múltiplo, o respectivo banco deve possuir ao menos duas carteiras a seguir, sendo uma delas comercial ou de investimento: carteira de crédito imobiliário, carteira de aceite, carteira de desenvolvimento ou carteira de leasing.

¹² Bancos de Investimento foram criados com o objetivo de distribuir recursos de médio e longo prazo para suprir capital fixo e/ou de giro das empresas (BACEN, 2014).

¹³ Segundo o BACEN (2014), a Lei 5.764e 16/12/71 estabeleceu a Política Nacional de Cooperativismo como atividade resultante das iniciativas ligadas ao sistema cooperativo, oriundas do setor público ou privado, isoladas ou coordenadas entre si, desde que reconhecido seu interesse público, criando a figura das cooperativas de crédito.

¹⁴ Bancos de desenvolvimento são instituições responsáveis por financiamentos de médio e longo prazo aos setores primários, secundários e terciário (BACEN, 2014).

- e) **Instituições não-bancárias¹⁵ independentes/conglomerados (N):** Demais instituições financeiras, exceto aquelas qualificadas como Instituições Bancárias Independentes I, II ou IV e Cooperativas de Crédito.

Este trabalho considerou as instituições bancárias públicas e privadas, independentes e conglomerados dos grupos BI e BII em decorrência de suas características, representatividade e funções desempenhadas no mercado. Os bancos de desenvolvimento regional, cooperativas de crédito e instituições não-bancárias não foram utilizadas (grupos BIII, BIV e não-bancárias). Salienta-se, contudo, a representatividade do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES). Embora sua representatividade seja relevante dentro do setor, sua atuação como banco de fomento viesaria os resultados obtidos nesta pesquisa.

Este trabalho limitou-se a ao estudo do setor bancário brasileiro do período de 2004 a 2014. A série histórica possibilita uma análise ampla e consistente do setor bancário brasileiro atendendo os objetivos estabelecidos por esta pesquisa.

4.2 CÁLCULO E ANÁLISE DOS ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO

As próximas subseções apresentarão os resultados e a análise dos índices de concentração por variável entre 2004 e 2014. A primeira subseção analisará a concentração sob a ótica dos ativos totais. A segunda subseção, sob a ótica do patrimônio líquido. Na terceira subseção, será analisado a concentração em relação aos depósitos totais. A quarta subseção apresentará uma síntese dos itens analisados e dos resultados obtidos.

4.2.1 Ativos Totais

Os ativos totais são uma importante variável para análise das instituições financeiras. A capacidade de gerar receitas está diretamente relacionada ao seu volume de ativos. Conforme apresentado do terceiro capítulo, houve um crescimento acentuado dos ativos entre os anos de 2004

¹⁵ Instituições financeiras não monetárias são instituições que intermediam moeda através da captação de recursos para empréstimos e emissão de títulos (BACEN,2014)

e 2014. O total de ativos dos bancos brasileiros, em 2004, foram de aproximadamente R\$ 1,3 trilhão e atingiram o valor de R\$ 6,1 trilhões em 2014.

Este crescimento pode ser explicado pelo crescimento da economia brasileira, aumento da atividade financeira e investimentos do exterior ao longo do período. A importância do setor bancário em uma economia nacional é grande, uma vez que a grande parte dos recursos gerados no mercado doméstico ficam alocados nas instituições bancárias do país. Parte dos ativos também é composta pela entrada de recursos externos no país. Do ponto de vista interno dos bancos, o crescimento dos ativos reflete a modernização do setor, maior utilização da tecnologia e a criação de novos produtos bancários, assim como a solidez e confiança nas instituições. A análise dos diferentes índices possibilita verificar como os ativos totais estão concentrados no setor.

O índice da razão de concentração, que indica a participação das k maiores firmas do setor, foi determinado para os quatro, oito e dezesseis maiores bancos do setor (CR4, CR8 e CR16), conforme apresentado na Tabela 7. Estes índices foram escolhidos conforme metodologia explicitada na seção anterior deste capítulo.

Tabela 7 - Índices de concentração – Ativo Total

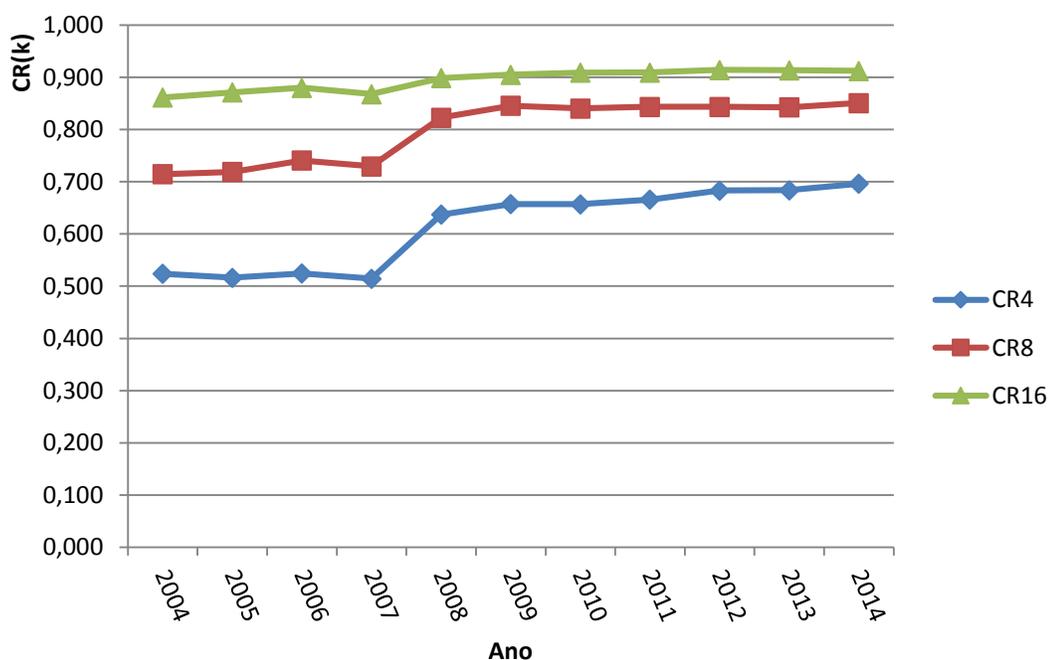
Ano	CR4	CR8	CR16	H	H'	ET	Número de Bancos
2004	0,52400	0,71450	0,86140	0,08708	0,08772	2,93910	136
2005	0,51630	0,71880	0,87120	0,08457	0,08522	2,92915	131
2006	0,52450	0,74070	0,88020	0,08680	0,08748	2,88129	130
2007	0,51450	0,72970	0,86790	0,08365	0,08430	2,92600	129
2008	0,63720	0,82270	0,89860	0,12104	0,12196	2,60316	132
2009	0,65730	0,84580	0,90510	0,12952	0,13051	2,59634	132
2010	0,65700	0,84040	0,90910	0,12737	0,12833	2,60543	134
2011	0,66580	0,84350	0,90920	0,12870	0,12967	2,59054	133
2012	0,68310	0,84340	0,91410	0,13088	0,13187	2,55947	133
2013	0,68390	0,84270	0,91360	0,12997	0,13097	2,56205	131
2014	0,69620	0,85090	0,91230	0,13398	0,13500	2,53589	132

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

Gráfico 3 possibilita verificar como os índices da razão da concentração evoluíram durante o período entre 2004 a 2014. A seguir, serão analisados dos diferentes periodos observados no referido gráfico.

Entre 2004 e 2007, os índices se mantiveram relativamente estáveis, entretanto em 2007 houve um acentuado crescimento destes índices, especialmente em relação ao índice da razão de concentração dos quatro principais bancos (CR4). Entre 2008 e 2014, verificou-se uma tendência de aumento de concentração ao longo do período.

Gráfico 3 - Evolução do CR4, CR8 e CR16 - Ativo Total



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

Os dados indicam um aumento de 32,86% do índice da razão concentração dos quatro maiores bancos (CR4), um crescimento de 19,09% no índice da razão de concentração dos oito maiores bancos (CR8) e aumento de 5,90% no índice da razão de concentração dos dezesseis maiores bancos (CR16) durante o período analisado. Desta maneira, o setor bancário apresentou um aumento de concentração expressivo no período. O crescimento superior do CR4 em relação ao CR8 e CR16 indica um aumento de concentração superior dos quatro principais bancos brasileiros.

Entre os anos de 2007 e 2008, foi o período que houve o maior aumento expressivo da concentração de todos os índices, com destaque para o CR4, que saltou de 0,5145 para 0,6372, representando um crescimento de 23,85%. O salto de concentração nestes anos pode ser explicado por dois fatores. Pela crise financeira, que acelerou processos de fusão e aquisição com o objetivo de fortalecer as instituições envolvidas dada a crise de liquidez que atingia todos os bancos, especialmente os bancos pequenos e médios. O segundo fator decorre de que, com a crise, houve uma queda acentuada na cotação dos ativos dos bancos aumentando as oportunidades de realização de processos de fusões e aquisições. Os dois fatos mais relevantes que explicam o salto dos indicadores são a fusão do Itaú com o Unibanco em 2008 e aquisição do ABN Amro Bank pelo Santander no mesmo ano.

Os índices de concentração bancária entre 2004 e 2006 não sofreram grandes modificações. Tal período de estabilidade pode ser explicado com resultado do processo de reestruturação ocorrido depois de 1994. As medidas adotadas pelo governo através do Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro (PROER) e do Programa de Incentivo à Redução do Setor Público Estadual na Atividade Bancária (PROES) criaram condições de fortalecimento e competitividade do setor bancário brasileiro, uma vez que possibilitaram o ingresso de bancos estrangeiros, induziu a liquidação, fusão e aquisições de bancos em dificuldade restabelecendo as condições de confiança do setor. O modelo operacional dos bancos, baseados quase que exclusivamente na captação de depósitos até 1994, se desenvolveu e houve expansão das receitas com o surgimento de novas tecnologias, produtos e serviços e ganhos de economia em escala.

O processo de globalização e a entrada de novos concorrentes estrangeiros foram importantes tanto para o aumento da competição tanto quanto para o processo de concentração, que ocorreu desde 1994.

A estabilização monetária, a liquidação de bancos privados com problemas, a privatização de bancos estaduais, a entrada de bancos estrangeiros e as medidas de reestruturação adotadas pelo governo resultaram em um aumento de concentração do setor entre 1994 e 2002, conforme indicado por Costa (2012). A fase mais acentuada de concentração foi entre 1995 e 2002, onde os processos de fusões e aquisições mais relevantes ocorreram.

A queda da inflação, resultando no término dos ganhos decorrentes das receitas inflacionárias, e a entrada de bancos estrangeiros forçaram os bancos brasileiros a se readequarem ao novo cenário competitivo para se manterem no mercado.

A partir 2003, o aumento crescente de pessoas com acesso aos serviços bancários, o crescimento da concessão de crédito e os ganhos de economias de escala aumentaram o nível de competição do setor. O período entre 2004 e 2006, pode ser visto como uma fase de consolidação do setor, após um período de mudanças estruturais, redução dos processos de fusões e aquisições, e ambiente mais competitivo. Este período mostra o ganho de eficiência e produtividade dos maiores bancos do setor, que devido aos seus modelos operacionais e suas vantagens competitivas ganham poder de mercado entre 2004 e 2006. Conforme já citado por Costa (2012), o período entre 2003 a 2006 foi marcado pelo processo de bancarização e crédito facilitado, aumento dos ganhos de economia de escala e aumento da competitividade.

O período após 2007 é marcado por uma retomada dos processos de concentração através dos processos de fusão e aquisições entre bancos buscando uma nova escala de competitividade internacional, conforme afirmado por Costa (2012). O processo de concentração era uma tendência do setor em função do novo cenário estabelecido de maior competitividade. A busca de novas carteiras de clientes, aumento da rede de agências, e expansão das operações para novos nichos de mercado resultaram em um aumento no número de fusões e aquisições durante o período entre 2007 e 2014, corroborando com os dados obtidos no Gráfico 3 de aumento da concentração do setor.

Outro ponto importante que explica este crescimento da concentração é o aumento da eficiência dos bancos, especialmente dos quatro maiores, quanto ao desenvolvimento e distribuição de novos produtos e serviços, aumento da tecnologia, redução de custos, diversificação de receitas e redução dos riscos. Tais fatores estão diretamente ligados quando relacionados as fusões e aquisições realizadas no período. O conceito de sinergia que pode ocorrer na aquisição ou fusão entre bancos, torna-se importante na estratégia de análise utilizada pelos bancos quando da realização de tais operações durante o período analisado.

Após 2008, as fusões e aquisições no setor se mantiveram no patamar do período pós crise. O preço reduzido das ações dos bancos, abaixo de seus valores patrimoniais, e a falta de liquidez atingiram especialmente os bancos pequenos e médios. Embora o governo federal tenha flexibilizado a regulamentação dos depósitos compulsórios com objetivo de injetar recursos e dar

maior liquidez para os bancos pequenos e médios, o aumento dos custos de captação de recursos de bancos maiores inviabilizavam a operação destes bancos, o que resultou em fusões e aquisições do setor e conseqüentemente em aumento dos índices de concentração.

O processo de concentração também ocorreu em virtude do posicionamento do governo em relação ao fortalecimento dos bancos públicos de manter o nível de crédito elevado, a fim de reduzir os impactos da crise na economia brasileira. As aquisições de outros bancos, tanto públicos quanto privados, realizadas pelo Banco do Brasil em 2009, conforme quadro 5, reposicionaram novamente o Banco do Brasil como maior banco brasileiro em ativos totais em 2009.

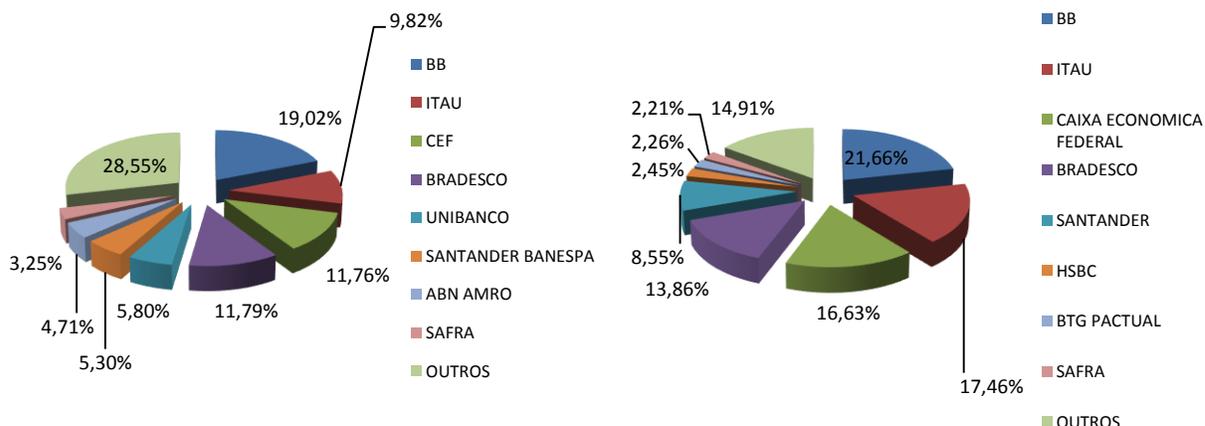
Em 2010, o governo reduziu a possibilidade de concessão de crédito por parte dos bancos pequenos e médio, uma vez que iniciava o processo de retirada dos benefícios oferecidos a esses bancos durante o período pós-crise. Tais medidas acentuaram o processo de fusões e aquisições após o ano de 2010.

A manutenção dos principais bancos como líderes e o aumento de suas participações relativas podem ser explicadas através dos fatores que aumentam a concentração citados por Kon (1999) no referencial teórico. Os fatores relacionados ao crescimento interno das empresas já existentes e sua maior capacidade de sobrevivência e as fusões e aquisições explicam a estrutura do setor bancário brasileiro até 2014. Embora exista um aumento do mercado decorrentes do crescimento da atividade econômica, bancarização¹⁶, redução dos custos e a entrada de novos bancos, a concentração do setor aumentou durante todo o período pelos ganhos de economias de escala dos grandes bancos decorrentes das sucessivas inovações desses bancos e fusões e aquisições.

¹⁶ O termo bancarização citado por COSTA (2012), refere-se segundo a Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN; 2011) como o nível de acesso a serviços financeiros, assim como o grau de uso de serviços financeiros pela população.

A seguir, o Gráfico 4 também possibilita comparar o ativo total dos oito maiores bancos entre os anos de 2004 e 2014, assim como identificar as alterações ocorridas em termos de *ranking*.

Gráfico 4 - Ativo Total CR8 2004-2014



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2014)

Os quatro principais bancos não se alteraram nas primeiras quatro posições, sendo que o Itaú subiu da quarta posição para a segunda posição em 2014, tomando a posição antes ocupada pelo Bradesco. A Caixa Econômica Federal manteve sua posição, embora tenha aumentado sua participação de 11,76% para 16,63% no período.

O Gráfico 4 complementa o que já foi apresentado anteriormente na Tabela 7. A concentração das oito principais bancos cresceu de 0,7145 para 0,8509 e que os quatro principais bancos (Banco do Brasil, Itaú, Bradesco e Caixa Econômica Federal) mantiveram suas posições de liderança assim como acentuaram a concentração de 0,5240 para 0,6962.

O crescimento da participação do Itaú de 9,82% para 17,46% ocorreu principalmente em decorrência da fusão entre Itaú e Unibanco em 2008, conforme citado anteriormente. A conjuntura internacional de readequação do sistema financeiro após a crise internacional e as consequências junto ao setor bancário brasileiro decorrentes de possíveis problemas de liquidez e a escassez de linhas de crédito internacional foram determinantes para tal operação. Do ponto de vista de regulação, a fusão, embora representasse um aumento do poder de mercado do Itaú, formando o maior banco em ativos do país, foi aprovada pelas autoridades brasileiras sem ressalvas. Do ponto de vista do governo brasileiro, tal operação fortaleceria todo o setor e daria condições para a

expansão de crédito, o que de fato não ocorreu como esperado, dado que coube aos bancos públicos (Banco do Brasil, Caixa Federal e BNDES) suprirem tal demanda de crédito nos anos seguintes.

No caso do crescimento acentuado do Itaú, principal explicação para essas alterações são os ganhos de economias de escala com a fusão Itaú-Unibanco que possibilitaram a alavancagem das suas operações, dado ao acesso a uma extensa carteira de clientes e outros ativos diversos, tanto de ordem tecnológica quanto comercial, assim como uma importante expansão da rede de agências. Além do mais, a fusão representou a saída de um concorrente direto do mercado, fator que aumentou o poder de mercado da empresa e o nível de concentração de todo o setor.

Da mesma forma, mas não através de uma fusão, o Santander adquiriu o ABN Amro Bank no mesmo período. Em 2007 (vide anexo A), O ABN Amro Bank ocupava a quinta posição de maior banco em ativos, com 6,91% do total, e o Santander a sétima posição com 3,08%. A aquisição do Santander, em função da decisão estratégica da matriz espanhola em expandir suas atividades no exterior, adquiriu o banco holandês em 2008, colocando o Santander na quarta posição em 2008 com 11,69% do total de ativos do setor bancário brasileiro.

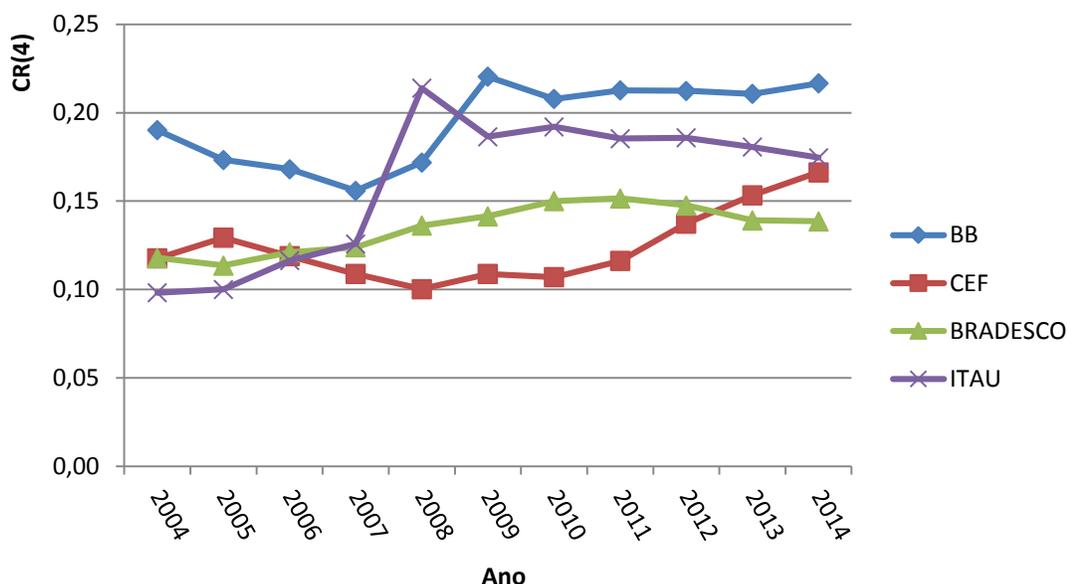
Dos bancos que compunham a razão de concentração dos maiores oito bancos em ativo total (CR8), dois deles foram incorporados por outros bancos. O ABN Amro Bank foi comprado pelo Santander em 2008 assim como a fusão do Itaú com Unibanco conforme já citado.

Tais movimentos de mercado podem ser explicados pelo posicionamento e as estratégias de mercado utilizados pelos bancos para expandir sua participação no mercado e aumentar seu poder de mercado. Os processos de fusões e aquisições se fizeram necessários para o aumento competitividade e eficiência dos maiores bancos.

Em 2009, a mudança da legislação através da Lei 11.908 (03/03/2009), possibilitou bancos públicos adquirem bancos privados, sendo que o Banco do Brasil retomou sua posição de liderança após adquirir diversos bancos pequenos e médios do mercado. O Banco do Brasil adquiriu o Banco Nossa Caixa, Banco de Brasília, Banco do Estado do Piauí, participação do Banco Votorantin, assim como o direito de utilizar os postos de atendimento de Banco Postal. O aumento de capital realizado em 2010, na ordem de R\$ 8 bilhões também foi importante para o aumento dos ativos totais. Este conjunto de fatores, aliados aos ganhos de eficiência do banco, resultaram no crescimento da participação de 19,02% para 21,66% do total de ativos totais do setor, retomando sua posição de maior instituição bancária em ativos no Brasil.

O Gráfico 5, apresentado a seguir, demonstra o aumento acentuado da participação do Itaú no setor entre 2004 e 2014, atingindo o posto de maior banco brasileiro em ativos em 2008. A estratégia do Itaú em incorporar o Unibanco ocorreu pelo conceito de sinergias entre empresas conforme citado por Martelanc, Pasin e Pereira (2009) no referencial teórico.

Gráfico 5 - Evolução do CR4 - Ativo Total



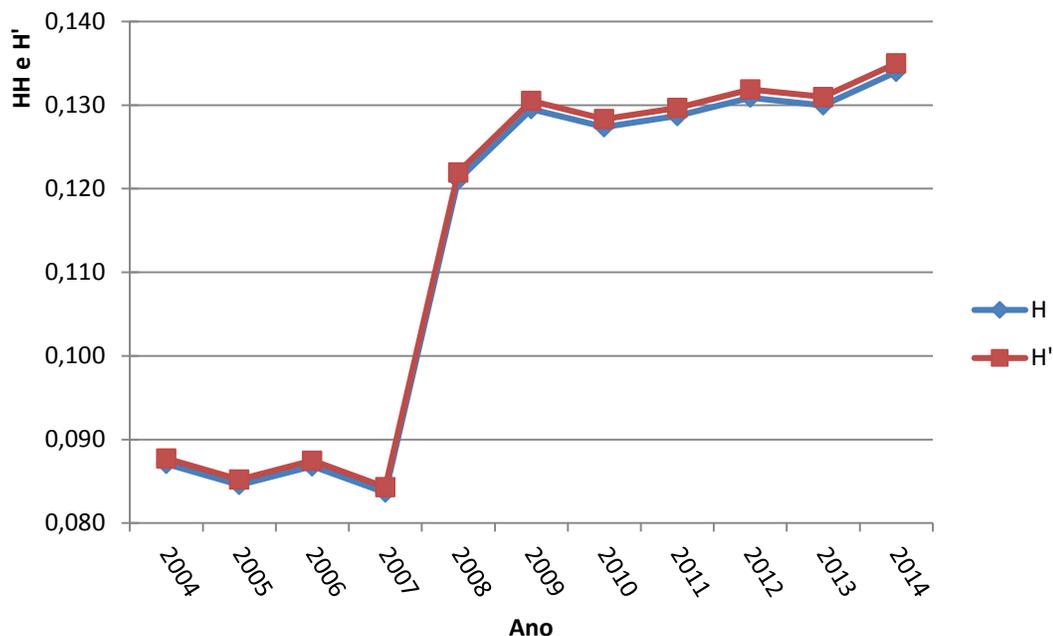
Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

O Gráfico 5 também possibilita uma análise intertemporal das concentrações dos quatro principais bancos, demonstrando que estes evoluíram em sua concentração ao longo dos anos. O Banco do Brasil manteve sua posição de liderança, entretanto ao final de 2008 perdeu tal posição para o Itaú, retomando a liderança no ano seguinte conforme já explicado. O Itaú foi o banco que maior ganhou participação, com um crescimento de 77,76% no período, tornando-se o segundo maior banco em ativos. O Bradesco, embora tenha aumentado sua participação em 2014, ocupava a quarta posição. A Caixa Econômica Federal, desde 2008, vem aumentando sua participação em função do crescimento da sua atuação com operações de varejo e empréstimos. Destaca-se o papel importante que a instituição possui nos financiamentos em habitação e de infraestrutura, através dos depósitos em poupança e o FGTS, respectivamente. Outro fator que explica a curva ascendente desde 2011 são os importantes aportes de capital realizados em 2011 e 2012, totalizando aproximadamente R\$ 6 bilhões, realizados pelo Governo Federal para incrementar suas atividades.

Dada a limitação da análise dos índices da razão de concentração, outros índices são importantes para análise mais completa. O índice de Herfindahl-Hirschman (HH) atribui maior peso as empresas com maior participação dado que em seu cálculo a participação é elevada ao quadrado.

O índice HH é considerado um indicador mais consistente de concentração de mercado pois considera todos os bancos que constituem a mostra e atribui maior valor aos que possuem maior representatividade. O Gráfico 6, mostra os níveis de concentração de todo o setor, e não apenas do quatro, oito e dezesseis maiores bancos.

Gráfico 6 - Evolução do HH e H'



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

Novamente, como visto nas razões de concentração, destaca-se o acentuado crescimento da concentração entre 2007 e 2008 na ordem de 45% de um ano para o outro. O aumento expressivo de 0,08430 para 0,12196 entre estes dois anos se alinha com o acentuado crescimento da participação dos quatro principais bancos do setor conforme analisado anteriormente no CR4. Os motivos do crescimento são os mesmos apresentados anteriormente.

Durante o período entre 2004 e 2007, verificou-se uma pequena oscilação dos índices, entretanto sem uma tendência definida de direção. Pode-se dizer que foi um período de estabilização dos níveis de concentração do setor e posicionamento dos bancos perante as modificações dos níveis de competitividade do setor em função de todo processo de readequação do setor bancário brasileiro na década anterior.

A partir de 2007, a crise financeira internacional teve um papel importante e explica o salto dos índices entre 2007 e 2008, assim como parte da tendência de alta nos anos seguintes. As consequências da crise foram um aumento da regulação bancária, o fortalecimento do setor e maiores níveis de concentração ao longo do tempo, o que de fato ocorreu.

Embora os índices de concentração tenham aumentado, o nível de competitividade aumentou e forçando maiores bancos a adotarem estratégias para serem mais competitivos em relação aos seus concorrentes.

A principal forma de expansão utilizada foram as fusões e aquisições. Analisando o índice de Herfindahl-Hirschman, confirma-se novamente tal processo. Considerando o HH, houve um crescimento consistente da concentração do setor na ordem de 54%.

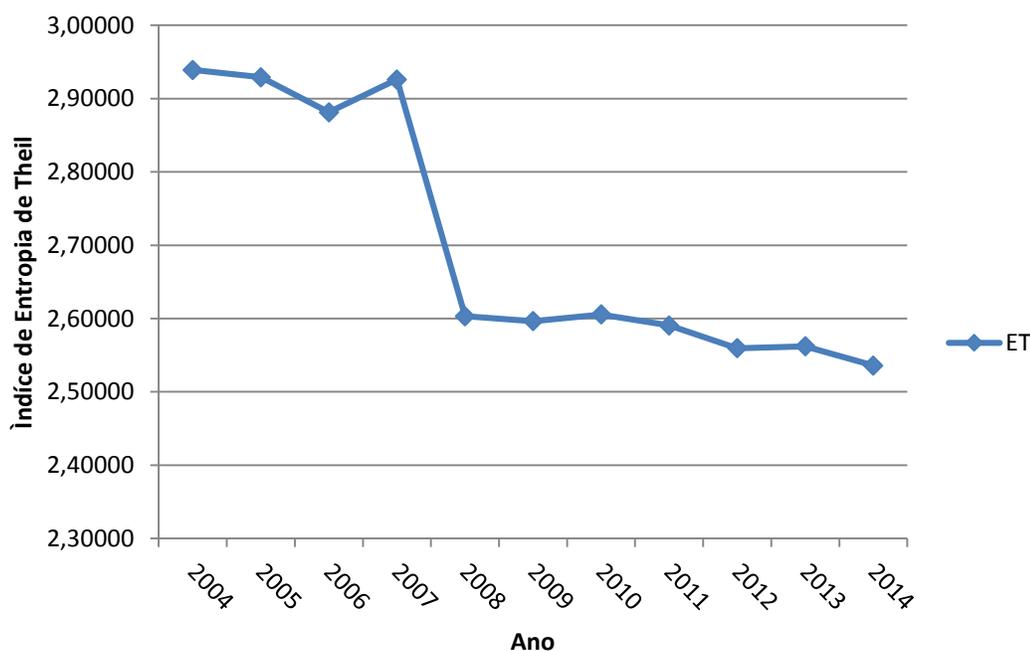
O crescimento da concentração do setor entre 2007 e 2014 visto no Gráfico 6, ocorreu, conforme citado por Costa (2012), em função das fusões e aquisições entre os bancos com o objetivo de buscar ganhos de escala a fim de atingir o mercado internacional. Os principais bancos brasileiros atingiram níveis de competitividade que possibilitavam buscar expandir seus negócios e competir no mercado internacional.

O índice de Herfindahl-Hirschman ajustado (H') não teve grandes modificações em relação ao índice não ajustado, dado que o número de bancos durante todo período tem poucas alterações, facilitando a análise intertemporal dos índices. O setor bancário brasileiro não sofreu grandes modificações no que tange a quantidade de bancos, variando de 136 em 2004 para 132 em 2014.

O crescimento do Banco do Brasil em 2008 para 2009 é reflexo da série de aquisições realizadas pelo banco para retomar sua posição de liderança no setor. As reduções após 2009 da concentração de Itaú e Bradesco, se explicam pelo forte crescimento de Banco de Brasil e Caixa Econômica Federal. O governo federal fortaleceu os bancos públicos a fim de manter as condições de concessão de crédito após a crise internacional e reduzir seus impactos na economia brasileira, o que reduziu a participação dos bancos privados.

O índice de Entropia de Theil, uma vez que representa o inverso da concentração, apresentou uma redução entre os anos de 2004 e 2014, com grande queda entre 2007 e 2008, conforme o Gráfico 7. Conforme visto anteriormente, o processo de aumento da concentração do setor bancário ocorreu ao longo de todo período, especialmente entre os anos de 2007 e 2008, onde a crise internacional acentuou tal processo.

Gráfico 7 - Evolução ET 2004-2014



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

O comportamento do índice de Herfindahl-Hirschman e o índice de Herfindahl-Hirschman ajustado e o índice de Entropia de Theil são muito semelhantes aos apresentados pelos índices das razões de concentração. O comportamento dos índices vai ao encontro do que foi afirmado por Kon (1999) no referencial teórico, em que os índices possuem alto grau de correlação.

Após a análise de dos diversos gráficos, verifica-se que o comportamento das curvas segue, via de regra, a mesma tendência em todos os indicadores analisados. Embora cada um deles possua sua propriedades e características, o comportamento de todos os indicadores é explicado basicamente pelos mesmos motivos. Entretanto, dependendo do indicador analisado, os níveis de concentração podem ser distintos conforme visto a seguir.

Considerando as diferentes análises de concentração realizadas através dos índices CR4, CR8 e HH (Tabela 7) e os níveis de concentração apresentados no referencial teórico (Tabela 1 e Tabela 2) e, o estudo apresenta a evolução da concentração do setor bancário em relação aos ativos totais entre 2004 e 2014 no Quadro 6, conforme segue.

Quadro 6 - Níveis de Concentração 2004-2014 - Ativo Total

Período	CR(4)	CR(8)	HH
2004	Moderadamente Elevado	Moderadamente Elevado	Desconcentrado
2005	Moderadamente Elevado	Moderadamente Elevado	Desconcentrado
2006	Moderadamente Elevado	Moderadamente Elevado	Desconcentrado
2007	Moderadamente Elevado	Moderadamente Elevado	Desconcentrado
2008	Moderadamente Elevado	Moderadamente Elevado	Moderada concentração
2009	Elevado	Moderadamente Elevado	Moderada concentração
2010	Elevado	Moderadamente Elevado	Moderada concentração
2011	Elevado	Moderadamente Elevado	Moderada concentração
2012	Elevado	Moderadamente Elevado	Moderada concentração
2013	Elevado	Moderadamente Elevado	Moderada concentração
2014	Elevado	Elevado	Moderada concentração

Fonte: Elaborado pelo Autor (2015)

Os resultados obtidos revelam uma tendência de crescimento da concentração em todos os índices analisados. No caso do CR4, pode-se considerar que o grau de concentração do setor bancário entre o ano de 2004 e 2008 era moderadamente elevado, sendo que em 2009 o setor tornou-se elevado. Considerando a análise do CR8, o processo de concentração foi mais lento, atingindo o grau elevado apenas em 2014. Entretanto, cabe destacar que, conforme tabela 7, os valores entre 2009 e 2014 são muito próximos (0,8458 e 0,8509, respectivamente), isto indica que o setor estava muito próximo do limite superior desde 2009. Do ponto de vista do BACEN, cuja denominação de nível é por ele definida conforme sua metodologia de análise apresentada no referencial teórico, considerava o setor bancário até o ano de 2007 como desconcentrado. Após 2008, o nível de concentração subiu para moderada concentração.

A estrutura do setor bancário brasileiro é composta por um número grande de bancos. Todavia, o poder de mercado está concentrado em quatro grandes bancos, dois de capital privado (Itaú e Bradesco) e dois de capital público (Banco do Brasil e Caixa Economica Federal). A análise dos dados identifica que existe uma concentração elevada no setor baseada na diferenciação de

diversos produtos e serviços bancários com uma segmentação de diversos mercados e uma restrição a entrada de novos concorrentes dadas a existência de economias de escala e técnicas operacionais complexas para atuação no setor.

4.2.2 Depósitos Totais

O indicador referente aos depósitos totais tem um comportamento semelhante ao dos ativos totais. A capacidade de captação de recursos das instituições bancárias está ligada diretamente ao seu tamanho de mercado. Os depósitos totais representam uma variável importante, pois representa como os depositantes alocam seus recursos no sistema financeiro.

Dado que a atividade principal dos bancos é a intermediação financeira, ou seja, captar recursos a juros mais baixos junto os agentes superavitários e empresta-los a juros mais altos a agentes deficitários, a análise da concentração dos depósitos se faz importante.

O processo de captação depende do risco associado ao banco que capta os recursos, aos juros de remuneração, assim como o perfil do mercado alvo de cada banco. Bancos pequenos e médios necessitam pagar um prêmio de risco maior a seus depositantes a fim de estimular o aumento de depósitos dado seus níveis de risco. Bancos maiores remuneram a um prêmio de risco menor, dada sua maior confiabilidade. Os bancos maiores, possuem carteiras de clientes maiores e mais diversificadas e maior rede agências, ou seja, possui vantagens competitivas em relação aos bancos de menor tamanho e tendem a acentuar seus níveis de concentração ao longo do tempo

Na tabela 8, mostra-se que quatro maiores em 2004 concentravam 58,21% de todos os depósitos bancários do setor (depósitos à vista, a prazo, interfinanceiros e poupança). Em 2014, este índice saltou para 74,90% do total. O crescimento da concentração entre os quatro maiores no período foi de 28,67%, sendo que a maior variação ocorreu entre 2007 para 2008, onde a concentração cresceu 16,02%, sendo que o índice cresceu de 0,5818 para 0,6750 conforme Tabela 8. Conforme visto no terceiro capítulo, os depósitos totais, em 2004, eram de R\$ 546 bilhões e alcançaram R\$ 1,8 trilhão em 2014. Verifica-se que grande parte destes recursos foram depositados nos maiores bancos do setor.

Tabela 8 - Índices de concentração - Depósito Total

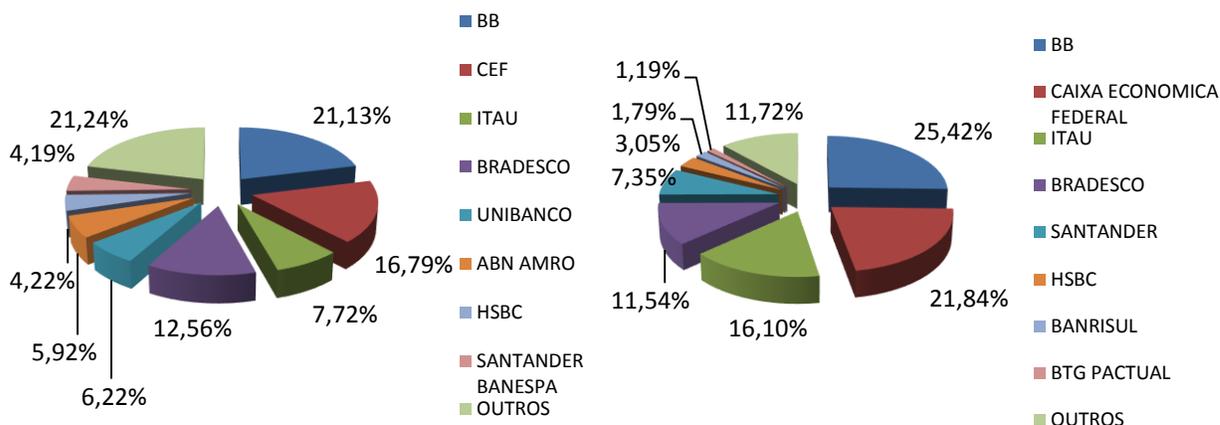
Ano	CR4	CR8	CR16	H	H'	ET	Número de Bancos
2004	0,58210	0,78760	0,91140	0,10889	0,10969	2,67961	136
2005	0,57400	0,79200	0,91920	0,10819	0,10902	2,66828	131
2006	0,57530	0,79280	0,91000	0,10816	0,10900	2,68345	130
2007	0,58180	0,79140	0,89470	0,10701	0,10784	2,71202	129
2008	0,67500	0,87620	0,92630	0,13418	0,13520	2,42276	132
2009	0,69810	0,87100	0,91860	0,14457	0,14567	2,45573	132
2010	0,69790	0,86320	0,91740	0,14294	0,14401	2,47495	134
2011	0,71690	0,86610	0,92150	0,14862	0,14975	2,43753	133
2012	0,73780	0,86980	0,92230	0,15751	0,15871	2,38692	133
2013	0,74550	0,87960	0,92760	0,15883	0,16005	2,35375	131
2014	0,74900	0,88280	0,93230	0,15882	0,16003	2,34091	132

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

Entre 2004 e 2007, não houveram muitas alterações nos níveis de concentração em nenhum dos índices. Assim como explicado na subseção anterior, as razões desta estabilidade decorrem do resultado do processo realizado a partir de 1994. O período entre 2004 e 2007 é marcado pelo aumento da competitividade do setor e pela briga entre os principais bancos por maior poder de mercado.

O Gráfico 8 apresenta os oito maiores bancos em depósitos totais em 2004 e 2014. Os quatro principais, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Itaú e Bradesco, assim como nos ativos totais, mantiveram suas posições. A única alteração foi a troca de posição entre Itaú e Bradesco. Em 2004, o Itaú possuía 7,72% dos depósitos do setor enquanto o Bradesco, 12,56%. As posições de inverteram em 2014, com o Itaú atingindo 16,10% e o Bradesco reduzindo sua participação para 11,54%.

Gráfico 8 - Depósitos Totais CR8 2004 e 2014



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2014)

Uma das razões desta troca de posições é a já citada fusão das operações entre Itaú e Unibanco em 2008. O Unibanco, em 2004, possuía 6,22% do total dos depósitos totais, que, em decorrência da fusão, foram incorporados ao Itaú ao longo do período. Destaca-se no Gráfico 8 o crescimento do Santander, que ocorreu em função da aquisição do ABN Amro Bank também em 2008. Os demais bancos reduziram consideravelmente sua participação, caindo de 21,24% para 11,72%, demonstrando que houve uma alta concentração dos depósitos entre os oito principais bancos.

Este processo de concentração, de forma geral, pode ser explicado sob a ótica da percepção de risco dos clientes. Os depósitos estão mais suscetíveis às percepções de confiança que os clientes possuem sobre as instituições financeiras. Desta forma, a canalização dos recursos para as maiores empresas é maior do que para bancos de pequeno e médio porte, assim como pela predominância de bancos de varejo como principais bancos. Bancos múltiplos com carteira comercial possuem estratégias de mercado direcionadas ao aumento constante de captação de clientes e depósitos à vista e a prazo. Bancos de Investimento adotam diferentes estratégias, focando na captação de investidores com maiores níveis de renda e produtos bancários mais sofisticados.

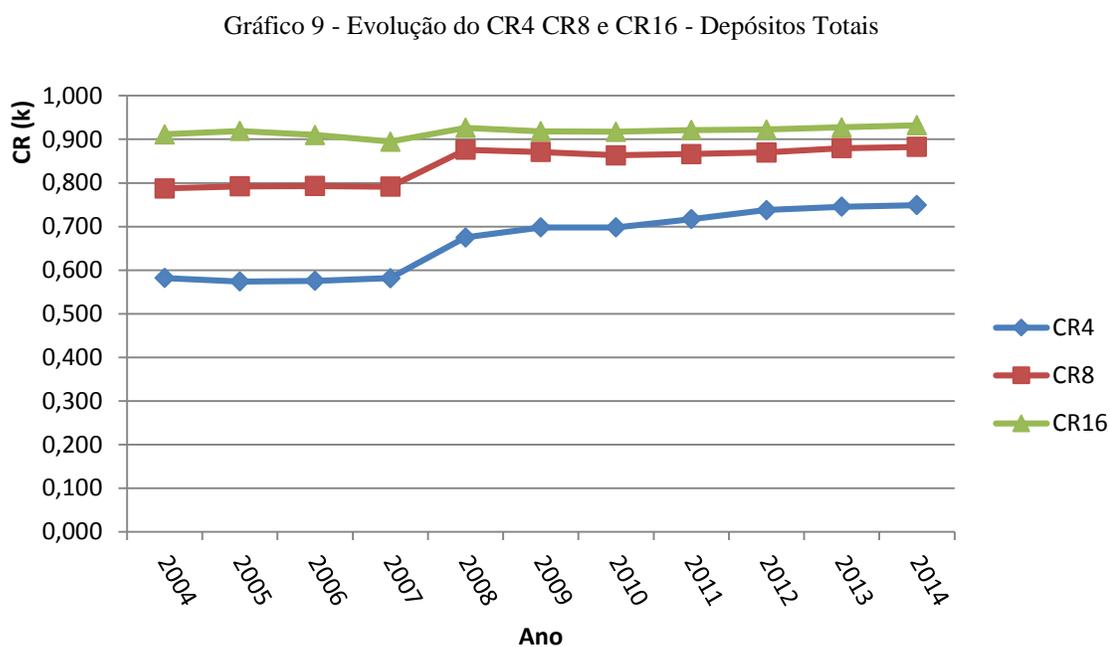
Os bancos públicos (Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal) concentram grande parte dos depósitos, num total de 47,26% do total, em função de sua própria condição de banco público por oferecer, teoricamente, um menor risco aos clientes.

Os depósitos totais consistem em depósitos à vista, depósito em poupança, depósitos a prazo, depósitos interfinanceiros e outros depósitos. A Caixa Econômica Federal concentra grande

parte dos depósitos em poupança dada sua forte atividade de financiamento habitacional. Do total dos seus depósitos, os valores em poupança constituem 56,74% do seu total. Outro ponto importante nesta análise é a condição da Caixa Econômica Federal ser o banco gestor dos recursos do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), ou seja, o valor captado é depositado de forma compulsória junto a instituição.

O Banco do Brasil tem como seu maior nível de depósitos, os depósitos a prazo, totalizando 46,15% do seu total de depósitos. Tais características possibilitam concluir que o Banco do Brasil, dado as regras dos depósitos compulsórios estabelecidas pelo Banco Central do Brasil, pode gerar maiores receitas advindas de seus depósitos, dado que a liberdade de empréstimo de recursos de depósitos a prazo é superior aos dos captados pela poupança. Por outro lado, entende-se que cada banco público, dentro da esfera da sua função social, atende diferentes nichos não supridas pelos bancos privados.

O gráfico 9, abaixo, apresenta a evolução dos índices das razões concentração CR4, CR8 e CR16.



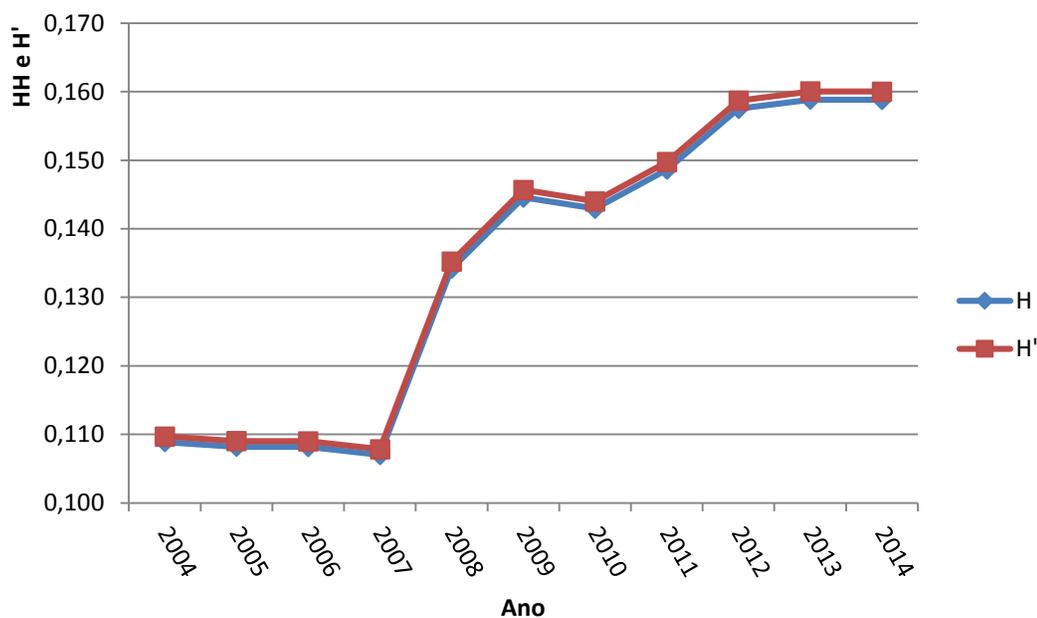
Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

No caso dos depósitos, as impactos de um ambiente estável e de maior competitividade, como visto a partir de 2012, tendem a não impactar com tanta intensidade nos índices de concentração pois os agentes não movimentam seus recursos de um banco para outro, salvo se um banco oferecer melhores condições de remuneração do que outro banco. Este cenário de competição através dos juros de remuneração, assim como juros os cobrados podem sim impactar nos índices de concentração, especialmente na variável de depósitos totais. Este aspecto da concorrência explica em parte as variações de concentração entre os anos de 2010 e 2014.

De forma geral, pode-se dizer que as fusões e aquisições também foram os fatores que mais impactaram a variação da concentração do ponto de vista dos depósitos totais ao longo do tempo, dada a apropriação das carteiras de clientes,

O índice de Herfindahl-Hirschman e índice de Herfindahl-Hirschman ajustado apresentados no Gráfico 10 reforçam que a concentração aumentou ao longo do período analisado, especialmente após o ano de 2007. O aumento foi devido aos sucessivos processos de fusão e aquisições ocorridas no período, conforme explicitado subseção anterior. As razões explicitadas na subseção anterior podem ser igualmente consideradas para o caso dos depósitos totais.

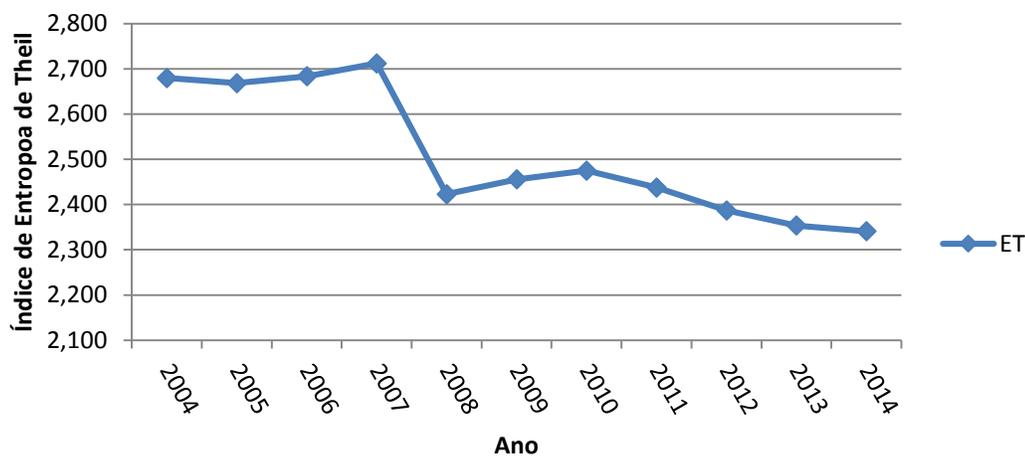
Gráfico 10 - Evolução do HH e H' - Depósitos Totais



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

O gráfico 11, que mostra o índice de Entropia de Theil, apresentou aumento na concentração uma vez que indicador consiste no inverso da concentração, conforme esperado após a análise dos índices HH e H'.

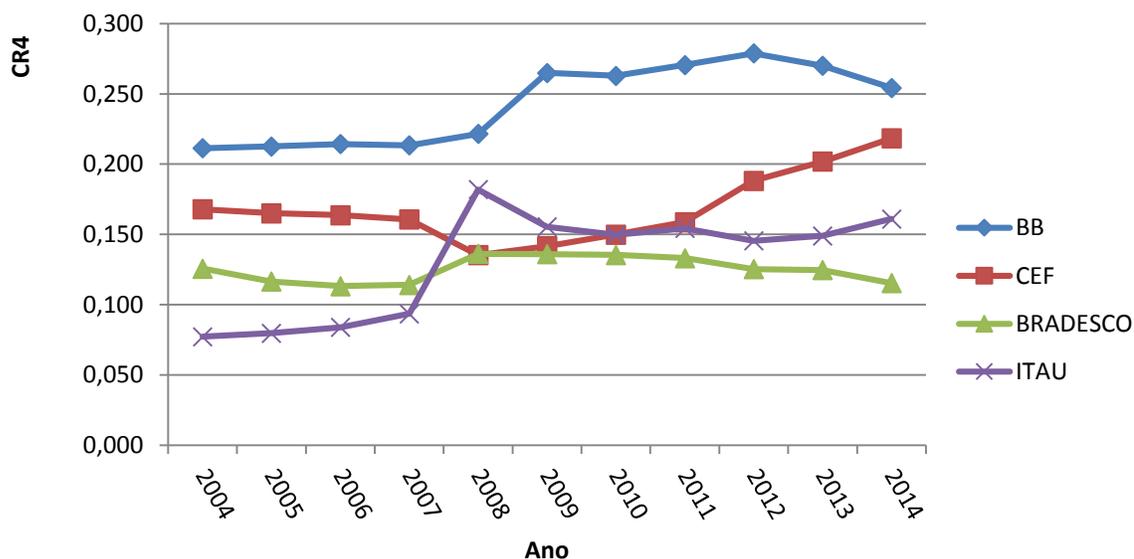
Gráfico 11 - Evolução ET - Depósitos Totais



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

O Gráfico 12 apresenta a variação de concentração dos quatro principais bancos segundo o índice das razões de concentração.

Gráfico 12 - Evolução CR4 - Depósitos Totais



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

Assim como nos ativos totais, entre os anos de 2004 e 2007, os índices se mantiveram relativamente estáveis. A partir de 2007, após incorporação das carteiras do Unibanco pelo Itaú, houve um salto da participação do Itaú e posterior decréscimo de participação em função do aumento de competitividade do mercado. O aumento expressivo da Caixa Econômica Federal foi ocasionado por um aumento dos depósitos em poupança e depósitos a prazo entre 2008 e 2014. A queda do Banco do Brasil a partir de 2012 ocorreu devido a uma queda nos seus depósitos a prazo.

Assim como na análise dos ativos totais, os resultados obtidos na Quadro 7 revelam uma tendência de crescimento da concentração em relação aos depósitos totais. No caso do CR4, pode-se considerar que o grau de concentração do setor bancário entre o ano de 2004 e 2007 como moderadamente elevado, sendo a partir de 2008 o setor tornou-se elevado. Considerando o CR8, pode-se afirmar que os níveis de concentração seguem a mesma tendência de elevação, saindo de uma condição de moderadamente elevado entre 2004 e 2007, para o nível de elevado a partir de 2008. Em ambos os índices, a mudança de patamar de concentração ocorreu em 2007 durante o período da crise internacional, conforme explicado anteriormente.

Quadro 7 - Níveis de Concentração 2004-2014 - Depósitos Totais

Período	CR(4)	CR(8)	HH
2004	moderadamente elevado	moderadamente elevado	moderada concentração
2005	moderadamente elevado	moderadamente elevado	moderada concentração
2006	moderadamente elevado	moderadamente elevado	moderada concentração
2007	moderadamente elevado	moderadamente elevado	moderada concentração
2008	elevado	elevado	moderada concentração
2009	elevado	elevado	moderada concentração
2010	elevado	elevado	moderada concentração
2011	elevado	elevado	moderada concentração
2012	elevado	elevado	moderada concentração
2013	elevado	elevado	moderada concentração
2014	elevado	elevado	moderada concentração

Fonte: Elaborado pelo Autor (2015)

Quanto ao índice HH, o setor se manteve com o grau de moderada concentração durante todo o período, embora, em termos quantitativos, o índice teve um aumento expressivo de 45,85% entre os anos de 2004 e 2014 (0,10889 para 0,15882). Desta forma, apesar da manutenção do mesmo patamar, o setor passou por um aumento significativo da concentração no período.

Após análise de todos os índices a concentração do setor bancário, levando em conta os depósitos totais, a estrutura do setor é considerada concentrada.

4.2.3 Patrimônio líquido

O patrimônio líquido representa os recursos dos acionistas para constituição das instituições para suas atividades. Conforme descrito neste capítulo, também é gerado pelas contas de reservas ou de lucros acumulados.

O patrimônio líquido é uma variável importante, entretanto não representa de forma direta o poder de mercado das instituições. O patrimônio líquido, quando relacionado com o preço das ações, é um indicador importante da capacidade de gerar lucros no futuro. Conforme citado no terceiro capítulo da pesquisa, durante período da crise internacional, houve uma redução dos preços das ações dos bancos abaixo de seus valores patrimoniais na bolsa de valores.

Comparativamente como as outras variáveis, a análise do ponto de vista do patrimônio líquido indica menores índices de concentração que as variáveis anteriores, mas com comportamento semelhantes e os mesmos fatores explicativos das subseções anteriores.

A Tabela 9 apresenta os índices calculados para todo o período analisado. O CR4 apresentou um aumento de 47,75% entre 2004 e 2014, o CR8 aumentou apenas 18,07%, indicando que a evolução concentração foi mais acentuada entre os quatro maiores bancos do setor.

Tabela 9 - Índices de concentração - Patrimônio Líquido

Ano	CR4	CR8	CR16	H	H'	ET	Número de Bancos
2004	0,43940	0,65890	0,80530	0,06940	0,06992	3,08858	136
2005	0,46300	0,67320	0,81640	0,07406	0,07463	3,04167	131
2006	0,50690	0,70130	0,82660	0,08519	0,08586	2,95176	130
2007	0,47130	0,65320	0,79450	0,07478	0,07536	3,09895	129
2008	0,62250	0,73850	0,83270	0,10766	0,10848	2,79004	132
2009	0,66210	0,77290	0,85900	0,12006	0,12098	2,81438	132
2010	0,66710	0,77710	0,86440	0,11805	0,11894	2,80624	134
2011	0,65840	0,77080	0,85560	0,11480	0,11567	2,84056	133
2012	0,65750	0,78010	0,86530	0,11518	0,11606	2,80968	133
2013	0,64850	0,77680	0,86110	0,11359	0,11447	2,83142	131
2014	0,64920	0,77800	0,86100	0,11553	0,11641	2,82587	132

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

Assim como as variáveis do setor anteriormente analisadas, os anos de 2007 e 2008 foram os anos que tiveram maiores variações: o CR4 subiu de 0,4713 em 2007 para 0,6225 em 2008; o CR8 cresceu de 0,6532 para 0,7385 entre os dois anos. O índice de Herfindahl-Hirschman também teve um crescimento acentuado entre 2004 e 2014 na ordem de 66,47%. Este dado indica que o setor como um todo teve um aumento significativo de concentração durante o período.

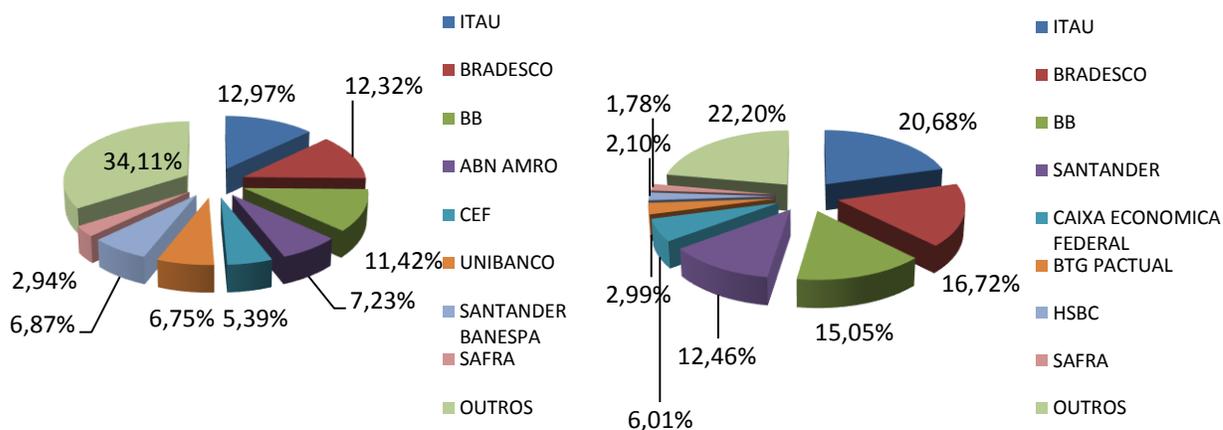
Os motivos pelas quais tais aumentos ocorreram já foram relacionados nas subseções anteriores, entretanto, outro fator também influenciou o comportamento dos indicadores: a forma que o patrimônio líquido é constituído.

A decisão dos acionistas quanto a alocação dos lucros acumulados, aporte de mais capital através da emissão de novas ações depende de uma estratégia interna de cada instituição. Aumentos de patrimônio líquido auxiliam na alavancagem das atividades, dadas as diversas condições de regulação definidas pelos Acordos de Basileia. Como a grande parte das atividades bancárias ocorrem por parte de recursos de terceiros e não por capital próprio, o patrimônio líquido da um indicativo como estão alocados os recursos dos acionistas no setor. Parte das medidas de regulamentação citadas no terceiro capítulo, exigem níveis de capital mínimos.

Diferentemente das variáveis anteriores, os bancos com maior patrimônio líquido são bancos privados: Itaú e Bradesco, seguidos por Banco do Brasil e Santander. Caixa Estadual aparece na quinta posição em 2014. Para fins da análise de concentração, tal diferenciação entre bancos públicos e privados não impacta nos índices de concentração, entretanto é uma característica importante do setor bancário brasileiro.

Conforme o Gráfico 13, os principais bancos aumentaram suas participações entre 2004 e 2014. A variação do volume total do patrimônio líquido apresentado no terceiro capítulo (Gráfico 1), indicava um aumento de R\$ 123,5 bilhões em 2004 para R\$ 475 bilhões em 2014. Este aumento é explicado pelo aumento da necessidade de capital próprio dos bancos para alavancarem suas atividades ou reduzir seus níveis de exposição e risco em períodos de instabilidade, como visto durante o período da crise financeira internacional. Estes aumentos ocorreram por emissões de novas ações, utilização de reservas e lucros acumulados, assim como a ocorrência de fusões e aquisições. O Gráfico 13 também demonstra que a grande parcela deste crescimento ocorreu entre os oito maiores bancos, dado que a participação dos demais bancos caiu de 34,11% para 22,20%, conseqüentemente, o nível de concentração aumentou.

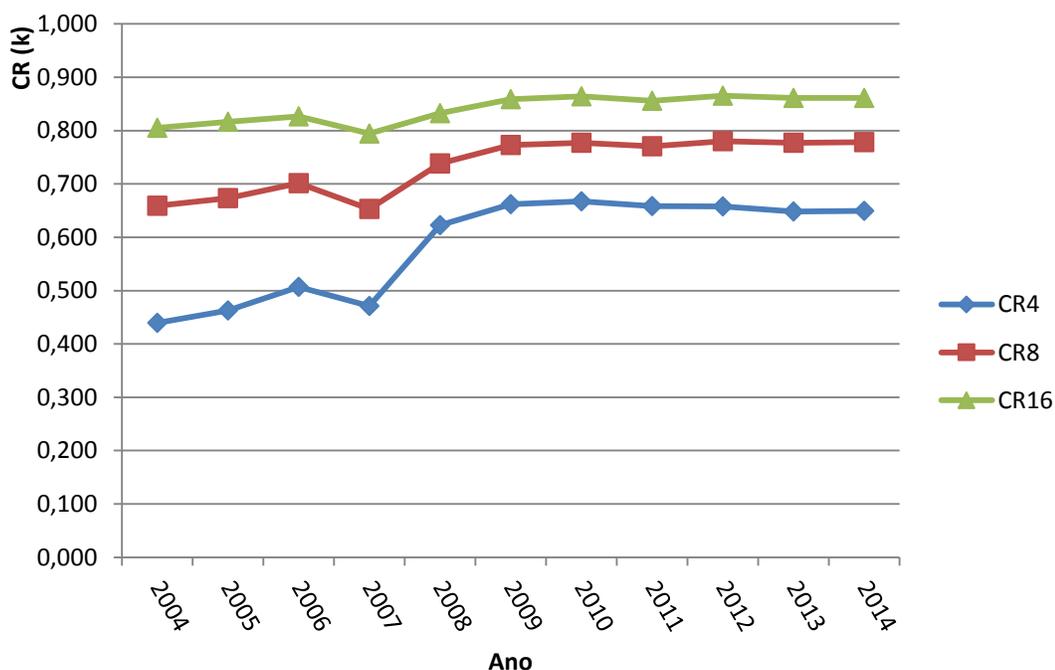
Gráfico 13 - Patrimônio Líquido CR4 e CR8 (2004-2014)



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2014)

O Gráfico 14 apresenta a evolução dos índices das razões de concentração CR4, CR8 e CR16. No período entre 2004 e 2006, verificou-se um aumento dos níveis de concentração em todos os índices. Este crescimento pode ser entendido por melhorias nas estruturas de capital de grande parte dos maiores bancos, especialmente dos quatro maiores em função da estabilidade do sistema financeiro, lucros acumulados e busca por competitividade.

Gráfico 14 - Evolução do CR4 CR8 e CR16 - Patrimônio Líquido

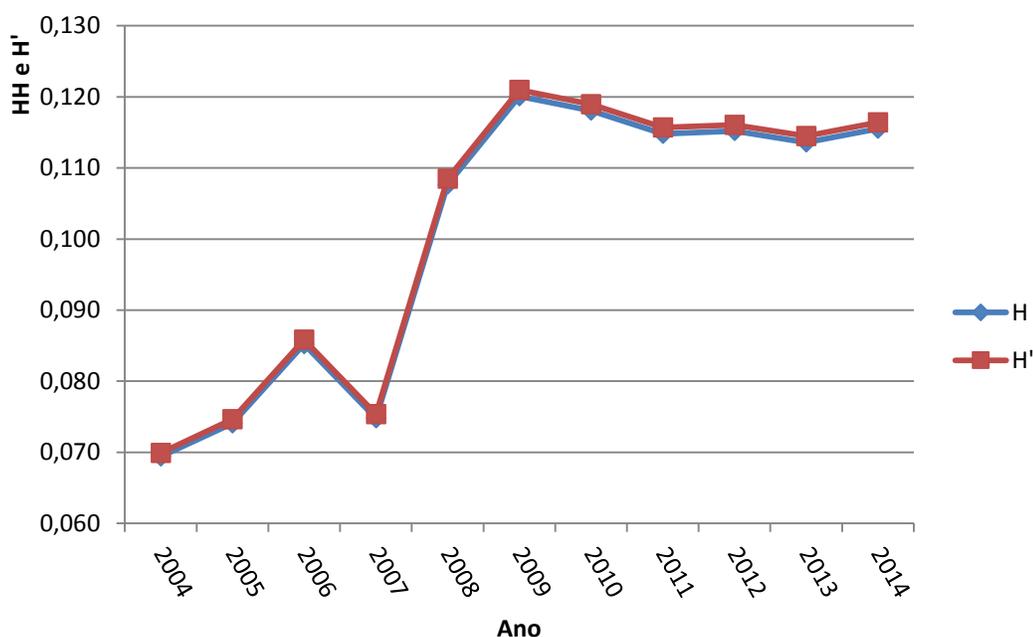


Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

Durante período entre 2006 e 2007, a redução dos índices de concentração refletiu um aumento do patrimônio líquido dos bancos pequenos e médios em relação aos maiores. Após 2007, a fusão do Itaú e Unibanco e aquisição do ABN Amro Bank pelo Santander ocasionaram o aumento de seus respectivos patrimônios líquido, o que de fato, ocasionou o aumento dos níveis de concentração do setor. Depois deste período os níveis se mantiveram estáveis

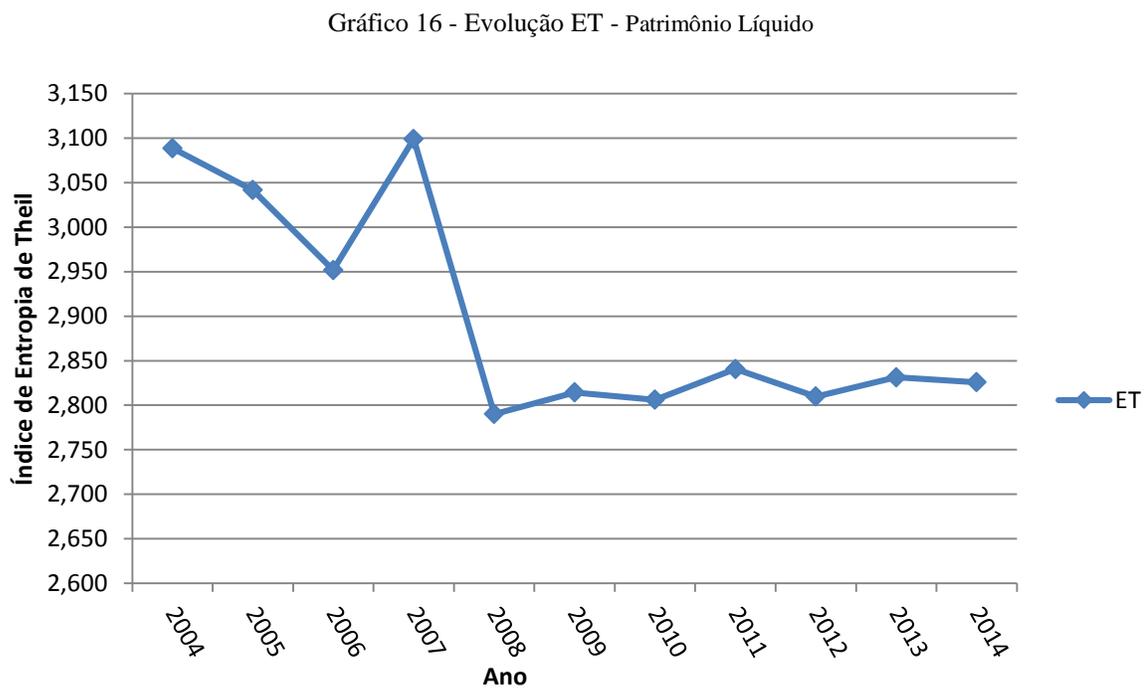
O índice de Herfindahl-Hirschman e índice de Herfindahl-Hirschman ajustado, segundo gráfico 15, assim como nos índices das razões de concentração, a concentração do setor cresceu entre 2004 e 2006, em decorrência de uma injeção de capital por parte de Itaú, Bradesco e Banco do Brasil na ordem de R\$ 28 bilhões somados. A queda da concentração em 2007 ocorreu conforme citado no parágrafo anterior, pelo aumento do patrimônio líquido dos bancos pequenos e médios em relação aos maiores. O salto de 2008 foi em consequência da fusão do Itaú e Unibanco e aquisição do ABN Amro Bank pelo Santander. Em 2009, ocorreram as aquisições do Banco do Brasil já citadas anteriormente. A partir de 2010 houve uma pequena redução e praticamente se mantiveram estáveis dada redução das fusões e aquisições.

Gráfico 15 - Evolução do HH e H' - Patrimônio Líquido



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

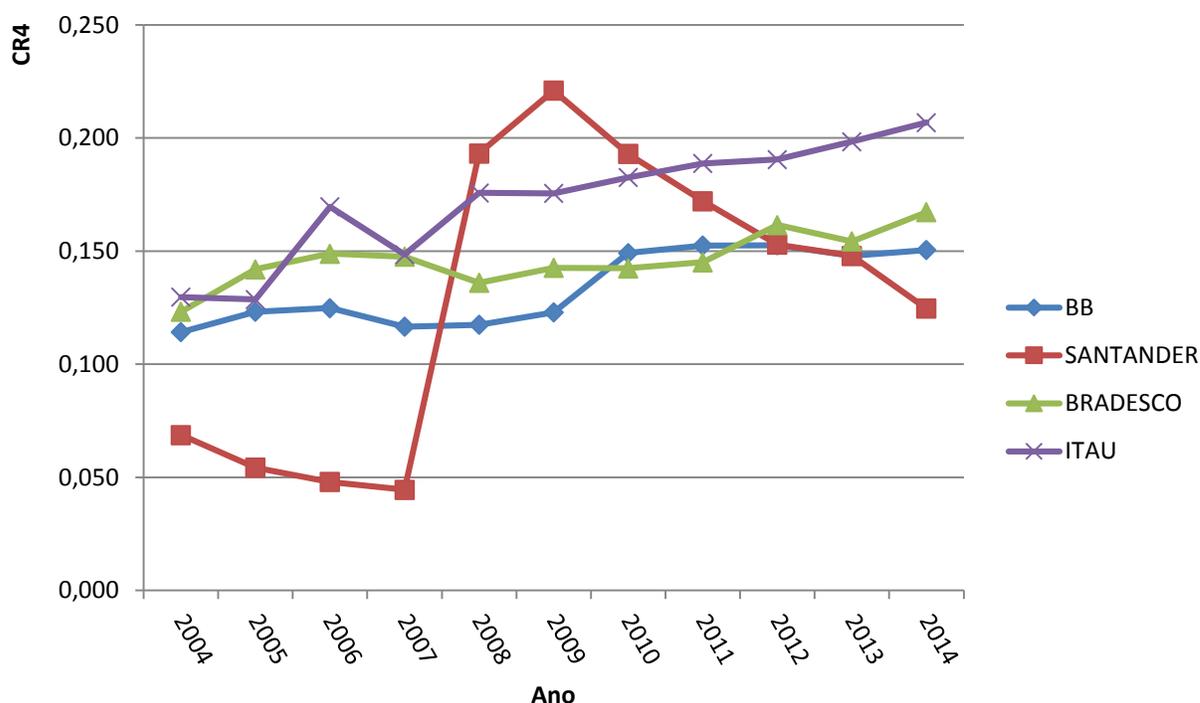
O gráfico 16, apresenta o índice de Entropia de Theil, indicador do inverso da concentração, apresentou as mesmas variações dos índices anteriores, conforme esperado após a análise dos índices HH e H².



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

Entre os maiores bancos, segundo o Gráfico 17, a seguir, verificou-se que a Caixa Econômica Federal não constava entre os quatro maiores, lugar este ocupado pelo Santander. Esta situação é explicada dado sua função inicial de operar como captadora de depósitos e não como banc múltiplo, sendo assim, havia pouca necessidade de possuir grandes volumes de patrimônio líquido, embora atualmente, a Caixa Econômica Federal opere basicamente como um Banco Múltiplo.

Gráfico 17 - Evolução CR4 - Patrimônio Líquido



Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014)

O crescimento expressivo do Santander chama a atenção. A estratégia da matriz espanhola de expandir sua atuação no Brasil é vista entre os anos de 2007 e 2009, quando o Santander foi o líder durante três anos consecutivos. Nos anos subsequentes, como o crescimento do patrimônio líquido dos outros bancos, o Santander perdeu participação relativa e caiu para a quarta posição.

Assim como apresentado das subseções anteriores, o Quadro 8 demonstra que houve uma tendência de aumento da concentração em todos indicadores.

Quadro 8 - Níveis de Concentração 2004-2014 - Patrimônio Líquido

Período	CR(4)	CR(8)	HH
2004	Moderadamente baixo	moderadamente baixo	Desconcentrado
2005	moderadamente baixo	moderadamente baixo	Desconcentrado
2006	moderadamente elevado	moderadamente elevado	Desconcentrado
2007	moderadamente elevado	moderadamente baixo	Desconcentrado
2008	moderadamente elevado	moderadamente elevado	Desconcentrado
2009	Elevado	moderadamente elevado	moderada concentração
2010	Elevado	moderadamente elevado	moderada concentração
2011	Elevado	moderadamente elevado	moderada concentração
2012	Elevado	moderadamente elevado	moderada concentração
2013	moderadamente elevado	moderadamente elevado	moderada concentração
2014	moderadamente elevado	moderadamente elevado	moderada concentração

Fonte: Elaborado pelo Autor (2015)

No caso do CR(4), pode-se considerar que o grau de concentração do setor bancário entre o ano de 2004 e 2005 como moderadamente baixo, em 2006 o setor tornou-se moderadamente elevado e logo depois, em 2009, tornou-se elevado e voltando para o patamar de moderadamente elevado em 2013 e 2014. Considerando o CR(8), pode-se dizer os graus de concentração seguem a mesma tendência de elevação, saindo de uma condição de moderadamente baixo entre 2004 e 2007, para o nível de moderadamente elevado a partir de 2008.

Quanto ao índice HH, o setor se manteve com o grau de moderada concentração durante todo o período. Entretanto, o índice teve um aumento de 66,50% no período (0,06992 para 0,11641). Apesar da manutenção do mesmo patamar de moderada concentração, o setor teve um aumento expressivo da concentração no período.

4.2.4 Síntese dos dados analisados

A análise dos dados demonstram que os principais bancos brasileiros são o Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Itáú e Bradesco quando relacionados aos seus ativos totais e depósitos totais. Os quatro bancos concentravam, em 2014, respectivamente, 59,62% e 74,9% dos totais destas duas variáveis do setor.

Os principais bancos mativeram suas posições ao longo do período analisado, com exceção da variável patrimônio líquido, que dado a aquisição do banco ABN Amro Bank pelo banco Santander em 2008, esse se tornou um dos quatro maiores bancos neste quesito.

Em todas as três variáveis analisadas, os índices de concentração apresentaram crescimento, indicando assim aumento da concentração do setor bancário entre os anos de 2004 e 2014. Os índices das razões de concentração CR4, CR8 e CR16 tiveram um comportamento muito semelhante em comparação com o índice de Herfindahl-Hirschman. A grande concentração do setor em poucos bancos explica a semelhança entre os índices.

Os dados analisados indicam que há uma alta correlação entre as variáveis e indicadores analisados, uma vez que os comportamentos das variáveis, assim como os resultados obtidos, são muito parecidos.

O índice de Herfindahl-Hirschman e o índice de Herfindahl-Hirschman ajustado são muito semelhantes dado a pouca variação da quantidade dos bancos entre os anos analisados. O índice de Entropia de Theil reforçou as análises anteriores e seguiu a mesma tendência do índice de Herfindahl-Hirschman.

As razões das variações dos índices são os mesmos para todas as variáveis: as fusões e aquisições ocorridas no setor; a crise internacional; as medidas governamentais de reestruturação e regulação do setor; e o aumento dos níveis de competição via diferenciação de produtos e serviços no mercado.

As fusões e aquisições impactaram diretamente na concentração do setor bancário brasileiro entre os anos de 2004 e 2014. Diversas fusões e aquisições ocorreram durante este período. Em maior destaque está a fusão do banco Itáú e do Unibanco em 2008, sendo esta a mais representativa e com maior impacto na concentração do setor durante o período analisado. A compra do ABN Amro Bank pelo Santander no mesmo ano também foi importante para o aumento da concentração do setor. As aquisições realizadas pelo Banco do Brasil a partir de 2009 também têm destaque pois

recolocaram o Banco do Brasil como maior banco brasileiro, posição essa perdida para o Itaú logo após a fusão com o Unibanco.

A crise internacional trouxe um cenário econômico de instabilidade, dado a redução de liquidez e restrições de crédito, e acelerou os processos de fusões e aquisições no setor afim de fortalecer as instituições bancárias.

A questão das medidas de regulação governamentais adotadas podem refletir aspectos *ex-ante* e *ex-post*. Determinadas medidas induzem o crescimento da concentração, enquanto outras visam limitar ou reduzir a concentração. As medidas de reestruturação adotadas a partir de 1994 do Sistema Financeiro Nacional através do PROER (Programa de Estimulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional) e o PROES (Programa de Incentivo à Redução do Setor Público Estadual na Atividade Bancária) induziram os processos de fusões e aquisições, ou seja, o aumento da concentração durante todo o período subsequente a implementação destas medidas.

A evolução do setor bancário e análise dos dados demonstraram que o aumento da concentração no setor também decorreu do aumento diferenciação de diversos produtos bancários e segmentos, ao aumento das restrições a entrada de novos concorrentes em função existência de economias de escala, técnicas operacionais complexas para atuação no setor, assim como a necessidade de elevados investimentos em tecnologia. Embora estes aspectos citados influenciaram os níveis de concentração ao longo do período analisado, é difícil precisar em qual medida e qual período estes aspectos foram mais relevantes.

Esta competição via diferenciação de produtos e serviços para ganho de poder de mercado pode ser vista pelas estratégias de segmentação que os bancos possuem em relação aos seus clientes segundo seu nível de renda. O Banco do Brasil oferece os relacionamentos *Banco do Brasil Estilo* e o *Banco do Brasil Private*; o Itaú possui o *Itaú Uniclass*, *Itaú Personnalité* e o *Itaú Private Bank*; e o Bradesco conta com o *Bradesco Exclusive*, *Bradesco Prime* e o *Bradesco Private Bank*.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como principal objetivo determinar e analisar a concentração do setor bancário brasileiro entre os anos de 2004 e 2014. Além disso, a pesquisa apresentou um breve histórico do setor bancário brasileiro.

O setor bancário brasileiro passou por um processo contínuo de transformações até atingir seu estado atual. Atualmente o setor bancário brasileiro, assim como todo sistema financeiro nacional é considerado sólido e eficiente.

A análise dos dados, após determinar os índices de concentração das diferentes variáveis, demonstrou que houve um crescimento da concentração do setor bancário brasileiro durante o período entre 2004 e 2014.

Os três índices de concentração calculados (CR4, CR8 e HH), considerando as diferentes variáveis analisadas (ativos totais, depósitos totais e patrimônio líquido), demonstraram que a concentração do setor bancário brasileiro é de moderada a moderadamente elevada.

Do ponto de vista dos ativos totais, os diferentes índices indicaram um crescimento da concentração de moderadamente elevada para elevada durante o período analisado. Sob a ótica dos depósitos totais, a concentração também aumentou e apresentou níveis moderadamente elevados nos diferentes indicadores. No caso da variável patrimônio líquido, os resultados da pesquisa indicaram que a concentração também cresceu e atingiu níveis moderadamente elevados.

A pesquisa identificou quatro fatores principais para aumento dos níveis de concentração do setor bancário brasileiro. Durante o período analisado, o estudo identificou que as fusões e aquisições foram o principal fator de concentração do setor. O segundo fator mais relevante decorreu da ocorrência da crise financeira internacional, que dado um cenário econômico de instabilidade, induziu e acelerou os processos de fusão e aquisição entre os bancos. O terceiro fator identificado foi a atuação do governo federal na regulação do setor. Diversas medidas corretivas e de reestruturação foram tomadas para adequação do setor. O quarto fator identificado foi o aumento da competitividade via diferenciação de produtos e serviços do setor que forçou as empresas a adotar estratégias para expandir suas operações e aumentar seus investimentos em tecnologia para conquistar poder de mercado.

Esta pesquisa possibilita que outros estudos sejam realizados a partir das conclusões alcançadas. A análise do papel desempenhado pelos bancos públicos no setor e a análise dos níveis

de competitividade do setor, considerando os níveis de concentração aqui calculados, são temas de pesquisa pertinentes que podem ser desenvolvidos a partir deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, F.; GALE, D. **Competition and Financial Stability**. Cambridge, MA: MIT, 2003. Disponível em: <<http://archive.nyu.edu/bitstream/2451/27019/3/S-FI-03-06.pdf.txt>>. Acesso em: 23 maio 2014.

BAIN, J. S. **Industrial Organization**. 2ed. Berkeley: Jonh Wiley & Sons, 1968.

BANCO CENTRAL DO BRASIL - BACEN. Concentração Bancária, Lucratividade e Risco Sistêmico: Uma abordagem de contágio indireto. In: _____. **Banco Central do Brasil: Relatório de Economia Bancária e Crédito 2008**. Brasília, 2008. p. 49-61. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pec/depep/spread/REBC_2011.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2014.

_____. **Relatório de Economia Bancária e Crédito 2008**. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pec/depep/spread/REBC_2008.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2014.

_____. **Evolução do Sistema Financeiro Nacional**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/htms/deorf/r199812/AnexoII.asp?idpai=REVSFN199812>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. 50 maiores bancos e o consolidado do Sistema Financeiro Nacional. In: _____. **Informações para análise econômico-financeira**. Brasília, 2004-2014. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/top50/port/top50.asp>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

_____. Comunicado nº 22.366, de 27 de abril de 2012. In: _____. **Divulga o Guia para Análise de Atos de Concentração envolvendo instituições financeiras e demais instituições autorizadas a funcionar pelo Banco Central do Brasil**. Brasília, 2012. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/htms/normativ/COMUNICADO22366.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

_____. **Banco Postal leva serviços bancário para pequenas cidades do interior**. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/textonoticia.asp?codigo=163&idpai=NOTICIAS>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

_____. **PROER - Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional**. Brasília, 2015. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/?PROER>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. **FAQ – Correspondentes no País (lotéricas, banco postal e outros)**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?CORRESPONDENTESFAQ>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

BANCO DO BRASIL. **Estudo para Aumento de Capital e Oferta Pública**. Brasília, 28 jan. 2010. Disponível em: <http://www.bb.com.br/portallbb/page251,136,3478,0,0,1,8.bb?codigoMenu=201&codigoNoticia=22138&localizacaoDet=1>> Acesso em: 21 abr. 2015.

BECK, T.; KUNT, A. D.; LEVINE, R. **Bank Concentration and Crises**. NBER Working Paper Series, Cambridge, 2003. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w9921.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2015.

BERGER, A. N.; KLAPPER, L. F.; TURK-ARISS, R. **Bank Competition and Financial Stability**. Washington: World Bank, 2008. (Policy Research Working Paper, 4696). Disponível em: <<http://archive.nyu.edu/bitstream/2451/27019/3/S-FI-03-06.pdf.txt>>. Acesso em: 23 maio 2014.

BOFF, H.; RESENDE, M. Concentração Industrial. In: HASENCLEVER, Lia; KUPFER, David (Org.). **Economia Industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. p.55-65.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 7.653, de 23 de dezembro de 2011**. Autoriza o aumento do capital social do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES e da Caixa Econômica Federal – CEF, e dá outras providências. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7653.htm> Acesso em: 21 abr. 2015.

_____. Presidência da República. **Decreto nº 7.880, de 28 de dezembro de 2012**. Autoriza o aumento do capital social na Caixa Econômica Federal – CEF. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7880.htm> Acesso em: 21 abr. 2015.

_____. Presidência da República. **Lei nº 11.908, de 03 de março de 2009**. Autoriza o Banco do Brasil S.A. e a Caixa Econômica Federal a constituírem subsidiárias e a adquirirem participação em instituições financeiras sediadas no Brasil. Brasília, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11908.htm> Acesso em: 25 abr. 2015.

_____. Tesouro Nacional. **Investimentos: Histórico de Investimentos**. Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.tesouro.fazenda.gov.br/investimentos>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

BRITTO, J. Concentração Industrial. In: HASENCLEVER, Lia; KUPFER, David (Org.). **Economia Industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002. p.307-343.

CARVALHEIRO, N.; TAVARES, M. A. R. M. **O Setor Bancário Brasileiro: Alguns Aspectos do Crescimento e da Concentração**. São Paulo: FIPE/USP, 1985.

CARVALHO, D. F. Padrões de concorrência e Estruturas de mercado do capitalismo: (uma abordagem neo-shumpeteriana). **Paper do NAEA**, [Belém], v. 142, p. 1-15, 2000. Cópia disponibilizada pelo orientador.

CAMARGO, P. O. **A evolução recente do setor bancário no Brasil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CONSELHO ADMINISTRATIVO DE DEFESA ECONOMICA - CADE. **Resolução nº 2, de 29 de maio de 2012.** Disciplina a notificação dos atos de que trata o artigo 88 da Lei nº 12.529, prevê procedimento sumário de análise de atos de concentração e dá outras providências.

Brasília, 2012. Disponível em:

<http://www.cade.gov.br/upload/Resolu%C3%A7%C3%A3o%202_2012%20-%20An%C3%A1lise%20Atos%20Concentra%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2015

COSTA, F. N. **Brasil dos Bancos.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CORAZZA, G. **Crise e Reestruturação Bancária no Brasil.** Porto Alegre: UFRGS, 2000.

Projeto de Pesquisa “Banco Central e Sistema Financeiro: crise e supervisão bancária no Brasil”, CNPq. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/PPGE/pcientifica/2000_08.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2015

ENCAOUA, D.; JACQUEMIN, A. **Degree of monopólio, índices of concentration and threat of entry**, *International Economic Review*, 21, 87-105.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS - FEBRABAN. **Bancarização e Inclusão Financeira no Brasil.** São Paulo, 2011. Disponível em:

<<http://www.febraban.org.br/7Rof7SWG6qmyvwJcFwF7I0aSDf9jyV/sitefebraban/BANCARIZA%C7%C3O%20-%20III%20Congresso%20Latino%20Americano%20de%20bancariza%E7%E3o%20e%20Micro%20finan%E7as%20-%20FELABAN%20-%20JUNHO%202011%20-%20FINAL.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

FARIA, J. A. de; PAULA, L. F. de; MARINHO, A. **Fusões e Aquisições Bancárias no Brasil: Uma avaliação da eficiência técnica e de escala.** Rio de Janeiro: IPEA, 2006. (Texto para discussão, 1233).

FORTUNA, E. **Mercado financeiro: produtos e serviços.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2014.

FROUFE, C. Cade aprova fusão Itaú Unibanco. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2010. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,cade-aprova-fusao-itaunibanco-imp-,597073>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

KON, A. **Economia Industrial.** São Paulo: Nobel, 1999.

MARTINS, B. S. Estrutura de mercado local e competição bancária: evidências no mercado de financiamento de veículos. In: BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Relatório de economia bancária e crédito 2011.** Brasília: BACEN, 2011. Capítulo 6, p. 106-130. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pec/depep/spread/REBC_2011.pdf>. Acesso em: 23 maio 2014.

MARTELANC, R.; PASIN, R.; PEREIRA, F. **Avaliação de Empresas: um guia para fusões & aquisições.** 7. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços**: abordagem básica e gerencial: como avaliar empresas, análise da gestão de caixa, análise da gestão de lucro, desempenho da diretoria. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MELO, L. M. de. Modelos Tradicionais de Concorrência. In: HASENCLEVER, Lia; KUPFER, David (Org.). **Economia Industrial**: fundamentos teóricos e práticas no Brasil. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. p.3-14.

MIRIAN, B.; FARAZI, S.;KANZ, M. **Bank Competition, Concentration, and Credit Reporting**. Washington: World Bank, 2013. (Policy Research Working Paper No. 6442). Disponível em:< http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2264680>. Acesso em: 23 maio 2014.

PINDYCK, R. S.; RUBINFELD, D. **Microeconomia**. 7. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M. A. S. de (Org.). **Manual de Economia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

ROCHA, F. A. S. Evolução da Concentração Bancária no Brasil (1994-2000). **Notas Técnicas do Banco Central do Brasil**, Brasília, n. 11, p. 1-40, nov. 2001.

RESENDE, M. Medidas de Concentração Industrial: uma resenha. **Análise Econômica**, [Rio de Janeiro], Ano 11, p. 24-33, 1994. Cópia disponibilizada pelo orientador.

SOUZA, N. de J. de. **Curso de Economia**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VASCONCELLOS, M. A. S.; GARCIA, M. E. **Fundamentos de Economia**. São Paulo: Saraiva, 2003.

APÊNDICE A - ÍNDICES DE EVOLUÇÃO BANCÁRIA 2004-2014

Tabela 1 - Evolução das Variáveis - 2004-2014

Ano	Ativo Total	Depósitos Totais	Patrimônio Líquido
2004	1.256.669.777	546.663.679	123.520.500
2005	1.459.263.045	647.546.693	136.724.173
2006	1.762.286.482	741.211.940	166.312.777
2007	2.294.567.793	882.436.075	208.080.081
2008	2.951.581.339	1.223.591.665	254.847.368
2009	3.140.041.579	1.275.203.792	293.845.569
2010	3.749.683.947	1.435.850.507	338.536.089
2011	4.397.135.426	1.636.395.331	384.304.917
2012	5.119.326.156	1.695.899.323	434.818.564
2013	5.596.943.036	1.745.375.336	435.773.762
2014	6.125.256.089	1.845.077.459	474.924.118

Fonte: Elaborado pelo autor, dados do BACEN (2004-2014).

(Milhares de R\$)

ANEXO A – FUSÕES / INCORPORAÇÕES / AQUISIÇÕES

Quadro 1 - Fusões / Incorporações/Aquisições

Comprou	Comprado	Data	C/ ou S/ PROER	Situação
Itaú	Banco Francês e Brasileiro (BFB)	Julho de 1995	Sem	Normal
Nacional de Paris – BNP	Comercial de S.Paulo	Agosto de 1995	Sem	Liquidação
Itamarati	Crefisul	Setembro de 1995	Sem	Normal
Comercial de France	Montreal	Setembro de 1995	Sem	Normal
Unibanco	Nacional	Novembro de 1995	Com	Liquidação
Pontual	Continental	Janeiro de 1996	Sem	Normal
United	Antonio de Queiroz	Abril de 1996	Com	Normal
Mitsubishi	Tokyo	Abril de 1996	Sem	Normal
Dibens	Battistella	Abril de 1996	Sem	Normal
Excel	Econômico	Mai de 1996	Com	Liquidação
Bandeirantes	Banorte	Mai de 1996	Com	Liquidação
Rural	Mercantil	Mai de 1996	Com	Liquidação
Deutsch Sudamerikanische Bank	Banco Grande Rio	Junho de 1996	Sem	Liquidação
Pontual	Martinelli	Junho de 1996	Sem	Normal
BCN	Itamarati	Julho de 1996	Sem	Normal
Cindam	Fonte	Julho de 1996	Sem	Normal
Lavra	Segmento	Novembro de 1996	Sem	Normal
Caoa	Schahin Cury	Novembro de 1996	Sem	Normal
Galicia	BCN Barclays	Dezembro de 1996	Sem	Normal
Société Générale	Sogeral	Janeiro de 1997	Sem	Normal
Lloyds Bank	Multiplic	Fevereiro de 1997	Sem	Normal
Santander	Geral do Comércio	Março de 1997	Sem	Normal
Arabian Bank	ABC Roma	Março de 1997	Sem	Normal
HSBC	Bamerindus	Março de 1997	Com	Intervenção
Morgan Greenfeld	Irmãos Guimaraes	Abril de 1997	Sem	Liquidação
Itaú	Banerj	Julho de 1997	Sem	Liquidação
Bco.Geral do Comércio (Santander)	Noroeste	Agosto de 1997	Sem	Normal
BCN	Credireal	Agosto de 1997	Sem	Normal
Interatlântico (Bco. Espírito Santo)	Boavista	Setembro de 1997	Sem	Normal
American Express Bank	SRL (associação)	Setembro de 1997	Sem	Normal
AIG Consumer Finance Group	Fenícia	Setembro de 1997	Sem	Normal
Bradesco	BCN	Outubro de 1997	Sem	Normal
Swiss Bank Corporation	Ômega	Novembro de 1997	Sem	Normal
Nations Bank Corporation	Liberal	Novembro de 1997	Sem	Normal
Pactual	Sistema	Dezembro de 1997	Sem	Normal
Bozano Simonsen	Meridional	Dezembro de 1997	Sem	Normal
Wachovia Corp. Finance	Português do Atlântico	Dezembro de 1997	Sem	Normal
Caixa Geral de Depósitos	Bandeirantes	Janeiro de 1998	Sem	Normal
Flemings	Graphus	Fevereiro de 1998	Sem	Normal
General Eletric Capital Corporation	Mappin S/A	Fevereiro de 1998	Sem	Normal

Comprou	Comprado	Data	C/ ou S/ PROER	Situação
Unibanco	Dibens	Março de 1998	Sem	Normal
Mellon Bank	Brascan	Março de 1998	Sem	Normal
Bilbao Vizcaya	Excel Econômico	Maior de 1998	Sem	Normal
Crédit Suisse First Boston	Garantia	Junho de 1998	Sem	Normal
Sudameris	América do Sul	Junho de 1998	Sem	Normal
ABN-Amro Bank	Real	Julho de 1998	Sem	Normal
Itaú	Bemge	Setembro de 1998	Sem	Normal
Bradesco (BCN)	Pontual	Novembro de 1998	Sem	Normal
ABN-Amro Bank	Bandepe	Novembro de 1998	Sem	Normal
Internacional do Funchal (Banif)	Primus	Maior de 1999	Sem	Normal
Bradesco	Baneb (Bco. Est. da Bahia)	Junho de 1999	Sem	Normal
BBA	Icatu (associação)	Agosto de 1999	Sem	Normal
Bank of New York	Credibanco	Outubro de 1999	Sem	Normal
Santander	Bozano Simonsen / Meridional	Janeiro de 2000	Sem	Normal
Unibanco	Credibanco	Fevereiro de 2000	Sem	Normal
Unibanco	Bandeirantes	Julho de 2000	Sem	Normal
Bradesco	Boavista	Julho de 2000	Sem	Normal
Itaú	Banestado	Outubro de 2000	Sem	Normal
Santander	Banespa	Novembro de 2000	Sem	Normal
Bank of América (*)	Liberal	Julho de 2001	Sem	Normal
Barclays e Galicia	Gallicia (50%) (parte do Gallicia)	Agosto de 2001	Sem	Normal
ABN-Amro Bank	Paraiban	Novembro de 2001	Sem	Normal
Itaú	BEG - Bco. Estado de Goias	Dezembro de 2001	Sem	Normal
Bradesco	Mercantil de São Paulo - Finasa	Janeiro de 2002	Sem	Normal
Bradesco	Banco do Estado do Amazonas	Janeiro de 2002	Sem	Normal
Bradesco	Banco Cidade	Fevereiro de 2002	Sem	Normal
Unibanco	Investcred	Abril de 2002	Sem	Normal
Unibanco	Banco Fininvest	Abril de 2002	Sem	Normal
Itaú	Banco BBA	Novembro de 2002	Sem	Normal
Itaú	Fiat	Dezembro de 2002	Sem	Normal
Bradesco	Banco Bilbao Vizcaya	Janeiro de 2003	Sem	Normal
Trapézio S/A (Bco Rural)	Banco Sul América	Maior de 2003	Sem	Normal
Rural	Rural Mais (Antigo Banco Sulamérica)	Maior de 2003	Sem	Normal
ABN-Amro Real	Sudameris	Agosto de 2003	Sem	Normal
HSBC	Lloyds TSB	Outubro de 2003	Sem	Normal
Société Generale	Banco Pecúnia	Outubro de 2003	Sem	Normal
Bank of America	Fleet Boston	Novembro de 2003	Sem	Normal
Bradesco	Banco Zogbi	Novembro de 2003	Sem	Normal
Bradesco	Banco do Estado do Maranhão (BEM)	Fevereiro de 2004	Sem	Normal
Itaú	Banco AGF	Fevereiro de 2004	Sem	Normal
Unibanco	BNL/AS	Junho de 2004	Sem	Normal
Bradesco	BEC	Janeiro de 2006	Sem	Normal
Itaú	Bank Boston	Maior de 2006	Sem	Normal
Bradesco	Alvorada	2006	Sem	Normal
Itaú	Citicard	2006	Sem	Normal
Bradesco	Banco American Express	Junho de 2006	Sem	Normal

Comprou	Comprado	Data	C/ ou S/ PROER	Situação
UBS	Pactual	Setembro de 2006	Sem	Normal
American Express S.A ¹	Banco Bankpar S. A	Outubro de 2006	Sem	Normal
Bradesco	Banco BMC	Agosto de 2007	Sem	Normal
Société Générale	Banco Cacique	Novembro de 2007	Sem	Normal
Santander	ABN Amro Real	Julho de 2008	Sem	Normal
BNP Paribas	Banco BGN	Julho de 2008	Sem	Normal
Itaú	Unibanco	Novembro 2008	Sem	Normal
Banco do Brasil	Banco do Estado de Santa Catarina (BESC)	Janeiro de 2009	Sem	Normal
Banco do Brasil	Banco Nossa Caixa	Março de 2009	Sem	Normal

Fonte: Bacen (2014) e Costa (2012), adaptado pelo autor.

ANEXO B – RANKING DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS 2004-2014

Tabela 01 – Ranking Instituições Financeiras 2004

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido	Depósito Total
1	BB	C	1	BRASILIA	DF	239.014.143	14.105.696	1.603.254	115.531.842
2	CEF	I	1	BRASILIA	DF	147.786.559	6.663.640	796.057	91.772.694
3	BRADESCO	C	3	OSASCO	SP	148.207.637	15.221.289	1.973.854	68.687.387
4	ITAU	C	3	SAO PAULO	SP	123.443.368	16.015.523	3.078.774	42.224.637
5	UNIBANCO	C	5	SAO PAULO	SP	72.928.818	8.334.908	724.781	33.992.812
6	SANTANDER BANESPA	C	4	SAO PAULO	SP	66.548.096	8.485.610	824.580	22.912.874
7	ABN AMRO	C	4	SAO PAULO	SP	59.150.578	8.927.989	140.787	32.363.359
8	SAFRA	C	3	SAO PAULO	SP	40.841.868	3.635.269	352.631	9.984.685
9	HSBC	C	4	CURITIBA	PR	34.374.797	2.674.790	331.640	23.062.877
10	NOSSA CAIXA	I	2	SAO PAULO	SP	31.251.866	2.163.340	212.815	22.014.899
11	VOTORANTIM	C	3	SAO PAULO	SP	36.586.675	3.283.987	398.348	13.079.040
12	CITIBANK	C	4	SAO PAULO	SP	21.957.104	2.904.548	-266.113	6.015.969
13	BANKBOSTON	C	4	SAO PAULO	SP	21.414.563	2.917.297	-52.889	3.086.317
14	BNB	I	1	FORTALEZA	CE	13.167.413	1.340.386	63.897	2.711.629
15	BANRISUL	C	2	PORTO ALEGRE	RS	12.202.699	1.025.833	190.614	7.731.176
16	CREDIT SUISSE	C	4	SAO PAULO	SP	13.570.750	702.864	-27.628	2.383.117
17	ALFA	C	3	SAO PAULO	SP	7.778.449	1.155.837	70.422	2.366.368
18	JP MORGAN CHASE	C	4	SAO PAULO	SP	6.585.016	1.324.468	62.418	1.230.503
19	PACTUAL	C	5	RIO DE JANEIRO	RJ	8.470.905	613.899	99.824	1.027.781
20	SANTOS - Sob Intervenção	C	3	SAO PAULO	SP	6.369.707	559.747	-44.773	1.863.873
21	BNP PARIBAS	I	4	SAO PAULO	SP	6.770.953	537.966	68.461	790.226
22	BBM	C	3	SALVADOR	BA	5.491.641	401.618	46.079	1.300.849
23	RURAL	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	5.335.238	679.053	72.174	3.060.485
24	DEUTSCHE	C	4	SAO PAULO	SP	5.539.430	297.349	15.745	1.609.420
25	BIC	C	3	SAO PAULO	SP	4.483.055	453.984	47.300	1.464.107
26	BASA	I	1	BELEM	PA	3.833.959	1.473.513	37.426	730.553
27	MERCANTIL DO BRASIL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	4.117.053	434.709	21.892	2.473.359
28	RABOBANK	I	4	SAO PAULO	SP	3.182.112	159.795	-8.474	120.415
29	BANESTES	C	2	VITORIA	ES	3.080.287	190.563	23.605	2.033.645
30	FIBRA	C	3	SAO PAULO	SP	6.539.134	425.688	3.703	1.056.599
31	BMG	C	3	BELO HORIZONTE	MG	2.916.868	536.642	198.764	1.282.542
32	SS	C	3	SAO PAULO	SP	2.682.055	315.541	11.956	1.725.538

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido	Depósito Total
33	ABC-BRASIL	C	4	SAO PAULO	SP	2.425.395	370.109	20.874	898.430
34	CRUZEIRO DO SUL	C	3	SAO PAULO	SP	4.778.953	143.208	20.794	302.619
35	BESC	I	1	FLORIANOPOLIS	SC	2.337.619	141.327	11.232	775.166
36	IBIBANK	I	4	BARUERI	SP	2.213.066	356.396	43.123	655.665
37	BRB	C	2	BRASILIA	DF	2.026.961	256.728	13.645	1.370.311
38	BANCOOB	I	3	BRASILIA	DF	1.948.260	64.885	4.640	576.828
39	BMC	C	3	SAO PAULO	SP	1.804.371	231.128	2.906	683.649
40	DRESDNER	C	4	SAO PAULO	SP	1.627.477	266.599	-22.414	81.368
41	CREDIT LYONNAIS	C	4	SAO PAULO	SP	1.718.150	111.565	-1.073	77.056
42	AMEX	C	4	SAO PAULO	SP	1.603.975	192.490	-38.668	229.852
43	WESTLB	I	4	SAO PAULO	SP	1.824.158	314.621	-26.642	16.331
44	BEC	C	1	FORTALEZA	CE	1.634.635	356.270	43.271	755.538
45	CLASSICO	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	1.414.013	1.232.826	16.803	1.976
46	BCO JOHN DEERE	I	4	PORTO ALEGRE	RS	1.322.149	162.912	17.358	24.839
47	SOFISA	C	3	SAO PAULO	SP	1.302.536	257.289	19.079	725.185
48	PINE	C	3	SAO PAULO	SP	1.377.788	171.148	15.998	412.493
49	ING	C	4	SAO PAULO	SP	1.233.616	228.833	-52.483	67.272
50	DAYCOVAL	I	3	SAO PAULO	SP	1.212.126	334.365	37.633	530.429
Total 50 Maiores Bancos (Consolidado Bancário I)						1.199.428.044	113.156.040	11.198.000	529.876.584
% de Participação 50 maiores Bancos (Consolidado Bancário I)						82,70%	77,00%	88,30%	92,60%
Total demais Bancos (Consolidado Bancário I)						24.587.655	5.233.045	195.976	7.889.026
Total Consolidado Bancário I (108 Instituições)						1.224.015.699	118.389.085	11.393.976	537.765.610
% de Participação Consolidado Bancário I						84,40%	80,60%	89,80%	94,00%
Total 5 Maiores Bancos (Consolidado Bancário II)						178.708.594	15.891.250	470.682	20.497.493
% de Participação 5 maiores Bancos (Consolidado Bancário II)						12,30%	10,80%	3,70%	3,60%
Total demais Bancos (Consolidado Bancário II)						15.817.615	3.354.897	209.887	3.351.367
Total Consolidado Bancário II (32 Instituições)						194.526.209	19.246.147	680.569	23.848.860
% de Participação Consolidado Bancário II						13,40%	13,10%	5,40%	4,20%
Total Consolidado Bancário III (1411 Instituições)						18.496.693	4.179.225	334.230	8.286.914
% de Participação Consolidado Bancário III						1,30%	2,80%	2,60%	1,50%
Total Consolidado Não Bancário (331 Instituições)						13.587.144	5.089.420	280.504	2.223.140
% de Participação Consolidado Não Bancário						0,90%	3,50%	2,20%	0,40%
Total do Sistema Financeiro Nacional						1.450.625.745	146.903.877	12.689.279	572.124.524

Fonte: Sibacen (2004)

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público Federal, 2 - Público Estadual, 3 - Privado Nacional, 4 - Privado Controle Estrangeiro, 5 - Privado Participação Estrangeira

Data-base: Dezembro/2004 (Milhares de R\$)

Tabela 02 –Instituições Financeiras 2005

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido	Depósito Total
1	BB	C	1	BRASILIA	DF	252.976.988	16.849.764	2.174.767	137.658.259
2	CEF	I	1	BRASILIA	DF	188.677.661	7.951.942	1.135.904	106.899.588
3	BRADESCO	C	3	OSASCO	SP	165.760.079	19.414.749	2.893.189	75.468.849
4	ITAU	C	3	SAO PAULO	SP	146.041.753	17.589.153	2.891.002	51.665.611
5	UNIBANCO	C	5	SAO PAULO	SP	84.499.471	9.448.892	1.013.397	36.730.206
6	SANTANDER BANESPA	C	4	SAO PAULO	SP	85.015.023	7.423.938	698.692	29.982.206
7	ABN AMRO	C	4	SAO PAULO	SP	74.598.240	9.218.185	699.449	45.375.041
8	SAFRA	C	3	SAO PAULO	SP	51.356.407	3.958.580	394.053	11.599.132
9	HSBC	C	4	CURITIBA	PR	47.523.816	3.466.738	518.794	29.064.469
10	VOTORANTIM	C	3	SAO PAULO	SP	46.068.088	4.148.522	464.496	20.391.906
11	NOSSA CAIXA	I	2	SAO PAULO	SP	33.418.818	2.298.707	386.047	24.690.298
12	CITIBANK	C	4	SAO PAULO	SP	25.137.032	3.068.540	232.580	6.283.785
13	BANKBOSTON	C	4	SAO PAULO	SP	22.659.457	2.124.383	31.891	4.097.076
14	PACTUAL	C	5	RIO DE JANEIRO	RJ	20.819.390	625.223	125.800	1.942.866
15	BANRISUL	C	2	PORTO ALEGRE	RS	14.214.186	1.142.961	177.582	8.986.050
16	BNB	I	1	FORTALEZA	CE	12.591.082	1.380.795	150.337	2.513.251
17	BBM	C	3	SALVADOR	BA	10.853.581	500.305	86.771	1.728.184
18	ALFA	C	3	SAO PAULO	SP	9.322.362	1.259.755	80.349	3.433.278
19	DEUTSCHE	C	4	SAO PAULO	SP	8.932.333	575.771	192.162	526.800
20	JP MORGAN CHASE	C	4	SAO PAULO	SP	9.101.718	1.370.569	102.564	813.315
21	CREDIT SUISSE	C	4	SAO PAULO	SP	9.840.895	860.457	95.553	2.164.907
22	BIC	C	3	SAO PAULO	SP	6.763.491	511.190	37.012	1.902.998
23	BNP PARIBAS	I	4	SAO PAULO	SP	5.760.512	591.414	63.494	1.408.791
24	BASA	I	1	BELEM	PA	4.439.604	1.630.875	156.714	826.317
25	BMG	C	3	BELO HORIZONTE	MG	3.957.666	803.703	116.619	678.461
26	BANESTES	C	2	VITORIA	ES	4.402.608	275.581	46.238	2.508.584
27	MERCANTIL DO BRASIL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	4.265.799	504.063	7.631	2.371.684
28	RABOBANK	I	4	SAO PAULO	SP	3.525.652	229.268	-10.120	552.354
29	FIBRA	C	3	SAO PAULO	SP	9.429.524	397.325	19.942	1.283.182
30	ABC-BRASIL	C	4	SAO PAULO	SP	2.869.824	398.036	38.159	1.225.901
31	BESC	I	1	FLORIANOPOLIS	SC	2.834.417	127.793	-22.377	1.080.690
32	IBIBANK	I	4	BARUERI	SP	2.811.289	411.475	62.972	940.152
33	SS	C	3	SAO PAULO	SP	2.753.684	398.965	38.388	1.565.907
34	RURAL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	2.401.446	435.906	-90.858	1.173.204

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido	Depósito Total
35	CRUZEIRO DO SUL	C	3	SAO PAULO	SP	2.373.669	164.100	9.672	334.960
36	BRB	C	2	BRASILIA	DF	2.263.591	275.633	22.024	1.616.685
37	BANCOOB	I	3	BRASILIA	DF	2.590.579	76.456	5.417	813.574
38	PINE	C	3	SAO PAULO	SP	1.982.052	208.883	26.846	543.003
39	BEC	C	1	FORTALEZA	CE	2.004.077	418.894	59.953	981.898
40	AMEX	C	4	SAO PAULO	SP	1.845.495	188.751	-46.308	210.472
41	BMC	C	3	SAO PAULO	SP	1.836.572	237.689	35.380	539.180
42	CLASSICO	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	1.835.030	1.650.491	66.683	43
43	DAYCOVAL	I	3	SAO PAULO	SP	2.153.324	365.663	67.504	935.437
44	ING	C	4	SAO PAULO	SP	1.784.614	174.672	-25.130	340.541
45	SOFISA	C	3	SAO PAULO	SP	1.683.730	285.129	23.479	1.052.430
46	BANSICREDI	I	3	PORTO ALEGRE	RS	2.846.997	84.856	6.279	991.822
47	WESTLB	I	4	SAO PAULO	SP	1.598.445	188.463	-10.779	411.081
48	BCO JOHN DEERE	I	4	PORTO ALEGRE	RS	1.516.764	191.935	13.549	3.086
49	SOCIETE GENERALE	C	4	SAO PAULO	SP	1.474.565	231.567	-6.579	101.298
50	BGN	I	3	RECIFE	PE	1.426.997	112.721	8.398	609.467
Total 50 Maiores Bancos (Consolidado Bancário I)						1.406.840.397	126.249.426	15.265.581	629.018.279
% de Participação 50 maiores Bancos (Consolidado Bancário I)						84,00%	76,90%	83,50%	92,10%
Total demais Bancos (Consolidado Bancário I)						22.772.710	5.279.999	402.860	8.060.633
Total Consolidado Bancário I (104 Instituições)						1.429.613.107	131.529.425	15.668.441	637.078.912
% de Participação Consolidado Bancário I						85,40%	80,10%	85,70%	93,30%
Total 5 Maiores Bancos (Consolidado Bancário II)						187.640.768	18.245.995	1.560.957	26.168.443
% de Participação 5 maiores Bancos (Consolidado Bancário II)						11,20%	11,10%	8,50%	3,80%
Total demais Bancos (Consolidado Bancário II)						17.041.089	3.379.108	252.343	5.536.521
Total Consolidado Bancário II (31 Instituições)						204.681.857	21.625.103	1.813.300	31.704.964
% de Participação Consolidado Bancário II						12,20%	13,20%	9,90%	4,60%
Total Consolidado Bancário III (1416 Instituições)						23.332.400	5.162.095	421.285	10.280.627
% de Participação Consolidado Bancário III						1,40%	3,10%	2,30%	1,50%
Total Consolidado Não Bancário (337 Instituições)						16.996.644	5.917.975	388.438	3.638.105
% de Participação Consolidado Não Bancário						1,00%	3,60%	2,10%	0,50%
Total do Sistema Financeiro Nacional						1.674.624.008	164.234.598	18.291.464	682.702.608

Fonte: Sibacen (2005)

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público Federal, 2 - Público Estadual, 3 - Privado Nacional, 4 - Privado Controle Estrangeiro, 5 - Privado

Participação Estrangeira

Data-base: Dezembro/2005 (Milhares de R\$)

Tabela 03 –Instituições Financeiras 2006

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido	Depósito Total
1	BB	C	1	BRASILIA	DF	296.356.419	20.758.158	2.155.588	158.840.958
2	BRADESCO	C	3	OSASCO	SP	213.302.930	24.756.782	1.876.597	83.969.141
3	CEF	I	1	BRASILIA	DF	209.532.835	9.182.469	1.042.212	121.390.492
4	ITAU	C	3	SAO PAULO	SP	205.156.179	28.208.599	3.361.271	62.243.101
5	ABN AMRO	C	4	SAO PAULO	SP	119.160.302	10.587.931	1.172.241	55.138.214
6	SANTANDER BANESPA	C	4	SAO PAULO	SP	102.125.938	7.975.612	752.502	31.925.294
7	UNIBANCO	C	5	SAO PAULO	SP	97.785.134	10.019.000	714.295	36.370.360
8	SAFRA	C	3	SAO PAULO	SP	61.820.338	4.106.070	494.809	12.924.625
9	HSBC	C	4	CURITIBA	PR	58.265.728	4.111.914	500.547	37.725.095
10	VOTORANTIM	C	3	SAO PAULO	SP	56.707.483	5.146.546	664.294	19.641.280
11	NOSSA CAIXA	I	2	SAO PAULO	SP	39.319.392	2.598.951	163.573	27.566.261
12	CITIBANK	C	4	SAO PAULO	SP	30.755.195	3.188.754	204.034	5.559.250
13	UBS PACTUAL	C	4	RIO DE JANEIRO	RJ	20.260.656	1.453.560	333.111	2.620.903
14	BANRISUL	C	2	PORTO ALEGRE	RS	15.697.307	1.294.376	172.796	10.482.845
15	BBM	C	3	SALVADOR	BA	12.401.765	665.060	109.678	2.291.882
16	BNB	I	1	FORTALEZA	CE	12.477.424	1.502.348	126.303	2.648.074
17	ALFA	C	3	SAO PAULO	SP	11.075.730	1.230.425	85.742	3.803.644
18	BNP PARIBAS	C	4	SAO PAULO	SP	10.673.186	916.133	40.048	3.505.152
19	DEUTSCHE	C	4	SAO PAULO	SP	9.007.310	523.649	117.815	1.108.243
20	CREDIT SUISSE	C	4	SAO PAULO	SP	10.811.532	1.206.172	120.721	2.793.981
21	JP MORGAN CHASE	C	4	SAO PAULO	SP	8.282.640	1.489.150	31.543	388.037
22	FIBRA	C	3	SAO PAULO	SP	8.345.297	440.650	43.991	1.856.569
23	BIC	C	3	SAO PAULO	SP	7.325.085	535.155	51.597	2.519.710
24	BASA	I	1	BELEM	PA	5.158.922	1.699.090	129.475	919.246
25	BANESTES	C	2	VITORIA	ES	5.637.362	399.506	81.090	3.089.370
26	BMG	C	3	BELO HORIZONTE	MG	4.624.199	1.003.892	138.769	889.840
27	BESC	C	1	FLORIANOPOLIS	SC	4.246.753	336.080	20.807	2.610.024

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido	Depósito Total
28	MERCANTIL DO BRASIL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	5.058.303	516.967	7.299	2.660.346
29	IBIBANK	I	4	BARUERI	SP	3.816.176	460.641	68.220	1.453.859
30	ABC-BRASIL	C	4	SAO PAULO	SP	3.777.299	438.817	36.124	1.570.048
31	RABOBANK	I	4	SAO PAULO	SP	3.775.465	309.995	-1.947	680.138
32	SS	C	3	SAO PAULO	SP	3.754.127	478.352	58.442	1.602.732
33	BANCOOB	I	3	BRASILIA	DF	3.586.143	94.670	8.605	1.520.108
34	PINE	C	3	SAO PAULO	SP	3.205.491	335.199	35.608	842.629
35	ING	C	4	SAO PAULO	SP	2.939.051	448.903	404	345.912
36	BRB	C	2	BRASILIA	DF	2.783.207	303.733	58.661	2.023.789
37	DAYCOVAL	I	3	SAO PAULO	SP	3.035.739	437.767	59.073	1.353.965
38	BMC	C	3	SAO PAULO	SP	2.391.458	284.584	27.616	871.047
39	CLASSICO	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	2.314.032	2.150.241	72.668	361
40	BANSICREDI	I	3	PORTO ALEGRE	RS	4.517.633	99.986	8.216	1.613.133
41	BARCLAYS	I	4	SAO PAULO	SP	2.139.151	284.209	57.104	18
42	CRUZEIRO DO SUL	C	3	SAO PAULO	SP	2.117.546	262.061	28.943	659.069
43	SOFISA	C	3	SAO PAULO	SP	2.098.479	322.484	28.011	1.236.811
44	BGN	I	3	RECIFE	PE	2.075.383	124.128	15.757	782.564
45	WESTLB	I	4	SAO PAULO	SP	1.815.860	242.822	60.866	999.176
46	RURAL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	1.809.355	263.463	-38.087	967.178
47	BCO JOHN DEERE	I	4	PORTO ALEGRE	RS	1.662.583	208.175	4.834	5.891
48	SCHAHIN	C	3	SAO PAULO	SP	1.542.764	201.880	14.140	779.182
49	DRESDNER	C	4	SAO PAULO	SP	1.566.521	265.185	36.225	728.360
50	BANESE	I	2	ARACAJU	SE	1.443.796	105.864	34.421	1.045.679
Total 50 Maiores Bancos (Consolidado Bancário I)						1.699.538.603	153.976.158	15.386.652	718.563.586
% de Participação 50 maiores Bancos (Consolidado Bancário I)						85,10%	77,40%	77,40%	92,00%
Total demais Bancos (Consolidado Bancário I)						27.315.599	5.943.670	273.539	9.414.764
Total Consolidado Bancário I (104 Instituições)						1.726.854.202	159.919.828	15.660.191	727.978.350
% de Participação Consolidado Bancário I						86,40%	80,40%	78,80%	93,20%
Total 5 Maiores Bancos (Consolidado Bancário II)						203.920.166	22.053.730	3.263.907	32.287.317
% de Participação 5 maiores Bancos (Consolidado Bancário II)						10,20%	11,10%	16,40%	4,10%
Total demais Bancos (Consolidado Bancário II)						20.919.160	4.266.012	263.558	7.143.623
Total Consolidado Bancário II (30 Instituições)						224.839.326	26.319.742	3.527.465	39.430.940
% de Participação Consolidado Bancário II						11,30%	13,20%	17,80%	5,10%

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido	Depósito Total
Total Consolidado Bancário III (1422 Instituições)						30.232.937	6.227.905	444.537	13.285.827
% de Participação Consolidado Bancário III						1,50%	3,10%	2,20%	1,70%
Total Consolidado Não Bancário (320 Instituições)						15.809.277	6.366.878	240.910	790.823
% de Participação Consolidado Não Bancário						0,80%	3,20%	1,20%	0,10%
Total do Sistema Financeiro Nacional						1.997.735.742	198.834.353	19.873.103	781.485.940

Fonte: Sisbacen (2006)

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público Federal, 2 - Público Estadual, 3 - Privado Nacional, 4 - Privado Controle Estrangeiro, 5 - Privado Participação Estrangeira

Data-base: Dezembro/2006 (Milhares de R\$)

Tabela 04 –Instituições Financeiras 2007

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido	Depósito Total
1	BB	C	1	BRASILIA	DF	357.750.243	24.262.096	2.580.951	188.282.487
2	ITAU	C	3	SAO PAULO	SP	288.768.338	30.894.977	4.491.745	82.592.147
3	BRADESCO	C	3	OSASCO	SP	284.446.796	30.697.638	4.056.072	100.756.074
4	CEF	I	1	BRASILIA	DF	249.636.819	10.585.909	794.532	141.788.701
5	ABN AMRO	C	4	SAO PAULO	SP	158.662.545	12.206.580	1.542.058	53.559.246
6	UNIBANCO	C	5	SAO PAULO	SP	147.952.401	11.973.056	2.049.841	47.815.234
7	SANTANDER	C	4	SAO PAULO	SP	116.326.739	9.264.594	880.860	39.191.815
8	HSBC	C	4	CURITIBA	PR	70.755.777	5.084.212	692.421	44.392.099
9	SAFRA	C	3	SAO PAULO	SP	67.280.626	4.200.867	405.851	11.329.972
10	VOTORANTIM	C	3	SAO PAULO	SP	66.425.920	6.033.035	555.499	15.177.591
11	CITIBANK	C	4	SAO PAULO	SP	56.155.290	4.668.588	1.220.574	7.034.340
12	NOSSA CAIXA	I	2	SAO PAULO	SP	47.438.746	2.765.660	-82.399	32.384.607
13	UBS PACTUAL	C	4	RIO DE JANEIRO	RJ	22.945.953	3.829.206	994.347	4.244.894
14	BANRISUL	C	2	PORTO ALEGRE	RS	20.602.359	2.792.696	191.516	12.521.791
15	BBM	C	3	SALVADOR	BA	17.338.425	1.004.308	280.199	3.555.573
16	BNP PARIBAS	C	4	SAO PAULO	SP	19.036.781	1.133.317	82.622	3.538.752
17	CREDIT SUISSE	C	4	SAO PAULO	SP	15.231.187	2.003.533	933.917	3.400.425
18	DEUTSCHE	C	4	SAO PAULO	SP	14.031.029	749.239	116.861	2.053.525
19	BNB	I	1	FORTALEZA	CE	14.143.065	1.602.499	143.268	3.117.140
20	ALFA	C	3	SAO PAULO	SP	13.625.330	1.417.115	172.599	3.318.151
21	BIC	C	3	SAO PAULO	SP	11.016.878	1.572.000	100.552	4.416.298
22	JP MORGAN CHASE	C	4	SAO PAULO	SP	10.570.101	1.499.895	434.282	96.499
23	FIBRA	C	3	SAO PAULO	SP	13.851.600	544.204	63.191	2.631.357
24	BMG	C	3	BELO HORIZONTE	MG	6.604.242	1.328.482	254.289	1.919.831
25	ING	C	4	SAO PAULO	SP	6.220.602	642.461	203.605	156.029
26	BASA	I	1	BELEM	PA	6.120.400	1.798.452	95.249	1.407.983
27	BANESTES	C	2	VITORIA	ES	7.661.216	531.471	91.436	3.936.546
28	SS	C	3	SAO PAULO	SP	5.888.948	1.308.196	100.146	2.213.153
29	IBIBANK	I	4	BARUERI	SP	5.769.662	650.282	54.323	1.910.418

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido	Depósito Total
30	PINE	C	3	SAO PAULO	SP	5.697.873	800.693	89.696	1.957.792
31	ABC-BRASIL	C	4	SAO PAULO	SP	5.666.107	1.085.582	53.325	1.745.962
32	MERCANTIL DO BRASIL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	6.701.891	537.625	21.278	3.116.263
33	BESC	C	1	FLORIANOPOLIS	SC	5.359.746	406.064	23.593	3.438.554
34	DAYCOVAL	I	3	SAO PAULO	SP	6.426.394	1.517.492	119.897	2.336.622
35	SOFISA	C	3	SAO PAULO	SP	5.000.394	854.231	65.638	2.841.208
36	RABOBANK	I	4	SAO PAULO	SP	4.960.374	426.256	75.574	614.700
37	CRUZEIRO DO SUL	C	3	SAO PAULO	SP	4.325.753	1.051.858	206.055	1.564.179
38	BRB	C	2	BRASILIA	DF	4.304.857	354.402	62.761	3.274.692
39	CLASSICO	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	4.228.548	4.058.478	49.353	279
40	BANCOOB	I	3	BRASILIA	DF	4.803.833	106.315	6.615	1.857.747
41	BANSICREDI	I	3	PORTO ALEGRE	RS	5.750.060	117.288	7.346	2.956.733
42	WESTLB	C	4	SAO PAULO	SP	3.705.798	430.318	39.184	465.693
43	SOCIETE GENERALE	C	4	SAO PAULO	SP	3.278.281	1.275.674	67.310	533.775
44	MORGAN STANLEY	C	4	SAO PAULO	SP	3.192.850	751.610	217.825	0
45	BARCLAYS	I	4	SAO PAULO	SP	3.094.399	375.670	1.912	633.319
46	SCHAHIN	C	3	SAO PAULO	SP	2.373.629	500.072	23.568	1.244.968
47	DBB BM	I	4	SAO PAULO	SP	2.349.749	326.690	76.412	1.592.738
48	INDUSVAL	C	3	SAO PAULO	SP	2.211.717	406.748	37.529	810.892
49	INDUSTRIAL DO BRASIL	C	3	SAO PAULO	SP	1.900.073	360.923	18.170	577.946
50	RURAL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	1.844.056	340.978	20.684	1.062.770
Total 50 Maiores Bancos (Consolidado Bancário I)						2.209.434.400	193.129.535	24.784.132	851.369.510
% de Participação 50 maiores Bancos (Consolidado Bancário I)						86,30%	77,30%	79,00%	91,90%
Total demais Bancos (Consolidado Bancário I)						36.058.504	6.906.074	557.924	14.203.762
Total Consolidado Bancário I (101 Instituições)						2.245.492.904	200.035.609	25.342.056	865.573.272
% de Participação Consolidado Bancário I						87,80%	80,00%	80,80%	93,40%
Total 5 Maiores Bancos (Consolidado Bancário II)						222.051.718	28.502.728	3.029.022	34.457.317
% de Participação 5 maiores Bancos (Consolidado Bancário II)						8,70%	11,40%	9,70%	3,70%
Total demais Bancos (Consolidado Bancário II)						30.716.634	5.395.539	521.205	9.016.870
Total Consolidado Bancário II (32 Instituições)						252.768.352	33.898.267	3.550.227	43.474.187
% de Participação Consolidado Bancário II						9,90%	13,60%	11,30%	4,70%
Total Consolidado Bancário III (1440 Instituições)						38.099.987	7.736.737	516.972	16.516.922
% de Participação Consolidado Bancário III						1,50%	3,10%	1,70%	1,80%
Total Consolidado Não Bancário (298 Instituições)						22.746.701	8.248.928	1.960.852	1.170.071

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido	Depósito Total
	% de Participação Consolidado Não Bancário					0,90%	3,30%	6,30%	0,10%
	Total do Sistema Financeiro Nacional					2.559.107.944	249.919.541	31.370.107	926.734.452

Fonte: Sibacen (2007)

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público Federal, 2 - Público Estadual, 3 - Privado Nacional, 4 - Privado Controle Estrangeiro, 5 - Privado Participação Estrangeira

Data-base: Dezembro/2007 (Milhares de R\$)

Tabela 05 –Instituições Financeiras 2008

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo total	Patrimônio líquido	Lucro líquido	Depósito total
1	ITAU	C	3	SAO PAULO	SP	631.326.674	44.795.700	3.683.646	222.637.246
2	BB	C	1	BRASILIA	DF	507.348.206	29.937.553	4.811.294	271.121.700
3	BRADESCO	C	3	OSASCO	SP	397.343.348	34.666.580	3.533.530	166.655.842
4	SANTANDER	C	4	SAO PAULO	SP	344.681.912	49.238.218	781.597	124.619.433
5	CEF	I	1	BRASILIA	DF	295.920.330	12.704.670	1.340.274	165.527.803
6	HSBC	C	4	CURITIBA	PR	112.100.299	6.046.080	585.256	65.391.320
7	VOTORANTIM	C	3	SAO PAULO	SP	73.036.668	6.402.803	300.852	18.932.434
8	SAFRA	C	3	SAO PAULO	SP	66.482.014	4.126.288	398.187	14.716.506
9	NOSSA CAIXA	I	2	SAO PAULO	SP	54.280.616	3.180.682	120.788	37.222.738
10	CITIBANK	C	4	SAO PAULO	SP	40.481.542	4.407.702	133.031	8.404.115
11	BNP PARIBAS	C	4	SAO PAULO	SP	27.984.835	1.291.033	192.866	4.567.754
12	BANRISUL	C	2	PORTO ALEGRE	RS	25.375.889	3.081.660	282.694	14.425.764
13	CREDIT SUISSE	C	4	SAO PAULO	SP	23.327.433	2.506.969	173.118	3.449.416
14	UBS PACTUAL	C	4	RIO DE JANEIRO	RJ	19.388.542	3.865.215	270.933	3.263.787
15	DEUTSCHE	C	4	SAO PAULO	SP	17.173.151	1.083.339	448.716	3.219.400
16	BNB	I	1	FORTALEZA	CE	16.177.235	1.797.518	215.938	4.136.660
17	ALFA	C	3	SAO PAULO	SP	15.564.368	1.557.367	89.989	4.433.096
18	BBM	C	3	SALVADOR	BA	14.177.926	737.289	22.712	2.497.114
19	BIC	C	3	SAO PAULO	SP	11.841.031	1.696.955	124.881	4.449.297
20	FIBRA	C	3	SAO PAULO	SP	9.205.320	757.817	42.412	2.752.367
21	JP MORGAN CHASE	C	4	SAO PAULO	SP	8.870.702	1.604.499	127.414	421.725
22	ABC-BRASIL	C	4	SAO PAULO	SP	7.495.235	1.161.740	68.704	2.481.659
23	SS	C	3	SAO PAULO	SP	7.451.559	1.457.406	76.459	1.988.904
24	RABOBANK	I	4	SAO PAULO	SP	7.683.719	491.808	50.899	616.984
25	BASA	I	1	BELEM	PA	7.239.780	1.885.558	178.099	1.852.003
26	BMG	C	3	BELO HORIZONTE	MG	7.275.664	2.017.432	89.623	1.510.691
27	BANESTES	C	2	VITORIA	ES	8.534.138	567.384	86.699	4.517.937

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo total	Patrimônio líquido	Lucro líquido	Depósito total
28	SOCIETE GENERALE	C	4	SAO PAULO	SP	6.311.248	948.856	-451.058	1.884.120
29	BANSICREDI	I	3	PORTO ALEGRE	RS	7.190.702	148.333	7.061	4.218.122
30	CRUZEIRO DO SUL	C	3	SAO PAULO	SP	6.060.363	1.068.454	28.741	2.149.705
31	DAYCOVAL	I	3	SAO PAULO	SP	6.666.738	1.607.228	67.507	1.762.179
32	MERCANTIL DO BRASIL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	6.762.796	557.262	12.394	3.315.215
33	SOFISA	C	3	SAO PAULO	SP	5.663.735	858.563	36.419	1.634.501
34	IBIBANK	I	4	BARUERI	SP	5.612.297	863.737	28.460	1.628.286
35	BRB	C	2	BRASILIA	DF	5.489.216	424.328	40.255	4.048.591
36	BARCLAYS	I	4	SAO PAULO	SP	5.202.852	567.453	164.318	563.515
37	ING	C	4	SAO PAULO	SP	5.166.214	701.538	-33.909	598.158
38	BANCOOB	I	3	BRASILIA	DF	5.123.953	160.369	-22.140	1.856.994
39	PINE	C	3	SAO PAULO	SP	4.523.552	828.923	43.354	1.429.200
40	WESTLB	C	4	SAO PAULO	SP	3.833.454	463.448	35.410	294.793
41	CLASSICO	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	3.585.232	3.349.592	83.196	78
42	RURAL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	2.408.150	372.067	10.936	1.499.779
43	BANIF	C	4	SAO PAULO	SP	2.152.725	242.275	11.621	685.523
44	BANESE	I	2	ARACAJU	SE	2.150.383	131.343	16.565	1.881.635
45	INDUSVAL	C	3	SAO PAULO	SP	2.139.828	448.524	32.829	802.701
46	JOHN DEERE	C	4	PORTO ALEGRE	RS	1.977.751	215.482	8.658	35.976
47	DRESDNER	I	4	SAO PAULO	SP	1.880.653	312.048	1.478	875.399
48	BTMUB	I	4	SAO PAULO	SP	1.880.803	305.690	5.490	242.695
49	GE CAPITAL	I	4	SAO PAULO	SP	1.701.909	251.268	-25.847	1.359.831
50	INDUSTRIAL DO BRASIL	C	3	SAO PAULO	SP	1.656.896	380.699	13.632	731.702
Total 50 Maiores Bancos (Consolidado Bancário I)						2.852.909.586	238.274.745	18.345.981	1.189.312.393
% de Participação 50 maiores Bancos (Consolidado Bancário I)						86,60%	79,70%	86,70%	93,30%
Total demais Bancos (Consolidado Bancário I)						30.125.535	7.007.612	88.657	11.484.455
Total Consolidado Bancário I (101 Instituições)						2.883.035.121	245.282.357	18.434.638	1.200.796.848
% de Participação Consolidado Bancário I						87,50%	82,00%	87,10%	94,20%
Total 5 Maiores Bancos (Consolidado Bancário II)						305.470.857	28.933.864	1.306.040	40.060.354
% de Participação 5 maiores Bancos (Consolidado Bancário II)						9,30%	9,70%	6,20%	3,10%

Ranking	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo total	Patrimônio líquido	Lucro líquido	Depósito total
	Total demais Bancos (Consolidado Bancário II)					41.118.875	6.921.412	364.483	13.505.568
	Total Consolidado Bancário II (35 Instituições)					346.589.732	35.855.276	1.670.523	53.565.922
	% de Participação Consolidado Bancário II					10,50%	12,00%	7,90%	4,20%
	Total Consolidado Bancário III (1438 Instituições)					44.535.805	9.391.292	762.375	18.982.294
	% de Participação Consolidado Bancário III					1,40%	3,10%	3,60%	1,50%
	Total Consolidado Não Bancário (294 Instituições)					21.831.769	8.611.185	295.432	1.483.304
	% de Participação Consolidado Não Bancário					0,70%	2,90%	1,40%	0,10%
	Total do Sistema Financeiro Nacional					3.295.992.427	299.140.110	21.162.968	1.274.828.368

Fonte: Sisbacen (2008)

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público, 2 - Privado Nacional, 3 - Privado com Controle Estrangeiro

TCB (Tipo de Consolidado Bancário): B-I - Bancário I, B-II - Bancário II, B-IV - Bancário IV, N - Não bancário

Data-base: Dezembro/2008 (Milhares de R\$)

Tabela 06 –Instituições Financeiras 2009

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BB	C	1	BRASILIA	DF	691.968.417	337.850.441	36.119.381	6.133.961
B-I	ITAU	C	3	SAO PAULO	SP	585.603.098	198.234.506	51.589.860	5.480.997
B-IV	BNDES	I	1	RIO DE JANEIRO	RJ	379.279.940	26.229.928	27.628.046	6.033.053
B-I	BRASESCO	C	3	OSASCO	SP	444.396.778	173.438.904	41.917.596	4.042.608
B-I	SANTANDER	C	4	SAO PAULO	SP	334.069.363	113.543.575	64.936.705	826.641
B-I	CEF	I	1	BRASILIA	DF	341.831.823	180.669.721	13.143.767	1.842.183
B-I	HSBC	C	4	CURITIBA	PR	100.104.481	65.907.974	7.207.378	422.935
B-I	VOTORANTIM	C	3	SAO PAULO	SP	86.940.569	24.477.420	7.145.467	401.279
B-I	SAFRA	C	3	SAO PAULO	SP	71.059.510	13.711.528	4.906.545	458.540
B-I	CITIBANK	C	4	SAO PAULO	SP	40.846.974	12.572.415	5.065.157	284.010
B-I	BANRISUL	C	2	PORTO ALEGRE	RS	29.275.017	16558439	3.409.285	330.399
B-I	DEUTSCHE	C	4	SAO PAULO	SP	20.722.750	1.370.355	913.458	59.004
B-I	BNB	I	1	FORTALEZA	CE	19.154.466	6.332.727	2.072.725	325.198
B-I	CREDIT SUISSE	C	4	SAO PAULO	SP	21.262.372	2.979.554	2.952.480	42.581
B-II	VOLKSWAGEN	I	4	SAO PAULO	SP	16.648.164	5.703.337	1.583.096	62.045
B-I	BTG PACTUAL	C	5	RIO DE JANEIRO	RJ	21.945.135	5.595.490	3.244.500	516.143
B-I	BNP PARIBAS	C	4	SAO PAULO	SP	16.070.318	5.980.845	1.502.289	136.539
B-I	ALFA	C	3	SAO PAULO	SP	13.650.199	4.196.570	1.671.011	59.241
B-I	BIC	C	3	SAO PAULO	SP	11.254.187	5.814.274	1.774.713	162.971
B-I	PANAMERICANO	C	3	SAO PAULO	SP	10.802.993	5.023.818	1.581.423	103.167
B-I	BMG	C	3	BELO HORIZONTE	MG	10.353.823	3.917.230	2.170.634	346.624
B-I	BBM	C	3	SALVADOR	BA	10.595.552	1.148.517	657.908	8.288
B-I	FIBRA	C	3	SAO PAULO	SP	11.825.245	3.681.654	783.678	44.235
B-I	BASA	I	1	BELEM	PA	7.805.744	2.016.950	1.897.319	-17.641
B-II	BANCO GMAC	I	4	SAO PAULO	SP	7.764.261	1.857.175	1.070.168	70.729
B-I	JP MORGAN CHASE	C	4	SAO PAULO	SP	7.568.628	631.413	1.540.593	55.409
B-I	ABC-BRASIL	C	4	SAO PAULO	SP	7.377.433	3.024.640	1.218.441	91.817
B-II	MERCEDES-BENZ	C	4	SAO PAULO	SP	7.354.498	381.938	743.132	23.023
B-IV	BRDE	I	2	PORTO ALEGRE	RS	7.320.681	0	1.074.964	59.563
B-I	BANESTES	C	2	VITORIA	ES	8.954.048	5.016.405	665.130	56.745
B-I	CRUZEIRO DO SUL	C	3	SAO PAULO	SP	7.079.612	3.623.170	1.068.194	80.475

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BANSICREDI	I	3	PORTO ALEGRE	RS	9.095.631	4.784.857	180.886	12.151
B-I	SOCIETE GENERALE	C	4	SAO PAULO	SP	7.067.042	2.189.679	1.135.325	-56261
B-I	PINE	C	3	SAO PAULO	SP	6.983.947	2.783.558	825.212	43.218
B-I	MERCANTIL DO BRASIL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	7.840.763	4.276.281	583.476	23.324
B-I	BANCOOB	I	3	BRASILIA	DF	6.801.937	3.551.647	178.841	12.812
B-I	BRB	C	2	BRASILIA	DF	6.427.197	4.981.683	581.385	118.612
B-I	RABOBANK	I	4	SAO PAULO	SP	6.828.824	478.180	547.727	44.674
B-I	DAYCOVAL	I	3	SAO PAULO	SP	6.891.929	2.387.633	1.692.718	124.520
B-I	SOFISA	C	3	SAO PAULO	SP	5.889.488	2.215.077	762.767	-2.061
B-II	PSA FINANCE	C	4	SAO PAULO	SP	5.340.044	2.106.592	460.248	35.405
B-I	CLASSICO	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	4.849.050	26	4.636.886	61.568
B-II	CNH CAPITAL	I	4	CURITIBA	PR	4.374.752	1.048.448	459.176	-248.637
B-II	TOYOTA	C	4	SAO PAULO	SP	4.311.472	1.899.079	218.369	27.219
B-II	BES	C	4	SAO PAULO	SP	4.215.707	2.577.950	421.540	33.385
B-I	BANIF	C	4	SAO PAULO	SP	3.657.543	964.134	285.063	4.235
B-II	FIDIS	I	3	BETIM	MG	3.539.815	2.592.818	334.116	89.918
B-II	LAGE LANDEN	I	4	PORTO ALEGRE	RS	3.351.145	0	330.757	-7.257
B-I	RURAL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	3.347.306	2.434.141	388.459	36.126
B-I	MORGAN STANLEY	C	4	SAO PAULO	SP	3.620.984	1.219.909	1.071.052	129349
B-I	BVA	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	2.971.339	1.966.085	230.455	29.230
B-I	WESTLB	C	4	SAO PAULO	SP	2.772.622	354.594	492.160	35.496
B-I	ING	C	4	SAO PAULO	SP	2.704.198	229.193	709.124	49.975
B-II	VOLVO	I	4	CURITIBA	PR	2.479.079	314.078	228.918	1655
B-II	CSF	I	3	SAO PAULO	SP	2.475.520	478.084	498.424	64.107
B-I	INDUSVAL	C	3	SAO PAULO	SP	2.730.196	1.262.700	432.694	-3347
B-I	SCHAHIN	C	3	SAO PAULO	SP	2.437.712	1.909.915	225.086	14997
B-I	BANESE	I	2	ARACAJU	SE	2.237.722	1.921.285	148.531	19746
B-I	J.MALUCELLI	C	3	CURITIBA	PR	2.162.670	980.912	793.290	52.104
B-IV	BDMG	I	2	BELO HORIZONTE	MG	2.155.204	0	1.002.194	51321
B-I	BARCLAYS	I	4	SAO PAULO	SP	2.269.164	340.124	640.131	55.801
B-II	MERRILL LYNCH	C	4	SAO PAULO	SP	2.134.750	202.608	1.031.722	137.668
B-II	IBM	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	2.026.848	571.170	223.736	38.287

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	JOHN DEERE	C	4	PORTO ALEGRE	RS	1.846.431	51.451	224.636	-11.616
B-I	INDUSTRIAL DO BRASIL	C	3	SAO PAULO	SP	1.799.939	819.107	385.279	20.407
B-I	BANPARA	I	2	BELEM	PA	1.773.465	1.409.137	211.280	27.198
B-I	TRIANGULO	I	3	UBERLANDIA	MG	1.667.338	1.022.035	320.921	29.325
B-II	HONDA	C	4	SAO PAULO	SP	1.623.594	1264782	164.380	17.778
B-I	BONSUCESSO	C	3	BELO HORIZONTE	MG	1.649.428	1.190.687	318.388	32.812
B-II	FORD	I	4	SAO PAULO	SP	1.523.213	1.180.183	286.369	26.422
B-I	SOCOPIA	C	3	SAO PAULO	SP	1.607.866	535581	106.562	1.417
B-I	BTMUB	I	4	SAO PAULO	SP	1.388.680	428874	375.285	64470
B-I	CREDIT AGRICOLE	C	4	SAO PAULO	SP	1.262.320	158.914	376.441	2643
B-II	STANDARD BI	I	3	SAO PAULO	SP	1.206.931	757961	301.756	-10708
B-I	SMBC	I	4	SAO PAULO	SP	1.181.246	637.443	196.333	-4.265
B-II	GOLDMAN SACHS	C	4	SAO PAULO	SP	1.116.713	41.338	216.247	-45.552
B-I	FATOR	C	3	SAO PAULO	SP	1.070.098	270.747	306.049	37.162
B-I	RENDIMENTO	C	3	SAO PAULO	SP	976.035	342.661	109.715	5.131
B-I	MODAL	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	997.337	292.472	202.514	6.210
B-I	MATONE	C	3	PORTO ALEGRE	RS	871.673	446.063	241.524	10.725
B-I	KDB BRASIL	I	4	SAO PAULO	SP	946.725	100.961	23.707	-46.696
B-I	CARGILL	I	4	SAO PAULO	SP	864.397	275.375	163.192	4.882
B-I	GE CAPITAL	I	4	SAO PAULO	SP	805.548	542.183	188.076	-30.172
B-I	GUANABARA	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	783.969	412.035	107.296	12.580
B-I	BRASCAN	C	4	RIO DE JANEIRO	RJ	762.296	386.290	192.052	-8.509
B-I	OPPORTUNITY	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	2.143.804	107	167.315	17.593
B-II	RODOBENS	I	3	SAO PAULO	SP	731.378	61.168	284.123	17.272
B-IV	BANDES	I	2	VITORIA	ES	722.521	103.692	132.049	10.232
B-I	DBB BM	I	4	SAO PAULO	SP	706.879	298.612	263.315	-36.649
B-II	MONEO	I	3	CAXIAS DO SUL	RS	646.920	10.101	119.119	7.007
B-I	PROSPER	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	649.774	226.016	57.693	4.859
B-I	MORADA	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	595.976	294.407	57.499	9.367
B-II	BCO CIT BRASIL	I	4	BARUERI	SP	518.734	0	76.498	5.655
B-I	MÁXIMA	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	471.746	210.546	83.436	11.653

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BASEMSA	I	3	BELO HORIZONTE	MG	434.835	311.249	80.600	9.327
B-I	BPN BRASIL	I	3	SAO PAULO	SP	419.271	107.173	43.908	-6.632
B-II	TRICURY	I	3	SAO PAULO	SP	408.647	255.944	115.008	11.669
B-I	RIBEIRAO PRETO	I	3	RIBEIRAO PRETO	SP	386.135	111.903	60.352	5.393
B-I	INTERCAP	C	3	SAO PAULO	SP	382.879	253.678	64.104	45
B-I	FICSA	I	3	SAO PAULO	SP	353.113	240.115	70.146	4.190
B-I	VR	C	3	BARUERI	SP	341.924	137.789	146.896	7.749
B-I	LUSO BRASILEIRO	I	3	SAO PAULO	SP	332.525	249.730	42.698	-3.733
B-I	CONCÓRDIA	C	5	SAO PAULO	SP	281.132	19.691	77.471	1.827
B-I	INTERMEDIUM	I	3	BELO HORIZONTE	MG	343.777	187.658	109.833	10.717
B-I	JBS BANCO	I	3	SAO PAULO	SP	273.384	105.757	100.973	428
B-I	RENNER	I	3	PORTO ALEGRE	RS	270.772	196.413	63.033	2.035
B-I	BCGB	I	3	SAO PAULO	SP	256.970	71446	125.860	2631
B-I	CEDULA	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	305.263	150345	93.938	9.820
B-I	LEMON	I	4	SAO PAULO	SP	241.613	106.764	46.890	192
B-I	BCOMURUGUAI	I	4	PORTO ALEGRE	RS	220.777	69.075	51.944	-5357
B-I	CREDIBEL	C	3	SAO PAULO	SP	182.229	94.052	64.792	-7496
B-I	LA PROVINCIA	I	4	SAO PAULO	SP	149.045	1	103.837	1763
B-I	KEB	I	4	SAO PAULO	SP	146.152	47345	35.200	1.230
B-II	BRJ	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	141.925	55.073	27.376	454
B-I	BOC	I	3	SAO PAULO	SP	139.443	1.961	134.526	-3.724
B-II	OURINVEST	I	3	SAO PAULO	SP	120.528	67.554	40.047	-1.140
B-I	CR2	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	114.523	51.955	36.438	2.414
B-I	BANCO TOPÁZIO	I	3	PORTO ALEGRE	RS	112.158	73.203	19.630	754
B-II	BYM	I	3	GUARULHOS	SP	111.792	85.992	24.319	-1.579
B-I	NATIXIS	I	3	SAO PAULO	SP	104.161	4355	95.483	1.627
B-II	TENDENCIA	C	3	SAO PAULO	SP	101.531	0	24.714	-657
B-II	BBVA BR	I	3	SAO PAULO	SP	100.553	0	86.620	2.559
B-I	POTTENCIAL	I	3	BELO HORIZONTE	MG	122.226	39.972	28.016	3.062
B-II	GERADOR	I	3	RECIFE	PE	87.935	58.590	28.664	18
B-I	BM&F	I	3	SAO PAULO	SP	225.402	35.469	38.528	1.606
B-II	GERAÇÃO FUTURO	C	3	PORTO ALEGRE	RS	86.297	0	50.322	5.804
B-I	ARBI	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	81.823	16.041	29.507	-4.954

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BANCACION	I	4	SAO PAULO	SP	72.453	3.713	46.821	-243
B-I	BANCAP	I	3	SALVADOR	BA	49.673	14688	33.868	-110
B-I	LA REPUBLICA	I	4	SAO PAULO	SP	48.936	114	47.201	-545
B-II	PORTO REAL	I	3	PORTO REAL	RJ	47.754	23.903	20.245	1.216
B-II	MAXINVEST	I	3	CURITIBA	PR	36.953	0	29.345	2.350
B-I	AZTECA	I	3	RECIFE	PE	35.524	3.212	28.384	-1.133
B-II	INDUSCRED	I	3	SAO PAULO	SP	21.907	1207	20.295	736
B-I	GERDAU	C	3	PORTO ALEGRE	RS	21.254	0	18.468	-6405
B-II	PORTO SEGURO	I	3	SAO PAULO	SP	14.078	0	11.962	98
Total Consolidado Bancário I (100 Instituições)						<u>3.065.378.141</u>	<u>1.251.606.719</u>	<u>284.314.758</u>	<u>23.287.623</u>
% de Participação Consolidado Bancário I						85	94	82	75
Total Consolidado Bancário II (32 Instituições)						<u>74.663.438</u>	<u>23.597.073</u>	<u>9.530.811</u>	<u>366.949</u>
% de Participação Consolidado Bancário II						2	2	3	1
Total Consolidado Bancário III (1394 Instituições)						<u>52.776.648</u>	<u>22.178.941</u>	<u>11.275.887</u>	<u>748.922</u>
% de Participação Consolidado Bancário III						1	2	3	2
Total Consolidado Bancário IV (4 Instituições)						<u>389.478.346</u>	<u>26.333.620</u>	<u>29.837.253</u>	<u>6.154.169</u>
% de Participação Consolidado Bancário IV						11	2	9	20
Total Consolidado Não Bancário (289 Instituições)						<u>27.999.702</u>	<u>1.947.052</u>	<u>10.106.108</u>	<u>442.347</u>
% de Participação Consolidado Não Bancário						1	0	3	1
Total do Sistema Financeiro Nacional						<u>3.610.296.275</u>	<u>1.325.663.405</u>	<u>345.064.817</u>	<u>31.000.010</u>

Fonte: Sisbacen (2009)

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público, 2 - Privado Nacional, 3 - Privado com Controle Estrangeiro

TCB (Tipo de Consolidado Bancário): B-I - Bancário I, B-II - Bancário II, B-IV - Bancário IV, N - Não bancário

Data-base: Dezembro/2009 (Milhares de R\$)

Tabela 07 – Instituições Financeiras 2010

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BB	C	1	BRASILIA	DF	691.968.417	337.850.441	36.119.381	6.133.961
B-I	ITAU	C	3	SAO PAULO	SP	585.603.098	198.234.506	51.589.860	5.480.997
B-IV	BNDES	I	1	RIO DE JANEIRO	RJ	379.279.940	26.229.928	27.628.046	6.033.053
B-I	BRADESCO	C	3	OSASCO	SP	444.396.778	173.438.904	41.917.596	4.042.608
B-I	SANTANDER	C	4	SAO PAULO	SP	334.069.363	113.543.575	64.936.705	826.641
B-I	CEF	I	1	BRASILIA	DF	341.831.823	180.669.721	13.143.767	1.842.183
B-I	HSBC	C	4	CURITIBA	PR	100.104.481	65.907.974	7.207.378	422.935
B-I	VOTORANTIM	C	3	SAO PAULO	SP	86.940.569	24.477.420	7.145.467	401.279
B-I	SAFRA	C	3	SAO PAULO	SP	71.059.510	13.711.528	4.906.545	458.540
B-I	CITIBANK	C	4	SAO PAULO	SP	40.846.974	12.572.415	5.065.157	284.010
B-I	BANRISUL	C	2	PORTO ALEGRE	RS	29.275.017	16558439	3.409.285	330.399
B-I	DEUTSCHE	C	4	SAO PAULO	SP	20.722.750	1.370.355	913.458	59.004
B-I	BNB	I	1	FORTALEZA	CE	19.154.466	6.332.727	2.072.725	325.198
B-I	CREDIT SUISSE	C	4	SAO PAULO	SP	21.262.372	2.979.554	2.952.480	42.581
B-II	VOLKSWAGEN	I	4	SAO PAULO	SP	16.648.164	5.703.337	1.583.096	62.045
B-I	BTG PACTUAL	C	5	RIO DE JANEIRO	RJ	21.945.135	5.595.490	3.244.500	516.143
B-I	BNP PARIBAS	C	4	SAO PAULO	SP	16.070.318	5.980.845	1.502.289	136.539
B-I	ALFA	C	3	SAO PAULO	SP	13.650.199	4.196.570	1.671.011	59.241
B-I	BIC	C	3	SAO PAULO	SP	11.254.187	5.814.274	1.774.713	162.971
B-I	PANAMERICANO	C	3	SAO PAULO	SP	10.802.993	5.023.818	1.581.423	103.167
B-I	BMG	C	3	BELO HORIZONTE	MG	10.353.823	3.917.230	2.170.634	346.624
B-I	BBM	C	3	SALVADOR	BA	10.595.552	1.148.517	657.908	8.288
B-I	FIBRA	C	3	SAO PAULO	SP	11.825.245	3.681.654	783.678	44.235
B-I	BASA	I	1	BELEM	PA	7.805.744	2.016.950	1.897.319	-17.641
B-II	BANCO GMAC	I	4	SAO PAULO	SP	7.764.261	1.857.175	1.070.168	70.729
B-I	JP MORGAN CHASE	C	4	SAO PAULO	SP	7.568.628	631.413	1.540.593	55.409
B-I	ABC-BRASIL	C	4	SAO PAULO	SP	7.377.433	3.024.640	1.218.441	91.817
B-II	MERCEDES-BENZ	C	4	SAO PAULO	SP	7.354.498	381.938	743.132	23.023
B-IV	BRDE	I	2	PORTO ALEGRE	RS	7.320.681	0	1.074.964	59.563
B-I	BANESTES	C	2	VITORIA	ES	8.954.048	5.016.405	665.130	56.745
B-I	CRUZEIRO DO SUL	C	3	SAO PAULO	SP	7.079.612	3.623.170	1.068.194	80.475

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BANSICREDI	I	3	PORTO ALEGRE	RS	9.095.631	4.784.857	180.886	12.151
B-I	SOCIETE GENERALE	C	4	SAO PAULO	SP	7.067.042	2.189.679	1.135.325	-56261
B-I	PINE	C	3	SAO PAULO	SP	6.983.947	2.783.558	825.212	43.218
B-I	MERCANTIL DO BRASIL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	7.840.763	4.276.281	583.476	23.324
B-I	BANCOOB	I	3	BRASILIA	DF	6.801.937	3.551.647	178.841	12.812
B-I	BRB	C	2	BRASILIA	DF	6.427.197	4.981.683	581.385	118.612
B-I	RABOBANK	I	4	SAO PAULO	SP	6.828.824	478.180	547.727	44.674
B-I	DAYCOVAL	I	3	SAO PAULO	SP	6.891.929	2.387.633	1.692.718	124.520
B-I	SOFISA	C	3	SAO PAULO	SP	5.889.488	2.215.077	762.767	-2.061
B-II	PSA FINANCE	C	4	SAO PAULO	SP	5.340.044	2.106.592	460.248	35.405
B-I	CLASSICO	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	4.849.050	26	4.636.886	61.568
B-II	CNH CAPITAL	I	4	CURITIBA	PR	4.374.752	1.048.448	459.176	-248.637
B-II	TOYOTA	C	4	SAO PAULO	SP	4.311.472	1.899.079	218.369	27.219
B-II	BES	C	4	SAO PAULO	SP	4.215.707	2.577.950	421.540	33.385
B-I	BANIF	C	4	SAO PAULO	SP	3.657.543	964.134	285.063	4.235
B-II	FIDIS	I	3	BETIM	MG	3.539.815	2.592.818	334.116	89.918
B-II	LAGE LANDEN	I	4	PORTO ALEGRE	RS	3.351.145	0	330.757	-7.257
B-I	RURAL	C	3	BELO HORIZONTE	MG	3.347.306	2.434.141	388.459	36.126
B-I	MORGAN STANLEY	C	4	SAO PAULO	SP	3.620.984	1.219.909	1.071.052	129349
B-I	BVA	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	2.971.339	1.966.085	230.455	29.230
B-I	WESTLB	C	4	SAO PAULO	SP	2.772.622	354.594	492.160	35.496
B-I	ING	C	4	SAO PAULO	SP	2.704.198	229.193	709.124	49.975
B-II	VOLVO	I	4	CURITIBA	PR	2.479.079	314.078	228.918	1655
B-II	CSF	I	3	SAO PAULO	SP	2.475.520	478.084	498.424	64.107
B-I	INDUSVAL	C	3	SAO PAULO	SP	2.730.196	1.262.700	432.694	-3347
B-I	SCHAHIN	C	3	SAO PAULO	SP	2.437.712	1.909.915	225.086	14997
B-I	BANESE	I	2	ARACAJU	SE	2.237.722	1.921.285	148.531	19746
B-I	J.MALUCELLI	C	3	CURITIBA	PR	2.162.670	980.912	793.290	52.104
B-IV	BDMG	I	2	BELO HORIZONTE	MG	2.155.204	0	1.002.194	51321
B-I	BARCLAYS	I	4	SAO PAULO	SP	2.269.164	340.124	640.131	55.801
B-II	MERRILL LYNCH	C	4	SAO PAULO	SP	2.134.750	202.608	1.031.722	137.668
B-II	IBM	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	2.026.848	571.170	223.736	38.287

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	JOHN DEERE	C	4	PORTO ALEGRE	RS	1.846.431	51.451	224.636	-11.616
B-I	INDUSTRIAL DO BRASIL	C	3	SAO PAULO	SP	1.799.939	819.107	385.279	20.407
B-I	BANPARA	I	2	BELEM	PA	1.773.465	1.409.137	211.280	27.198
B-I	TRIANGULO	I	3	UBERLANDIA	MG	1.667.338	1.022.035	320.921	29.325
B-II	HONDA	C	4	SAO PAULO	SP	1.623.594	1264782	164.380	17.778
B-I	BONSUCESSO	C	3	BELO HORIZONTE	MG	1.649.428	1.190.687	318.388	32.812
B-II	FORD	I	4	SAO PAULO	SP	1.523.213	1.180.183	286.369	26.422
B-I	SOCOPA	C	3	SAO PAULO	SP	1.607.866	535581	106.562	1.417
B-I	BTMUB	I	4	SAO PAULO	SP	1.388.680	428874	375.285	64470
B-I	CREDIT AGRICOLE	C	4	SAO PAULO	SP	1.262.320	158.914	376.441	2643
B-II	STANDARD BI	I	3	SAO PAULO	SP	1.206.931	757961	301.756	-10708
B-I	SMBC	I	4	SAO PAULO	SP	1.181.246	637.443	196.333	-4.265
B-II	GOLDMAN SACHS	C	4	SAO PAULO	SP	1.116.713	41.338	216.247	-45.552
B-I	FATOR	C	3	SAO PAULO	SP	1.070.098	270.747	306.049	37.162
B-I	RENDIMENTO	C	3	SAO PAULO	SP	976.035	342.661	109.715	5.131
B-I	MODAL	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	997.337	292.472	202.514	6.210
B-I	MATONE	C	3	PORTO ALEGRE	RS	871.673	446.063	241.524	10.725
B-I	KDB BRASIL	I	4	SAO PAULO	SP	946.725	100.961	23.707	-46.696
B-I	CARGILL	I	4	SAO PAULO	SP	864.397	275.375	163.192	4.882
B-I	GE CAPITAL	I	4	SAO PAULO	SP	805.548	542.183	188.076	-30.172
B-I	GUANABARA	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	783.969	412.035	107.296	12.580
B-I	BRASCAN	C	4	RIO DE JANEIRO	RJ	762.296	386.290	192.052	-8.509
B-I	OPPORTUNITY	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	2.143.804	107	167.315	17.593
B-II	RODOBENS	I	3	SAO PAULO	SP	731.378	61.168	284.123	17.272
B-IV	BANDES	I	2	VITORIA	ES	722.521	103.692	132.049	10.232
B-I	DBB BM	I	4	SAO PAULO	SP	706.879	298.612	263.315	-36.649
B-II	MONEO	I	3	CAXIAS DO SUL	RS	646.920	10.101	119.119	7.007
B-I	PROSPER	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	649.774	226.016	57.693	4.859
B-I	MORADA	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	595.976	294.407	57.499	9.367
B-II	BCO CIT BRASIL	I	4	BARUERI	SP	518.734	0	76.498	5.655
B-I	MÁXIMA	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	471.746	210.546	83.436	11.653

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BASEMSA	I	3	BELO HORIZONTE	MG	434.835	311.249	80.600	9.327
B-I	BPN BRASIL	I	3	SAO PAULO	SP	419.271	107.173	43.908	-6.632
B-II	TRICURY	I	3	SAO PAULO	SP	408.647	255.944	115.008	11.669
B-I	RIBEIRAO PRETO	I	3	RIBEIRAO PRETO	SP	386.135	111.903	60.352	5.393
B-I	INTERCAP	C	3	SAO PAULO	SP	382.879	253.678	64.104	45
B-I	FICSA	I	3	SAO PAULO	SP	353.113	240.115	70.146	4.190
B-I	VR	C	3	BARUERI	SP	341.924	137.789	146.896	7.749
B-I	LUSO BRASILEIRO	I	3	SAO PAULO	SP	332.525	249.730	42.698	-3.733
B-I	CONCÓRDIA	C	5	SAO PAULO	SP	281.132	19.691	77.471	1.827
B-I	INTERMEDIUM	I	3	BELO HORIZONTE	MG	343.777	187.658	109.833	10.717
B-I	JBS BANCO	I	3	SAO PAULO	SP	273.384	105.757	100.973	428
B-I	RENNER	I	3	PORTO ALEGRE	RS	270.772	196.413	63.033	2.035
B-I	BCGB	I	3	SAO PAULO	SP	256.970	71446	125.860	2631
B-I	CEDULA	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	305.263	150345	93.938	9.820
B-I	LEMON	I	4	SAO PAULO	SP	241.613	106.764	46.890	192
B-I	BCOMURUGUAI	I	4	PORTO ALEGRE	RS	220.777	69.075	51.944	-5357
B-I	CREDIBEL	C	3	SAO PAULO	SP	182.229	94.052	64.792	-7496
B-I	LA PROVINCIA	I	4	SAO PAULO	SP	149.045	1	103.837	1763
B-I	KEB	I	4	SAO PAULO	SP	146.152	47345	35.200	1.230
B-II	BRJ	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	141.925	55.073	27.376	454
B-I	BOC	I	3	SAO PAULO	SP	139.443	1.961	134.526	-3.724
B-II	OURINVEST	I	3	SAO PAULO	SP	120.528	67.554	40.047	-1.140
B-I	CR2	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	114.523	51.955	36.438	2.414
B-I	BANCO TOPÁZIO	I	3	PORTO ALEGRE	RS	112.158	73.203	19.630	754
B-II	BYM	I	3	GUARULHOS	SP	111.792	85.992	24.319	-1.579
B-I	NATIXIS	I	3	SAO PAULO	SP	104.161	4355	95.483	1.627
B-II	TENDENCIA	C	3	SAO PAULO	SP	101.531	0	24.714	-657
B-II	BBVA BR	I	3	SAO PAULO	SP	100.553	0	86.620	2.559
B-I	POTTENCIAL	I	3	BELO HORIZONTE	MG	122.226	39.972	28.016	3.062
B-II	GERADOR	I	3	RECIFE	PE	87.935	58.590	28.664	18
B-I	BM&F	I	3	SAO PAULO	SP	225.402	35.469	38.528	1.606
B-II	GERAÇÃO FUTURO	C	3	PORTO ALEGRE	RS	86.297	0	50.322	5.804
B-I	ARBI	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	81.823	16.041	29.507	-4.954

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BANCNACION	I	4	SAO PAULO	SP	72.453	3.713	46.821	-243
B-I	BANCAP	I	3	SALVADOR	BA	49.673	14688	33.868	-110
B-I	LA REPUBLICA	I	4	SAO PAULO	SP	48.936	114	47.201	-545
B-II	PORTO REAL	I	3	PORTO REAL	RJ	47.754	23.903	20.245	1.216
B-II	MAXINVEST	I	3	CURITIBA	PR	36.953	0	29.345	2.350
B-I	AZTECA	I	3	RECIFE	PE	35.524	3.212	28.384	-1.133
B-II	INDUSCRED	I	3	SAO PAULO	SP	21.907	1207	20.295	736
B-I	GERDAU	C	3	PORTO ALEGRE	RS	21.254	0	18.468	-6405
B-II	PORTO SEGURO	I	3	SAO PAULO	SP	14.078	0	11.962	98
Total Consolidado Bancário I (100 Instituições)						<u>3.065.378.141</u>	<u>1.251.606.719</u>	<u>284.314.758</u>	<u>23.287.623</u>
% de Participação Consolidado Bancário I						85	94	82	75
Total Consolidado Bancário II (32 Instituições)						<u>74.663.438</u>	<u>23.597.073</u>	<u>9.530.811</u>	<u>366.949</u>
% de Participação Consolidado Bancário II						2	2	3	1
Total Consolidado Bancário III (1394 Instituições)						<u>52.776.648</u>	<u>22.178.941</u>	<u>11.275.887</u>	<u>748.922</u>
% de Participação Consolidado Bancário III						1	2	3	2
Total Consolidado Bancário IV (4 Instituições)						<u>389.478.346</u>	<u>26.333.620</u>	<u>29.837.253</u>	<u>6.154.169</u>
% de Participação Consolidado Bancário IV						11	2	9	20
Total Consolidado Não Bancário (289 Instituições)						<u>27.999.702</u>	<u>1.947.052</u>	<u>10.106.108</u>	<u>442.347</u>
% de Participação Consolidado Não Bancário						1	0	3	1
Total do Sistema Financeiro Nacional						<u>3.610.296.275</u>	<u>1.325.663.405</u>	<u>345.064.817</u>	<u>31.000.010</u>

Fonte: Sisbacen (2010)

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público, 2 - Privado Nacional, 3 - Privado com Controle Estrangeiro

TCB (Tipo de Consolidado Bancário): B-I - Bancário I, B-II - Bancário II, B-IV - Bancário IV, N - Não bancário

Data-base: Dezembro/2010 (Milhares de R\$)

Tabela 08 –Instituições Financeiras 2011

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	ITAU	C	2	SAO PAULO	SP	815.220.206	252.560.902	72.528.414	7.530.018
B-I	BB	C	1	BRASILIA	DF	935.009.463	442.770.913	58.592.586	6.050.743
B-I	BRADESCO	C	2	OSASCO	SP	666.320.079	217.996.658	55.767.699	5.549.595
B-I	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	I	1	BRASILIA	DF	511.031.048	259.846.975	19.561.381	2.908.217
B-I	SANTANDER	C	3	SAO PAULO	SP	431.759.588	121.803.414	66.122.836	1.783.676
B-I	HSBC	C	3	CURITIBA	PR	146.593.297	74.069.064	8.796.661	505.593
B-I	VOTORANTIM	C	2	SAO PAULO	SP	115.373.092	25.624.643	8.041.428	-741.663
B-I	SAFRA	C	2	SAO PAULO	SP	87.728.360	16.554.887	6.015.659	669.511
B-I	CITIBANK	C	3	SAO PAULO	SP	57.766.434	16.499.638	6.829.472	621.882
B-I	BTG PACTUAL	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	58.159.704	15.578.416	6.343.965	1.046.978
B-I	BANRISUL	C	1	PORTO ALEGRE	RS	37.826.937	22.644.281	4.400.290	465.958
B-I	CREDIT SUISSE	C	3	SAO PAULO	SP	30.360.972	2.972.962	3.089.266	188.153
B-I	JP MORGAN CHASE	C	3	SAO PAULO	SP	29.426.948	956.161	2.716.618	68.552
B-I	BCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.	I	1	FORTALEZA	CE	26.435.588	8.964.499	2.329.499	14.106
B-I	DEUTSCHE	C	3	SAO PAULO	SP	25.300.834	2.458.736	1.379.792	149.972
B-I	BMG	C	2	BELO HORIZONTE	MG	17.443.995	8.805.355	3.617.645	561.781
B-I	BIC	C	2	SAO PAULO	SP	17.192.813	8.819.803	2.011.638	83.103
B-I	BNP PARIBAS	C	3	SAO PAULO	SP	15.312.674	4.929.926	2.412.650	195.564
B-I	PANAMERICANO	C	2	SAO PAULO	SP	12.930.707	5.226.190	1.399.982	20.426
B-I	SOCIETE GENERALE	C	3	SAO PAULO	SP	12.481.916	895.983	960.646	-156.021
B-I	ALFA	C	2	SAO PAULO	SP	12.325.820	2.388.214	1.909.738	89.767
B-I	CRUZEIRO DO SUL	C	2	SAO PAULO	SP	11.481.863	6.000.334	1.200.725	55.657
B-I	BCO COOPERATIVO SICREDI S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	16.822.247	7.244.450	437.889	29.835
B-I	FIBRA	C	2	SAO PAULO	SP	11.025.813	5.771.786	993.949	-95.889
B-I	PINE	C	2	SAO PAULO	SP	10.995.064	3.567.617	1.015.081	93.980
B-I	BCO DAYCOVAL S.A	I	2	SAO PAULO	SP	12.068.049	4.613.421	1.952.415	186.400
B-I	BANCOOB	C	2	BRASILIA	DF	12.137.701	8.235.485	402.139	20.983
B-I	ABC-BRASIL	C	3	SAO PAULO	SP	10.521.583	3.315.948	1.499.606	119.131
B-I	BCO RABOBANK INTL BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	10.890.466	505.865	778.423	79.860
B-I	BCO DA AMAZONIA S.A.	I	1	BELEM	PA	9.871.604	2.337.650	1.934.215	35.245
B-I	MERCANTIL DO BRASIL	C	2	BELO HORIZONTE	MG	10.272.465	6.940.002	757.553	30.666
B-I	BANESTES	C	1	VITORIA	ES	10.119.254	5.995.483	835.578	39.056

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BRB	C	1	BRASILIA	DF	8.397.001	6.523.812	779933	-14.899
B-I	BCO BVA S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	6.760.771	4.479.635	747.216	25.334
B-I	BARCLAYS	C	3	SAO PAULO	SP	6.456.297	718.511	713.644	21.568
B-I	SOFISA	C	2	SAO PAULO	SP	5.426.935	2.521.390	763.125	195
B-I	BCO CLASSICO S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	5.247.574	15	3.962.580	104.388
B-I	RURAL	C	2	BELO HORIZONTE	MG	4.651.905	3.134.670	355.199	-45.992
B-I	MORGAN STANLEY	C	3	SAO PAULO	SP	5.470.382	1.129.624	1.522.755	146.740
B-I	INDUSVAL	C	2	SAO PAULO	SP	4.292.067	1.647.324	577.135	17.666
B-I	MERRILL LYNCH	C	3	SAO PAULO	SP	5.314.823	94.797	1.342.540	104.197
B-I	ORIGINAL	C	2	PORTO ALEGRE	RS	3.940.375	1.063.236	1.887.136	160.211
B-I	BCO TOKYO-MITSUBISHI BM S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	3.761.843	623.351	1.069.998	29.036
B-I	J.MALUCELLI	C	2	CURITIBA	PR	3.088.216	1.709.449	1.093.513	59.466
B-I	BCO DO EST. DE SE S.A.	I	1	ARACAJU	SE	2.760.668	2.223.170	228.580	47.372
B-I	BCO DO EST. DO PA S.A.	I	1	BELEM	PA	2.740.013	2.239.387	373.157	84.116
B-I	JOHN DEERE	C	3	PORTO ALEGRE	RS	2.651.559	46.718	346.709	36.680
B-I	BONSUCESSO	C	2	BELO HORIZONTE	MG	2.559.755	1.634.343	373.652	-4.605
B-I	WESTLB	C	3	SAO PAULO	SP	2.553.420	260.687	505.566	38.159
B-I	BANIF	C	3	SAO PAULO	SP	2.487.839	1.369.288	305453	9.598
B-I	INDUSTRIAL DO BRASIL	C	2	SAO PAULO	SP	2.449.108	1.166.707	419.913	10.538
B-I	BBM	C	2	SALVADOR	BA	2.331.761	794.595	536.229	25.114
B-I	BCO SUMITOMO MITSUI BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	2.062.322	522.612	528.107	23.520
B-I	CREDIT AGRICOLE	C	3	SAO PAULO	SP	1.931.343	168.601	736589	10.885
B-I	ING	C	3	SAO PAULO	SP	1.922.556	269.140	780.608	36.559
B-I	BCO TRIANGULO S.A.	I	2	UBERLANDIA	MG	1.901.820	1.110.252	362909	15.730
B-I	FATOR	C	2	SAO PAULO	SP	1.859.585	447.956	409403	-8.747
B-I	BCO MODAL S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	1.496.283	571.065	246674	21.913
B-I	RODOBENS	C	2	SAO PAULO	SP	1.400.403	378.190	367.127	26.486
B-I	BCO CARGILL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.392.602	28.415	245316	12.899
B-I	SOCOPA	C	2	SAO PAULO	SP	1.426.110	617.140	119.327	7.143
B-I	RENDIMENTO	C	2	SAO PAULO	SP	1.261.218	483.779	162.665	26.618
B-I	BCO CAIXA GERAL BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.223.451	185.506	418.259	8.816
B-I	BCO GUANABARA SA	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	1.025.060	480.153	134.037	6.550

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	INTERMEDIUM - CFI S.A.	I	2	BELO HORIZONTE	MG	923.472	534.206	261.755	9.014
B-I	OPPORTUNITY	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	1.424.182	24.511	187.109	5.976
B-I	BRASCAN	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	708.558	224.104	165.763	-6.839
B-I	INTERCAP	C	2	SAO PAULO	SP	720.271	446.426	129.239	3.511
B-I	BCO KDB BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	646.450	82.835	75.098	347
B-I	BCO FICSA S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	604.544	370.739	67.663	-20.194
B-I	MÁXIMA	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	703.748	283.215	72.281	5.415
B-I	PROSPER	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	534.259	225.023	33217	-19.663
B-I	BANCO SEMEAR	I	2	BELO HORIZONTE	MG	478.054	394.780	46781	-20.562
B-I	BCO A.J. RENNER S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	445.081	357.223	70717	4.020
B-I	SCOTIABANK BRASIL	I	3	SAO PAULO	SP	425.094	12.533	364.626	10.530
B-I	BCO LUSO BRASILEIRO S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	421.292	325.285	43.322	-12.482
B-I	BCO RIBEIRAO PRETO S.A.	I	2	RIBEIRAO PRETO	SP	406.574	117.777	68.253	3.629
B-I	BPN BRASIL BM S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	319.798	149.625	47.012	-26.599
B-I	VR	C	2	BARUERI	SP	288.481	79.507	155.094	-4.481
B-I	BCO GERADOR S.A.	I	2	RECIFE	PE	281.099	182.201	49.560	-1.205
B-I	BANCO TOPÁZIO S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	275.752	227.890	32.584	1.355
B-I	NBC BANK BRASIL S.A. - BM	I	3	PORTO ALEGRE	RS	270.549	143.689	50.428	-3.448
B-I	BCO CEDULA S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	252.002	135.983	101.681	-1.290
B-I	BCO DA CHINA BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	247.673	89.820	137.797	-122
B-I	BCO KEB DO BRASIL SA	I	3	SAO PAULO	SP	201.351	84.955	42.221	2.364
B-I	BRACCE	I	3	SAO PAULO	SP	166.595	92.457	50.598	11.721
B-I	BCO LA PROVINCIA B AIRES BCE	I	3	SAO PAULO	SP	163.123	6	121.440	4.298
B-I	CONFIDENCE	C	2	BARUERI	SP	139.464	1.416	28.554	3.057
B-I	BCO LA NACION ARGENTINA	I	3	SAO PAULO	SP	126.855	3.332	47.029	24
B-I	BCO POTENCIAL S.A.	I	2	BELO HORIZONTE	MG	185.426	49.885	48.784	7.014
B-I	NATIXIS BRASIL S.A. BM	I	3	SAO PAULO	SP	116.954	4.846	103.224	3.707
B-I	BANCO BM&FBOVESPA	I	2	SAO PAULO	SP	232.609	59.187	49.628	2.808
B-I	BCO ARBI S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	95.442	65.479	26.487	-857

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BANCO RANDON S.A.	I	2	CAXIAS DO SUL	RS	88.390	20.527	35.245	-221
B-I	BANCO CR2	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	85.300	47.878	30.206	-6.482
B-I	BCO REP ORIENTAL URUGUAY BCE	I	3	SAO PAULO	SP	56.139	380	51.796	1.920
B-I	WESTERN UNION	C	3	SAO PAULO	SP	55.317	184	50.099	-4.416
B-I	BANCO AZTECA DO BRASIL S.A.	I	3	RECIFE	PE	50.738	21.595	23.852	-1.784
B-I	BCO CAPITAL S.A.	I	2	SALVADOR	BA	42.014	6.573	35.159	-269
B-I	DIDIER LEVY	C	2	SAO PAULO	SP	40.410	0	7.887	471
B-I	PETRA	C	2	CURITIBA	PR	23.427	1.101	12.381	-2.620
B-II	BCO VOLKSWAGEN S.A	I	3	SAO PAULO	SP	23.743.532	6.473.497	1.987.202	83.516
B-II	MERCEDES-BENZ	C	3	SAO PAULO	SP	11.263.561	1.740.938	1.214.620	39.271
B-II	GM LEASING S.A. AM	I	3	SAO PAULO	SP	7.240.393	2.825.700	1.327.511	135.362
B-II	BES	C	3	SAO PAULO	SP	6.621.261	1.648.366	522.231	40.754
B-II	BANCO FIDIS	I	3	BETIM	MG	5.149.607	3.422.753	446.681	38.405
B-II	BCO DE LAGE LANDEN BRASIL S.A.	I	3	PORTO ALEGRE	RS	4.848.060	143.946	493538	13.007
B-II	TOYOTA	C	3	SAO PAULO	SP	3.728.236	936.278	302.083	12.419
B-II	BCO CNH CAPITAL S.A.	I	3	CURITIBA	PR	3.489.245	464.128	1.035.119	53.596
B-II	CATERPILLAR FINANCIAL S.A. AM	I	3	SAO PAULO	SP	3.217.537	342.626	467133	25.242
B-II	BANCO IBM S.A.	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	2.870.581	1.723.113	248651	-6.992
B-II	BCO CSF S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	2.786.816	133.841	628174	97.692
B-II	BCO VOLVO BRASIL S.A.	I	3	CURITIBA	PR	2.741.899	197.234	447.002	16.513
B-II	PSA FINANCE	C	3	SAO PAULO	SP	2.587.931	1.172.035	554.322	37.725
B-II	GOLDMAN SACHS STANDARD	C	3	SAO PAULO	SP	2.560.065	174.302	528.247	684
B-II	CHARTERED BI S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	2.277.327	354.284	187.954	3.172
B-II	HONDA	C	3	SAO PAULO	SP	2.092.263	1.553.677	369.730	29.882
B-II	BCO STANDARD INV S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.625.211	414.825	314.840	12.414
B-II	BCO FORD S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.486.365	1.147.523	292.585	26.557
B-II	SCANIA BCO S.A.	I	3	SAO BERNARDO DO CAMPO	SP	972.870	0	119.729	-169
B-II	BANCO MONEO S.A.	I	2	CAXIAS DO SUL	RS	743.811	0	151.161	9.631
B-II	BCO TRICURY S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	594.678	351.081	170.060	14.374
B-II	CIT BRASIL AM S.A.	I	3	BARUERI	SP	572.355	232.084	127.539	6.257

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-II	BCO YAMAHA MOTOR S.A.	I	3	GUARULHOS	SP	315.038	257.324	45.482	8.032
B-II	GERAÇÃO FUTURO	C	2	PORTO ALEGRE	RS	192.001	0	48.401	241
B-II	BCO BRJ S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	181.347	90.531	31.481	7.976
B-II	BANCO VIPAL S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	171.227	106.367	38.857	389
B-II	BCO OURINVEST S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	129.991	56.962	44.249	8.219
B-II	BBVA BRASIL BI S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	112.766	0	98.244	4.753
B-II	BANCO PORTO REAL DE INVEST.S.A	I	2	PORTO REAL	RJ	47.835	24.289	21316	928
B-II	BCO MAXINVEST S.A.	I	2	CURITIBA	PR	36.544	0	30.754	1.121
B-II	BCO INDUSCRED DE INVESTIM. S/A	I	2	SAO PAULO	SP	22.078	1.275	20.472	605
B-II	BCO PORTO SEGURO S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	14.859	0	14.487	-8
B-IV	BNDES	I	1	RIO DE JANEIRO	RJ	603.698.324	21.046.860	61.012.425	3.768.740
B-IV	BD REGIONAL DO EXTREMO SUL	I	1	PORTO ALEGRE	RS	8.338.332	0	1253564	62.417
B-IV	BCO DES. DE MG S.A.	I	1	BELO HORIZONTE	MG	2.839.942	100.184	1150733	55.574
B-IV	BCO DES. DO ES S.A.	I	1	VITORIA	ES	1.033.975	134.517	156574	5.472
Total Consolidado Bancário I (101 Instituições)						<u>4.302.698.136</u>	<u>1.610.406.352</u>	<u>371.975.062</u>	29.191.736
% de Participação Consolidado Bancário I						83,8	94,6	77,8	81,9
Total Consolidado Bancário II (32 Instituições)						<u>94.437.290</u>	<u>25.988.979</u>	<u>12.329.855</u>	721568
% de Participação Consolidado Bancário II						1,8	1,5	2,6	2
Total Consolidado Bancário III (1329 Instituições)						<u>86.516.713</u>	<u>38.127.301</u>	<u>15.916.463</u>	1.238.736
% de Participação Consolidado Bancário III						1,7	2,2	3,3	3,5
Total Consolidado Bancário IV (4 Instituições)						<u>615.910.573</u>	<u>21.281.561</u>	<u>63.573.296</u>	3.892.203
% de Participação Consolidado Bancário IV						12	1,3	13,3	10,9
Total Consolidado Não Bancário (295 Instituições)						<u>35.925.948</u>	<u>5.723.915</u>	<u>14.037.314</u>	599.800
% de Participação Consolidado Não Bancário						0,7	0,3	2,9	1,7
Total do Sistema Financeiro Nacional						<u>5.135.488.660</u>	<u>1.701.528.108</u>	<u>477.831.990</u>	35.644.043

Fonte: Sisbacen (2011)

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público, 2 - Privado Nacional, 3 - Privado com Controle Estrangeiro

TCB (Tipo de Consolidado Bancário): B-I - Bancário I, B-II - Bancário II, B-IV - Bancário IV, N - Não bancário

Data-base: Dezembro/2011 (Milhares de R\$)

Tabela 09 –Instituições Financeiras 2012

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BB	C	1	BRASILIA	DF	1.087.268.923	472.872.818	66.350.927	6.835.222
B-I	ITAU	C	2	SAO PAULO	SP	951.222.533	246.784.385	82.825.221	6.948.886
B-I	BRADESCO	C	2	OSASCO	SP	755.467.474	212.596.236	70.236.524	5.763.247
B-I	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	I	1	BRASILIA	DF	702.939.666	319.041.023	25.056.944	3.219.706
B-I	SANTANDER	C	3	SAO PAULO	SP	458.329.044	126.624.902	66.470.355	1.347.324
B-I	HSBC	C	3	CURITIBA	PR	127.044.415	54.319.625	9.973.196	622.052
B-I	VOTORANTIM	C	2	SAO PAULO	SP	123.408.819	15.454.333	8.210.437	-855.612
B-I	SAFRA	C	2	SAO PAULO	SP	111.752.867	12.046.015	7.246.761	684.223
B-I	BTG PACTUAL	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	87.878.773	15.340.248	10.068.496	1.100.552
B-I	CITIBANK	C	3	SAO PAULO	SP	61.185.316	15.880.493	7.650.437	266.663
B-I	BANRISUL	C	1	PORTO ALEGRE	RS	46.834.051	27.054.722	4.895.003	399.006
B-I	CREDIT SUISSE	C	3	SAO PAULO	SP	40.307.993	2.910.515	3.419.501	344.865
B-I	JP MORGAN CHASE	C	3	SAO PAULO	SP	36.551.169	2.512.283	3.499.574	81.630
B-I	BCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.	I	1	FORTALEZA	CE	31.888.888	9.821.438	2.683.751	262.357
B-I	DEUTSCHE	C	3	SAO PAULO	SP	31.371.729	3.202.769	1.498.628	67.809
B-I	BMG	C	2	BELO HORIZONTE	MG	26.120.319	8.019.253	3.175.227	-133.809
B-I	BNP PARIBAS	C	3	SAO PAULO	SP	20.715.391	4.776.378	2.559.229	132.395
B-I	BCO COOPERATIVO SICREDI S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	19.350.956	9.338.068	477.572	12.457
B-I	BIC	C	2	SAO PAULO	SP	18.333.680	8.048.901	1.958.439	42.870
B-I	PANAMERICANO	C	2	SAO PAULO	SP	18.331.868	6.911.862	2.804.703	-266.421
B-I	BANCOOB	C	2	BRASILIA	DF	14.854.670	10.935.470	463.681	31.064
B-I	ALFA	C	2	SAO PAULO	SP	14.813.281	2.990.640	1.922.296	97.999
B-I	ABC-BRASIL	C	3	SAO PAULO	SP	13.489.543	3.730.825	1.679.473	114.695
B-I	MERCANTIL DO BRASIL	C	2	BELO HORIZONTE	MG	13.407.289	8.026.972	872.809	30.789

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BCO RABOBANK INTL BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	13.052.486	1.628.350	1.059.731	95.451
B-I	BCO DAYCOVAL S.A	I	2	SAO PAULO	SP	13.017.369	4.170.440	2.203.507	180.906
B-I	BANESTES	C	1	VITORIA	ES	12.392.430	7.428.458	872.573	61.841
B-I	SOCIETE GENERALE	C	3	SAO PAULO	SP	11.733.844	1.344.640	690.824	-417.688
B-I	FIBRA	C	2	SAO PAULO	SP	10.559.343	5.205.706	1.037.391	-144.151
B-I	BCO DA AMAZONIA S.A.	I	1	BELEM	PA	10.517.798	2.516.249	2.030.163	57.021
B-I	PINE	C	2	SAO PAULO	SP	10.408.176	3.439.986	1.219.947	95.383
B-I	MERRILL LYNCH	C	3	SAO PAULO	SP	9.775.945	315.260	1.315.880	44.068
B-I	BRB	C	1	BRASILIA	DF	9.428.487	6857269	946.274	100.319
B-I	MORGAN STANLEY	C	3	SAO PAULO	SP	7.833.626	2.180.952	1.622.421	30.073
B-I	BARCLAYS	C	3	SAO PAULO	SP	6.989.525	1.008.496	786.716	52.781
B-I	BCO TOKYO-MITSUBISHI BM S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	5.631.449	1.356.317	1.097.244	6.922
B-I	BCO CLASSICO S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	5.629.766	2	4.344.992	101.541
B-I	SOFISA	C	2	SAO PAULO	SP	4.532.471	2.186.035	786.267	16.834
B-I	RURAL	C	2	BELO HORIZONTE	MG	4.355.478	2.364.371	370.397	-59.443
B-I	INDUSVAL	C	2	SAO PAULO	SP	4.033.745	1.880.653	587.200	6.757
B-I	J.MALUCELLI	C	2	CURITIBA	PR	3.786.553	2.085.457	1.215.958	130.908
B-I	BCO DO EST. DO PA S.A.	I	1	BELEM	PA	3.728.257	2.971.122	419.837	83.916
B-I	BONSUCCESSO	C	2	BELO HORIZONTE	MG	3.346.831	1.625.915	384.784	20.715
B-I	ING	C	3	SAO PAULO	SP	3.279.426	821.897	799.303	29.944
B-I	JOHN DEERE	C	3	INDAIATUBA	SP	3.226.199	121.076	450.332	28.047
B-I	ORIGINAL	C	2	PORTO ALEGRE	RS	3.195.791	616.916	1.923.685	-16.777
B-I	BCO DO EST. DE SE S.A.	I	1	ARACAJU	SE	2.942.073	2.247.397	257.808	48.058
B-I	CREDIT AGRICOLE	C	3	SAO PAULO	SP	2.907.279	545.080	769.401	1.379
B-I	BBM	C	2	SALVADOR	BA	2.704.909	709.030	543.057	21.763

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	INDUSTRIAL DO BRASIL	C	2	SAO PAULO	SP	2.641.679	1090361	442.441	28.640
B-I	BCO SUMITOMO MITSUI BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	2.572.724	883.196	650.939	23.027
B-I	BCO CARGILL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.995.059	374.179	280.039	31.468
B-I	RODOBENS	C	2	SAO PAULO	SP	1.942.040	539.749	387.062	30.795
B-I	WESTLB	C	3	SAO PAULO	SP	1.831.567	323337	504.881	14.000
B-I	BCO TRIANGULO S.A.	I	2	UBERLANDIA	MG	1.737.327	789.008	335.217	14.305
B-I	BANIF	C	3	SAO PAULO	SP	1.733.536	1049594	208.172	-81.817
B-I	RENDIMENTO	C	2	SAO PAULO	SP	1.593.132	525418	178.263	23.579
B-I	SOCOPA	C	2	SAO PAULO	SP	1.366.614	506233	136.399	22.639
B-I	BCO MODAL S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	1.284.994	470.039	258.832	9.858
B-I	CAIXA GERAL	C	3	SAO PAULO	SP	1.261.804	379632	476.214	493
B-I	FATOR	C	2	SAO PAULO	SP	1.240.096	366.419	427.533	3.096
B-I	BANCO INTERMEDIUM S/A	I	2	BELO HORIZONTE	MG	1.225.049	541.165	274.443	9.283
B-I	BCO KDB BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.009.661	211.574	79.770	3.602
B-I	BCO GUANABARA S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	1.002.941	500.751	122.143	1.548
B-I	INTERCAP	C	2	SAO PAULO	SP	891.144	350.636	120.040	1.152
B-I	BCO FICSA S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	766.465	293.185	78.352	-13.797
B-I	BCO A.J. RENNER S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	534.807	431.857	78.374	8.349
B-I	BCO LUSO BRASILEIRO S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	524.812	357.136	107.747	241
B-I	SCOTIABANK BRASIL	I	3	SAO PAULO	SP	519.408	68.121	362.882	3.245
B-I	MÁXIMA	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	515.110	247.028	61.922	-1.262
B-I	BCO DA CHINA BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	505.898	190.043	130.585	-7.407
B-I	BCO KEB DO BRASIL SA	I	3	SAO PAULO	SP	472.753	265669	84.956	2.358

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BANCO SEMEAR	I	2	BELO HORIZONTE	MG	377.548	304825	50.248	4.372
B-I	BCO GERADOR S.A.	I	2	RECIFE	PE	327.073	220566	44.572	-3.582
B-I	BANCO BM&FBOVESPA	I	2	SAO PAULO	SP	304.908	62.944	55.143	2.509
B-I	VR	C	2	BARUERI	SP	269.386	61.904	158.407	-140
B-I	BCO RIBEIRAO PRETO S.A.	I	2	RIBEIRAO PRETO	SP	269.180	62.612	69.541	2.465
B-I	BCO CEDULA S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	245.737	128.220	105.977	5.424
B-I	NBC BANK BRASIL S.A. - BM	I	3	PORTO ALEGRE	RS	241.272	129.532	43.523	-4.233
B-I	BPN BRASIL BM S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	225.756	92.758	52.078	-3.839
B-I	BANCO TOPÁZIO S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	223.400	176.520	34.273	-432
B-I	OPPORTUNITY	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	207.659	0	188.591	9.394
B-I	BANCO RANDON S.A.	I	2	CAXIAS DO SUL	RS	206.335	14.566	47.987	575
B-I	BCO POTTENCIAL S.A.	I	2	BELO HORIZONTE	MG	180.949	52.982	49.112	4.303
B-I	BCO LA PROVINCIA B AIRES BCE	I	3	SAO PAULO	SP	152.838	3	104.666	-3.140
B-I	BANCO BRACCE S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	152.378	84.680	43.804	-3.163
B-I	BNY MELLON	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	144.650	323	96.766	4.590
B-I	BRASCAN	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	134.248	0	55.554	-51.827
B-I	NATIXIS BRASIL S.A. BM	I	3	SAO PAULO	SP	123.953	3.071	111.226	2.353
B-I	BCO LA NACION ARGENTINA	I	3	SAO PAULO	SP	114.207	1.644	45.117	-886
B-I	BRASIL PLURAL	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	106.257	844	75.253	-10.055
B-I	BANCO AZTECA DO BRASIL S.A.	I	3	RECIFE	PE	99.315	72.003	24.020	-15
B-I	BCO ARBI S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	99.199	68.449	27.332	861
B-I	BANCO CR2	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	69.132	29.675	27.815	-2.666
B-I	BCO REP ORIENTAL URUGUAY BCE	I	3	SAO PAULO	SP	57.508	455	53.197	-90

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	WESTERN UNION	C	3	SAO PAULO	SP	52.072	4.126	39.230	-5.253
B-I	BCO CAPITAL S.A.	I	2	SALVADOR	BA	48.560	5.780	38.388	-74
B-I	BCO WOORI BANK DO BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	42.645	2.415	39.189	-1.330
B-I	PETRA	C	2	CURITIBA	PR	23.386	765	13.312	-140
B-II	BCO VOLKSWAGEN S.A	I	3	SAO PAULO	SP	25.895.096	7.558.675	2.045.549	24.512
B-II	MERCEDES-BENZ	C	3	SAO PAULO	SP	10.763.499	1.136.315	1.252.334	1.395
B-II	BCO GMAC S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	9.368.753	3.500.149	1.335.190	26.304
B-II	BES	C	3	SAO PAULO	SP	6.690.610	2.223.509	640.807	9.006
B-II	BCO DE LAGE LANDEN BRASIL S.A.	I	3	PORTO ALEGRE	RS	5.633.142	263.981	567.519	45.140
B-II	BANCO FIDIS	I	3	BETIM	MG	5.404.291	2.914.390	492.569	26.889
B-II	BCO CNH CAPITAL S.A.	I	3	CURITIBA	PR	4.413.936	920.615	989.760	89.322
B-II	BANCO IBM S.A.	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	4.265.438	3014410	293.475	20.643
B-II	CATERPILLAR	I	3	SAO PAULO	SP	3.787.061	472.633	658.664	45.276
B-II	TOYOTA	C	3	SAO PAULO	SP	3.675.632	696.710	338.883	18.640
B-II	PSA FINANCE	C	3	SAO PAULO	SP	3.289.168	1093682	628.104	35.821
B-II	BCO VOLVO BRASIL S.A.	I	3	CURITIBA	PR	3.220.558	133395	480.161	22.866
B-II	BCO CSF S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	3.136.441	255267	606.916	118.834
B-II	GOLDMAN SACHS	C	3	SAO PAULO	SP	2.900.171	359.029	834.455	10.182
B-II	HONDA	C	3	SAO PAULO	SP	2.305.830	1.503.615	431.468	29.679
B-II	SCANIA BCO S.A.	I	3	SAO BERNARDO DO CAMP	SP	1.493.399	0	114.407	-2.712
B-II	BCO STANDARD INV S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.486.627	170.876	260.854	-47.447
B-II	STANDARD CHARTERED BI S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.135.625	324.256	194.357	1.485
B-II	BCO FORD S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.128.480	720.544	269.262	15.378
B-II	BANCO MONEO S.A.	I	2	CAXIAS DO SUL	RS	799.482	0	166.541	13.088
B-II	BCO TRICURY S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	695.624	441.860	194.716	14.445

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-II	BCO COMMERCIAL INV. TRUST S.A.	I	3	BARUERI	SP	670.682	268.689	236.516	534
B-II	BCO YAMAHA MOTOR S.A.	I	3	GUARULHOS	SP	401.420	320.852	58.962	4.560
B-II	CONFIDENCE	C	2	BARUERI	SP	204.992	82.821	41.376	11.221
B-II	BCO BRJ S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	170.309	86.113	21.133	744
B-II	BANCO VIPAL	I	2	PORTO ALEGRE	RS	157.973	108.812	45.411	383
B-II	BCO OURINVEST S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	157.272	93.569	44.842	5.381
B-II	BR PARTNERS	C	2	SAO PAULO	SP	148.862	0	142.875	241
B-II	BBVA BRASIL BI S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	114.359	0	102.165	697
B-II	GERAÇÃO FUTURO	C	2	PORTO ALEGRE	RS	104.239	0	38.604	2.737
B-II	BEXS	C	2	SAO PAULO	SP	54.922	0	7.778	116
B-II	BANCO PORTO REAL DE INVEST.S.A	I	2	PORTO REAL	RJ	54.766	30.075	23.029	915
B-II	BCO MAXINVEST S.A.	I	2	CURITIBA	PR	30.807	0	24.160	248
B-II	BCO INDUSCRED DE INVESTIM. S/A	I	2	SAO PAULO	SP	20.606	1.241	19.319	-1.129
B-IV	BNDES	I	1	RIO DE JANEIRO	RJ	693.840.197	20.648.666	52.169.463	5.439.984
B-IV	BD REGIONAL DO EXTREMO SUL	I	1	PORTO ALEGRE	RS	9.363.452	0	1.335.875	51.816
B-IV	BCO DES. DE MG SA	I	1	BELO HORIZONTE	MG	3.611.582	59493	1.470.164	38.492
B-IV	BCO DES. DO ES S.A.	I	1	VITORIA	ES	1.259.687	145318	159.659	4.230
Total Consolidado Bancário I (99 Instituições)						<u>5.015.546.084</u>	<u>1.667.203.240</u>	<u>421.216.403</u>	<u>27.799.913</u>
% de Participação Consolidado Bancário I						84,10%	94,40%	80,42%	77,30%
Total Consolidado Bancário II (34 Instituições)						<u>103.780.072</u>	<u>28.696.083</u>	<u>13.602.161</u>	<u>545.394</u>
% de Participação Consolidado Bancário II						1,70%	1,60%	2,60%	1,50%
Total Consolidado Bancário III (1214 Instituições)						<u>103.418.505</u>	<u>46.845.373</u>	<u>19.215.768</u>	<u>1.418.460</u>
% de Participação Consolidado Bancário III						1,70%	2,70%	3,67%	3,90%
Total Consolidado Bancário IV (4 Instituições)						<u>708.074.918</u>	<u>20.853.477</u>	<u>55.135.161</u>	<u>5.534.522</u>
% de Participação Consolidado Bancário IV						11,87%	1,18%	10,53%	15,38%
Total Consolidado Não Bancário (268 Instituições)						<u>35.928.025</u>	<u>3.228.596</u>	<u>14.619.546</u>	<u>679.612</u>
% de Participação Consolidado Não Bancário						0,60%	0,18%	2,79%	1,89%
Total do Sistema Financeiro Nacional (1619)						<u>5.966.747.604</u>	<u>1.766.826.769</u>	<u>523.789.039</u>	<u>35.977.901</u>

Fonte: Sisbacen (2012)

CI (Código Identificador): CNPJ das instituições independentes e códigos do Banco Central para os conglomerados.

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público, 2 - Privado Nacional, 3 - Privado com Controle Estrangeiro

TCB (Tipo de Consolidação Bancário): B-I - Bancário I, B-II - Bancário II, B-IV - Bancário IV, N - Não bancário

Data-base: Dezembro/2012 (Milhares de R\$)

Tabela 10 – Instituições Financeiras 2013

TCB	Instituições	T D	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Totais	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BB	C	1	BRASILIA	DF	1.218.525.361	491.349.464	70.537.212	5.881.780
B-I	ITAU	C	2	SAO PAULO	SP	1.027.324.008	282.591.653	88.966.202	7.770.988
B-I	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	I	1	BRASILIA	DF	858.475.356	361.055.188	27.373.363	3.582.770
B-I	BRADESCO	C	2	OSASCO	SP	776.724.294	219.022.884	71.135.989	6.151.489
B-I	SANTANDER	C	3	SAO PAULO	SP	495.443.913	134.467.027	63.760.958	1.075.564
B-I	HSBC	C	3	CURITIBA	PR	159.948.239	55.003.829	10.009.031	-43.215
B-I	SAFRA	C	2	SAO PAULO	SP	130.111.584	10.180.197	7.559.378	760.238
B-I	BTG PACTUAL	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	115.901.631	19.917.631	12.074.449	1.418.171
B-I	VOTORANTIM	C	2	SAO PAULO	SP	106.975.088	8.472.080	7.140.683	-37.925
B-I	CITIBANK	C	3	SAO PAULO	SP	54.297.355	14.871.484	6.851.341	198.822
B-I	BANRISUL	C	1	PORTO ALEGRE	RS	53.114.488	30.898.709	5.148.638	371.919
B-I	BCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.	I	1	FORTALEZA	CE	33.817.503	10.991.446	3.039.830	160.329
B-I	CREDIT SUISSE	C	3	SAO PAULO	SP	32.393.809	2.454.979	3.319.092	289.957
B-I	JP MORGAN CHASE	C	3	SAO PAULO	SP	29.953.776	2.462.910	3.569.290	44.390
B-I	BMG	C	2	SAO PAULO	SP	28.140.779	6.883.904	3.398.625	84.606
B-I	BCO COOPERATIVO SICREDI S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	23.812.778	10.812.107	799.247	24.540
B-I	DEUTSCHE	C	3	SAO PAULO	SP	22.207.579	2.355.512	1.622.745	132.798
B-I	PANAMERICANO	C	2	SAO PAULO	SP	21.725.860	9.475.354	2.531.525	-237.961
B-I	BNP PARIBAS	C	3	SAO PAULO	SP	20.932.555	4.706.011	2.723.335	93.425
B-I	BANCOOB	C	2	BRASILIA	DF	18.119.803	13.654.052	580.839	18.249
B-I	ABC-BRASIL	C	3	SAO PAULO	SP	17.267.769	3.562.454	1.917.522	143.496
B-I	BIC	C	2	SAO PAULO	SP	15.606.886	7.069.579	1.958.086	44.710
B-I	BCO RABOBANK INTL BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	15.323.393	234.363	1.174.854	88.528
B-I	BCO DAYCOVAL S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	14.940.278	3.779.513	2.440.276	107.036
B-I	BANESTES	C	1	VITORIA	ES	14.007.244	7.812.891	967.684	59.886
B-I	ALFA	C	2	SAO PAULO	SP	13.839.988	393.210	2.020.308	64.780
B-I	MERCANTIL DO BRASIL	C	2	BELO HORIZONTE	MG	13.510.309	8.359.604	897.906	-11.807
B-I	SOCIETE GENERALE	C	3	SAO PAULO	SP	12.639.668	742.878	1.004.827	45.815
B-I	MERRILL LYNCH	C	3	SAO PAULO	SP	12.282.941	1.187.589	1.328.991	73.804
B-I	BCO DA AMAZONIA S.A.	I	1	BELEM	PA	11.330.107	3.238.578	1.624.993	136.301
B-I	BRB	C	1	BRASILIA	DF	11.071.654	7.903.775	1.066.087	55.930
B-I	PINE	C	2	SAO PAULO	SP	10.558.749	3.226.444	1.272.408	77.380
B-I	MORGAN STANLEY	C	3	SAO PAULO	SP	10.173.325	3.856.230	1.796.494	120.113
B-I	FIBRA	C	2	SAO PAULO	SP	9.768.671	3.810.774	1.228.225	-316.187
B-I	BARCLAYS	C	3	SAO PAULO	SP	6.862.557	728.314	574.876	78.399
B-I	BCO TOKYO- MITSUBISHI BM S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	6.705.972	2.039.704	1.139.423	25.875
B-I	BCO CLASSICO S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	6.000.082	5	4.607.228	109.573
TCB	Instituições	T D	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Totais	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido

B-I	INDUSVAL	C	2	SAO PAULO	SP	4.950.399	2.312.805	674.161	-7.948
B-I	BCO DO EST. DO PA S.A.	I	1	BELEM	PA	4.549.552	3.609.523	506.133	79.993
B-I	SOFISA	C	2	SAO PAULO	SP	4.411.502	1.934.602	697.160	12.532
B-I	J.MALUCELLI	C	2	CURITIBA	PR	4.393.660	2.083.256	1.285.976	60.949
B-I	JOHN DEERE	C	3	INDAIATUBA	SP	4.177.354	266.341	568.416	28.619
B-I	ING	C	3	SAO PAULO	SP	3.933.125	1.062.081	822.284	44.562
B-I	BCO SUMITOMO MITSUI BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	3.699.396	1.159.684	675.432	15.488
B-I	CREDIT AGRICOLE	C	3	SAO PAULO	SP	3.507.155	1.009.072	792.890	5.168
B-I	BCO DO EST. DE SE S.A.	I	1	ARACAJU	SE	3.378.125	2.573.431	279.485	25.780
B-I	ORIGINAL	C	2	SAO PAULO	SP	3.262.864	469.453	2.036.845	39.776
B-I	BBM	C	2	SALVADOR	BA	3.232.786	655.616	562.527	29.491
B-I	BONSUCESO	C	2	BELO HORIZONTE	MG	2.914.500	1.439.767	385.828	28.908
B-I	INDUSTRIAL DO BRASIL	C	2	SAO PAULO	SP	2.198.516	780.845	454.183	16.305
B-I	RODOBENS	C	2	SAO PAULO	SP	2.134.331	216.738	429.840	45.154
B-I	BCO TRIANGULO S.A.	I	2	UBERLANDIA	MG	1.845.983	790.806	336.897	17.939
B-I	BCO CARGILL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.824.154	68.083	359.868	18.025
B-I	MIZUHO	C	3	SAO PAULO	SP	1.506.341	166.645	495.883	-13.877
B-I	RENDIMENTO	C	2	SAO PAULO	SP	1.446.584	435.278	203.383	24.637
B-I	INTERMEDIUM	C	2	BELO HORIZONTE	MG	1.436.015	597.525	290.018	7.915
B-I	FATOR	C	2	SAO PAULO	SP	1.425.067	500.708	418.085	2.369
B-I	SOCOPA	C	2	SAO PAULO	SP	1.368.189	523.491	146.953	9.217
B-I	CAIXA GERAL	C	3	SAO PAULO	SP	1.348.085	448.131	417.181	-47.743
B-I	BCO MODAL S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	1.279.326	578.418	236.086	-7.719
B-I	BANIF	C	3	SAO PAULO	SP	1.194.381	806.755	200.315	-44.394
B-I	BCO GUANABARA S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	1.067.919	700.664	126.314	3.583
B-I	BCO KDB BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.064.968	66.232	82.952	-1.838
B-I	BCO A.J. RENNER S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	815.422	693.472	86.810	9.189
B-I	SCOTIABANK BRASIL	I	3	SAO PAULO	SP	770.336	74.044	345.407	3.923
B-I	MÁXIMA	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	529.800	221.512	52.862	-5.815
B-I	BCO LUSO BRASILEIRO S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	518.482	359.802	43.407	-63.531
B-I	BRASIL PLURAL	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	497.518	100.300	103.565	-9.782
B-I	BNY MELLON	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	434.783	59.716	114.787	14.936
B-I	BCO DA CHINA BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	433.078	171.808	116.286	-13.409
B-I	BCO GERADOR S.A.	I	2	RECIFE	PE	419.116	185.748	40.480	-11.748
B-I	BANCO BM&FBOVESPA	I	2	SAO PAULO	SP	407.868	111.068	59.028	4.462
B-I	BANCO RANDON S.A.	I	2	CAXIAS DO SUL	RS	392.844	10.316	76.403	2.383
									-16.716
B-I	BCO FICSA S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	382.298	202.893	50.338	

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Totais	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BANCO SEMEAR	I	2	BELO HORIZONTE	MG	378.533	276.379	76.339	-8.945
B-I	BCO KEB DO BRASIL SA	I	3	SAO PAULO	SP	359.475	140.528	94.942	3.495
B-I	BCO WOORI BANK DO BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	341.421	243.203	75.957	588
B-I	ICBC DO BRASIL BM S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	325.413	86.617	199.291	-984
B-I	BANCO TOPAZIO S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	287.737	133.725	38.396	-4.138
B-I	NOVO BCO CONTINENTAL S.A. - BM	I	3	PORTO ALEGRE	RS	270.868	140.369	67.856	-6.288
B-I	BCO ABN AMRO S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	251.272	18.779	218.675	-3.511
B-I	BCO CEDULA S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	208.942	99.886	103.927	805
B-I	BCO RIBEIRAO PRETO S.A.	I	2	RIBEIRAO PRETO	SP	204.623	48.774	70.211	425
B-I	VR	C	2	BARUERI	SP	186.357	36.907	109.250	-45.055
B-I	BPN BRASIL BM S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	178.298	60.409	43.809	-8.004
B-I	BCO POTTENCIAL S.A.	I	2	BELO HORIZONTE	MG	159.550	80.446	42.263	-9.116
B-I	BCO LA PROVINCIA B AIRES BCE	I	3	SAO PAULO	SP	140.678	2	114.459	441
B-I	NATIXIS BRASIL S.A. BM	I	3	SAO PAULO	SP	133.349	3.295	110.760	6.478
B-I	BANCO AZTECA DO BRASIL S.A.	I	3	RECIFE	PE	114.241	86.346	24.167	-295
B-I	BANCO BRACCE S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	100.421	65.842	28.348	3.160
B-I	BCO ARBI S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	86.848	57.566	24.992	-1.869
B-I	WESTERN UNION	C	3	SAO PAULO	SP	85.550	0	50.507	-2.188
B-I	BCO LA NACION ARGENTINA	I	3	SAO PAULO	SP	85.546	1.354	40.964	-514
B-I	BCO REP ORIENTAL URUGUAY BCE	I	3	SAO PAULO	SP	65.488	701	52.069	-695
B-I	BCO CAPITAL S.A.	I	2	SALVADOR	BA	44.683	5.743	37.677	689
B-I	PETRA	C	2	CURITIBA	PR	19.091	933	13.472	177
B-II	BCO VOLKSWAGEN S.A	I	3	SAO PAULO	SP	27.451.352	7.302.457	2.210.694	62.745
B-II	BCO GMAC S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	12.997.720	3.952.826	1.324.635	-2.484
B-II	MERCEDES-BENZ	C	3	SAO PAULO	SP	10.912.845	921.274	1.289.909	8.874
B-II	BES	C	3	SAO PAULO	SP	8.183.029	2.894.517	665.698	26.815
B-II	BCO CNH CAPITAL S.A.	I	3	CURITIBA	PR	6.124.687	990.720	1.086.667	111.348
B-II	BCO DE LAGE LANDEN BRASIL S.A.	I	3	PORTO ALEGRE	RS	5.933.458	0	727.733	38.610
B-II	BANCO FIDIS	I	3	BETIM	MG	5.931.265	2.755.471	523.583	22.481
B-II	BANCO IBM S.A.	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	5.711.964	4.883.708	380.791	8.236
B-II	GOLDMAN SACHS	C	3	SAO PAULO	SP	4.874.342	416.039	998.618	34.324
B-II	BCO TOYOTA DO BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	4.593.973	415.919	479.893	31.613

TCB	Instituições	T D	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Totais	Patrimôni o Líquido	Lucro Líquido
B-II	BCO CATERPILLAR S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	4.200.701	594.570	654.031	-1.208
B-II	BCO CSF S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	3.886.480	125.679	819.025	129.566
B-II	BCO VOLVO BRASIL S.A.	I	3	CURITIBA	PR	3.519.814	118.001	489.575	-7.889
B-II	PSA FINANCE	C	3	SAO PAULO	SP	3.515.612	779.684	699.878	49.800
B-II	HONDA	C	3	SAO PAULO	SP	3.370.362	2.409.863	500.231	33.480
B-II	SCANIA BCO S.A.	I	3	SAO BERNARDO DO CAMP	SP	1.928.686	0	153.452	-1.081
B-II	BCO FORD S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.680.787	1.079.568	263.938	17.900
B-II	STANDARD CHARTERED BI S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.065.455	388.726	299.354	9.714
B-II	BANCO MONEO S.A.	I	2	CAXIAS DO SUL	RS	883.352	0	173.946	4.855
B-II	BCO COMMERCIAL INV. TRUST S.A.	I	3	BARUERI	SP	718.068	314.135	260.720	17.925
B-II	BCO TRICURY S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	665.713	364.677	213.542	14.829
B-II	BCO YAMAHA MOTOR S.A.	I	3	GUARULHOS	SP	489.897	356.089	70.648	6.228
B-II	UBS	C	3	SAO PAULO	SP	293.167	0	71.828	-12.417
B-II	CONFIDENCE	C	2	BARUERI	SP	273.218	124.002	60.457	15.868
B-II	BCO STANDARD INV S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	243.163	87.171	111.588	-16.061
B-II	OURINVEST	C	2	SAO PAULO	SP	232.144	99.307	43.612	-11.327
B-II	BR PARTNERS	C	2	SAO PAULO	SP	199.494	37.774	128.069	16.560
B-II	OPPORTUNITY	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	199.324	0	188.132	10.805
B-II	BCO BRJ S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	180.815	89.337	21.305	357
B-II	BANCO VIPAL	I	2	PORTO ALEGRE	RS	116.222	70.613	44.538	-1.799
B-II	BBVA BRASIL BI S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	113.226	0	101.183	-866
B-II	BEXS	C	2	SAO PAULO	SP	80.957	0	7.765	26
B-II	BANCO PORTO REAL DE INVEST.S.A	I	2	PORTO REAL	RJ	51.529	25.334	24.666	700
B-II	BCO MAXINVEST S.A.	I	2	CURITIBA	PR	28.782	0	24.605	797
B-II	BCO INDUSCRED DE INVESTIM. S/A	I	2	SAO PAULO	SP	27.039	5.757	20.277	2.202
B-IV	BNDES	I	1	RIO DE JANEIRO	RJ	762.953.109	19.553.698	45.626.151	4.888.773
B-IV	BD REGIONAL DO EXTREMO SUL	I	1	PORTO ALEGRE	RS	11.537.432	0	1.674.250	108.268
B-IV	BCO DES. DE MG S.A.	I	1	BELO HORIZONTE	MG	4.901.053	50.902	1.713.606	105.978
B-IV	BCO DES. DO ES S.A.	I	1	VITORIA	ES	1.560.422	88.288	257.474	28.669
Total Consolidado Bancário I (96 Instituições)						5.507.015.558	1.778.606.759	435.374.759	28.876.005
% de Participação Consolidado Bancário I						83,8	94,1	80,7	77,7
Total Consolidado Bancário II (35 Instituições)						120.678.642	31.603.218	15.134.586	621.526
% de Participação Consolidado Bancário II						1,8	1,7	2,8	1,7
Total Consolidado Bancário III (1174 Instituições)						124.317.741	56.347.691	22.792.196	1.642.142
% de Participação Consolidado Bancário III						1,9	3	4,2	4,4
Total Consolidado Bancário IV (4 Instituições)						780.952.016	19.692.888	49.271.481	5.131.688

% de Participação Consolidado Bancário IV	11,9	1	9,1	13,8
Total Consolidado Nao Bancário (283 Instituições)	41.897.531	3.786.321	16.865.830	914.976
% de Participação Consolidado Nao Bancário	0,6	0,2	3,1	2,5
Total do Sistema Financeiro Nacional (1592)	6.574.861.48 8	1.890.036.87 7	539.438.852	37.186.33 7

Fonte: Sisbacen (2013)

CI (Código Identificador): CNPJ das instituições independentes e códigos do Banco Central para os conglomerados.

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público, 2 - Privado Nacional, 3 - Privado com Controle Estrangeiro

TCB (Tipo de Consolidado Bancário): B-I - Bancário I, B-II - Bancário II, B-IV - Bancário IV, N - Não bancário

Data-base: Dezembro/2013 (Milhares de R\$)

Tabela 11 –Instituições Financeiras 2014

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BB	C	1	BRASILIA	DF	1.326.982.264	469.063.349	71.488.952	2.823.106
B-I	ITAU	C	2	SAO PAULO	SP	1.069.551.529	296.991.096	98.217.297	5.068.929
B-I	CAIXA ECONOMICA FEDERAL	I	1	BRASILIA	DF	1.018.864.588	403.042.074	28.521.935	1.897.979
B-I	BRADESCO	C	2	OSASCO	SP	848.838.310	212.854.266	79.411.885	3.880.921
B-I	SANTANDER	C	3	SAO PAULO	SP	523.560.479	135.651.889	59.197.870	579.021
B-I	HSBC	C	3	CURITIBA	PR	149.876.571	56.246.041	9.978.097	-404.458
B-I	BTG PACTUAL	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	138.660.142	21.956.837	14.220.828	803.740
B-I	SAFRA	C	2	SAO PAULO	SP	135.671.802	9.146.592	8.462.038	447.168
B-I	VOTORANTIM	C	2	SAO PAULO	SP	98.735.434	5.311.904	7.682.955	135.112
B-I	CITIBANK	C	3	SAO PAULO	SP	61.202.922	13.888.580	6.911.994	-158.047
B-I	BANRISUL	C	1	PORTO ALEGRE	RS	58.656.365	33.078.920	5.419.433	215.346
B-I	BCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.	I	1	FORTALEZA	CE	38.060.615	11.458.223	3.400.014	103.039
B-I	JP MORGAN CHASE	C	3	SAO PAULO	SP	33.498.231	1.528.697	3.722.428	10.515
B-I	DEUTSCHE	C	3	SAO PAULO	SP	29.970.228	1.628.848	1.670.166	37.495
B-I	CREDIT SUISSE	C	3	SAO PAULO	SP	29.708.748	3.772.729	3.321.762	-49.198
B-I	BNP PARIBAS	C	3	SAO PAULO	SP	26.297.166	4.568.451	2.818.846	45.971
B-I	BCO COOPERATIVO SICREDI S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	25.916.407	11.124.985	1.058.938	28.520
B-I	PANAMERICANO	C	2	SAO PAULO	SP	25.214.419	11.256.162	3.584.566	-95.659
B-I	BANCOOB	C	2	BRASILIA	DF	22.910.775	17.213.917	720.713	13.632
B-I	SOCIETE GENERALE	C	3	SAO PAULO	SP	19.749.199	296.984	1.047.557	12.475
B-I	ABC-BRASIL	C	3	SAO PAULO	SP	19.216.524	4.544.044	2.127.742	77.946
B-I	BMG	C	2	SAO PAULO	SP	18.656.329	5.439.562	3.561.002	97.157
B-I	BCO DAYCOVAL S.A	I	2	SAO PAULO	SP	17.807.764	3.983.927	2.480.695	51.809
B-I	BANESTES	C	1	VITORIA	ES	15.664.593	8.343.534	1.041.046	33.986
B-I	BCO RABOBANK INTL BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	15.063.473	189.404	1.286.289	39.913
B-I	BIC	C	2	SAO PAULO	SP	15.044.910	7.251.654	1.448.654	-368.602
B-I	ALFA	C	2	SAO PAULO	SP	14.602.388	679.268	2.078.292	22.060
B-I	BCO TOKYO-MITSUBISHI BM S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	13.717.331	2.166.769	1.173.652	13.903
B-I	MERCANTIL DO BRASIL	C	2	BELO HORIZONTE	MG	13.129.532	8.165.543	769.682	-30.079
B-I	BRB	C	1	BRASILIA	DF	12.446.815	8.838.761	1.133.961	19.228
B-I	MORGAN STANLEY	C	3	SAO PAULO	SP	12.045.354	4.224.420	2.001.906	55.851

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BCO DA AMAZONIA S.A.	I	1	BELEM	PA	11.463.816	3.347.010	1.666.078	-12.064
B-I	BOFA MERRILL LYNCH	C	3	SAO PAULO	SP	11.092.973	1.822.134	1.336.239	6.237
B-I	PINE	C	2	SAO PAULO	SP	10.909.130	2.754.598	1.273.419	18.616
B-I	BARCLAYS	C	3	SAO PAULO	SP	8.473.396	712.801	590.624	19.336
B-I	BCO FIBRA S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	7.581.358	3.131.623	992.085	-80.861
B-I	CREDIT AGRICOLE	C	3	SAO PAULO	SP	6.534.049	887.026	792.743	1.339
B-I	BCO CLASSICO S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	6.441.095	1	5.107.375	46.389
B-I	J.MALUCELLI	C	2	CURITIBA	PR	5.692.107	2.381.927	1.366.034	28.496
B-I	ING	C	3	SAO PAULO	SP	5.530.987	424.689	852.716	8.148
B-I	INDUSVAL	C	2	SAO PAULO	SP	5.495.801	2.221.392	672.760	1.661
B-I	JOHN DEERE	C	3	INDAIATUBA	SP	5.307.927	702.791	655.315	27.693
B-I	BCO DO EST. DO PA S.A.	I	1	BELEM	PA	5.168.008	4.028.225	517.151	8.649
B-I	SOFISA	C	2	SAO PAULO	SP	4.403.283	2.174.079	661.557	11.250
B-I	BCO SUMITOMO MITSUI BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	4.113.255	1.297.207	713.737	13.690
B-I	ORIGINAL	C	2	SAO PAULO	SP	4.064.485	485.292	2.058.142	520
B-I	BCO DO EST. DE SE S.A.	I	1	ARACAJU	SE	3.596.569	2.712.515	295.362	3.885
B-I	BBM	C	2	SALVADOR	BA	3.488.299	489.978	585.065	3.995
B-I	BONSUCESSO	C	2	BELO HORIZONTE	MG	3.148.007	1.342.387	409.181	4.296
B-I	MIZUHO	C	3	SAO PAULO	SP	2.706.920	363.198	515.335	13.715
B-I	INDUSTRIAL DO BRASIL	C	2	SAO PAULO	SP	2.609.142	1.075.693	470.300	9.430
B-I	BCO CARGILL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	2.301.226	126.168	405.504	13.304
B-I	SOCOPA	C	2	SAO PAULO	SP	2.192.403	616.409	154.714	6.497
B-I	RODOBENS	C	2	SAO PAULO	SP	2.152.532	209.585	459.372	19.349
B-I	BCO TRIANGULO S.A.	I	2	UBERLANDIA	MG	2.040.345	1.070.823	360.252	7.278
B-I	INTERMEDIUM	C	2	BELO HORIZONTE	MG	1.766.819	784.475	302.335	2.731
B-I	CAIXA GERAL	C	3	SAO PAULO	SP	1.685.621	710.127	410.109	1.120
B-I	BCO MODAL S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	1.607.398	661.287	240.101	-1.131
B-I	FATOR	C	2	SAO PAULO	SP	1.596.045	545.437	405.509	-5.473
B-I	RENDIMENTO	C	2	SAO PAULO	SP	1.500.485	586.692	215.599	14.367
B-I	BRASIL PLURAL	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	1.439.634	89.383	116.329	1.885
B-I	BCO KDB BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.375.488	176.629	89.350	2.497
B-I	SCOTIABANK BRASIL	I	3	SAO PAULO	SP	1.294.881	312.592	401.412	-3.176

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BANIF	C	3	SAO PAULO	SP	1.138.951	715.211	199.684	-5.171
B-I	BCO GUANABARA S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	1.082.063	775.785	121.100	1.933
B-I	BCO ABN AMRO S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	974.061	3.914	534.519	4.743
B-I	ICBC DO BRASIL BM S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	778.172	272.465	201.065	1.366
B-I	BCO A.J. RENNER S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	747.684	610.052	99.005	6.278
B-I	BCO DA CHINA BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	670.035	172.561	226.714	-4.416
B-I	BCO LUSO BRASILEIRO S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	665.325	390.808	101.811	1.706
B-I	MÁXIMA	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	607.777	271.668	44.889	-11.436
B-I	BANCO RANDON S.A.	I	2	CAXIAS DO SUL	RS	478.222	30.993	81.377	1.515
B-I	BANCO SEMEAR	I	2	BELO HORIZONTE	MG	430.717	310.378	86.437	206
B-I	BCO WOORI BANK DO BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	419.556	330.560	78.799	1.135
B-I	BANCO TOPÁZIO S.A.	I	2	PORTO ALEGRE	RS	403.364	232.638	40.332	-2.788
B-I	BCO GERADOR S.A.	I	2	RECIFE	PE	383.324	183.771	36.643	-5.926
B-I	BANCO BM&FBOVESPA	I	2	SAO PAULO	SP	369.564	91.001	63.974	1.671
B-I	BCO KEB DO BRASIL SA	I	3	SAO PAULO	SP	355.580	131.748	101.139	2.245
B-I	BCO RIBEIRAO PRETO S.A.	I	2	RIBEIRAO PRETO	SP	300.401	69.851	70.878	209
B-I	NOVO BCO CONTINENTAL S.A. - BM	I	3	PORTO ALEGRE	RS	289.393	130.097	81.526	-2.573
B-I	BNY MELLON	C	3	RIO DE JANEIRO	RJ	275.753	92.874	127.906	4.278
B-I	BCO FICSA S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	263.532	184.599	21.914	-2.721
B-I	BPN BRASIL BM S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	199.560	67.122	46.557	-4.087
B-I	WESTERN UNION	C	3	SAO PAULO	SP	192.982	0	97.975	967
B-I	BCO LA PROVINCIA B AIRES BCE	I	3	SAO PAULO	SP	170.545	2	113.596	2.885
B-I	BCO POTENCIAL S.A.	I	2	BELO HORIZONTE	MG	169.863	93.609	42.424	-319
B-I	VR	C	2	BARUERI	SP	164.319	24.390	108.672	-221
B-I	BCO CEDULA S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	148.132	60.844	80.885	67
B-I	NATIXIS BRASIL S.A. BM	I	3	SAO PAULO	SP	132.437	3.513	122.196	1.698

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-I	BANCO AZTECA DO BRASIL S.A.	I	3	RECIFE	PE	125.008	94.937	24.798	177
B-I	BCO LA NACION ARGENTINA	I	3	SAO PAULO	SP	116.069	2.127	38.770	-577
B-I	BANCO BRACCE S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	103.031	72.160	27.778	25
B-I	BCO ARBI S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	93.901	67.995	21.839	-1.608
B-I	BCO REP ORIENTAL URUGUAY BCE	I	3	SAO PAULO	SP	63.731	486	52.907	2.276
B-I	BCO CAPITAL S.A.	I	2	SALVADOR	BA	46.503	8.528	36.189	-591
B-I	PETRA	C	2	CURITIBA	PR	33.898	13.096	15.303	1.309
B-II	BCO VOLKSWAGEN S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	24.943.190	3.978.545	2.406.350	61.192
B-II	BCO GMAC S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	13.956.977	3.834.504	1.510.219	62.284
B-II	MERCEDES-BENZ	C	3	SAO PAULO	SP	11.062.463	487.346	1.410.778	48.301
B-II	BES	C	3	SAO PAULO	SP	7.446.941	1.601.504	684.284	4.414
B-II	BANCO IBM S.A.	I	3	RIO DE JANEIRO	RJ	7.435.380	6.662.543	426.638	12.560
B-II	BANCO CNH INDUSTRIAL CAPITAL S.A.	I	3	CURITIBA	PR	7.162.860	726.638	1.178.547	71.389
B-II	BCO DE LAGE LANDEN BRASIL S.A.	I	3	PORTO ALEGRE	RS	5.859.551	0	798.086	27.421
B-II	BANCO FIDIS	I	3	BETIM	MG	5.602.223	2.614.216	551.873	17.106
B-II	GOLDMAN SACHS	C	3	SAO PAULO	SP	5.401.149	390.455	1.042.048	6.049
B-II	BCO TOYOTA DO BRASIL S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	4.780.174	446.861	522.373	20.704
B-II	BCO CSF S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	4.441.632	121.875	1.110.130	104.573
B-II	BCO CATERPILLAR S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	4.298.257	493.851	668.914	2.746
B-II	BCO VOLVO BRASIL S.A.	I	3	CURITIBA	PR	4.079.367	170.063	530.562	7.057
B-II	HONDA	C	3	SAO PAULO	SP	3.449.979	2.503.317	585.822	29.276
B-II	PSA FINANCE	C	3	SAO PAULO	SP	3.158.991	874.911	765.668	22.061
B-II	SCANIA BCO S.A.	I	3	SAO B. DO CAMPO	SP	2.350.500	0	212.386	1.543
B-II	STANDARD CHARTERED BI S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	2.205.229	587.328	299.211	-464
B-II	BCO FORD S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	1.831.240	478.493	299.639	8.086
B-II	BANCO MONEO S.A.	I	2	CAXIAS DO SUL	RS	933.357	37.677	179.476	3.665
B-II	BCO TRICURY S.A.	I	2	SAO PAULO	SP	699.492	307.441	229.891	8.571
B-II	BCO COMMERCIAL INV. TRUST S.A.	I	3	BARUERI	SP	687.435	280.668	272.038	2.887

TCB	Instituições	TD	TC	Cidade	UF	Ativo Total	Depósitos Total	Patrimônio Líquido	Lucro Líquido
B-II	BCO YAMAHA MOTOR S.A.	I	3	GUARULHOS	SP	557.183	380.126	80.058	6.077
B-II	UBS	C	3	SAO PAULO	SP	489.067	0	96.135	1.548
B-II	CONFIDENCE	C	2	BARUERI	SP	348.772	64.959	62.968	7.826
B-II	OURINVEST	C	2	SAO PAULO	SP	337.263	164.949	45.953	1.070
B-II	BR PARTNERS	C	2	SAO PAULO	SP	264.011	31.369	123.848	-7.588
B-II	BCO BRJ S.A.	I	2	RIO DE JANEIRO	RJ	249.729	93.310	85.141	63.836
B-II	OPPORTUNITY	C	2	RIO DE JANEIRO	RJ	205.114	0	194.291	2.591
B-II	BCO STANDARD INV S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	141.479	0	112.775	-158
B-II	BBVA BRASIL BI S.A.	I	3	SAO PAULO	SP	117.371	0	105.240	-389
B-II	BANCO VIPAL	I	2	PORTO ALEGRE	RS	91.173	52.910	37.224	-4.668
B-II	BANCO PORTO REAL DE INVEST.S.A	I	2	PORTO REAL	RJ	52.040	24.161	25.289	-1.055
B-II	BEXS	C	2	SAO PAULO	SP	51.238	0	11.123	3.702
B-II	BCO MAXINVEST S.A.	I	2	CURITIBA	PR	30.346	0	26.548	279
B-II	BCO INDUSCRED DE INVESTIM. S/A	I	2	SAO PAULO	SP	27.398	5.694	21.592	546
B-II	MSB BANK S.A. BCO CÂMBIO	I	2	CURITIBA	PR	19.374	359	8.400	202
B-IV	BNDES	I	1	RIO DE JANEIRO	RJ	823.501.811	17.336.532	41.221.840	1.927.963
B-IV	BD REGIONAL DO EXTREMO SUL	I	1	PORTO ALEGRE	RS	13.009.440	0	2.052.862	56.848
B-IV	BCO DES. DE MG S.A.	I	1	BELO HORIZONTE	MG	6.038.443	55.303	1.802.760	6.827
B-IV	BCO DES. DO ES S.A.	I	1	VITORIA	ES	1.545.154	62.324	265.515	6.776
Total Consolidado Bancário I (96 Instituições)						<u>6.000.488.144</u>	<u>1.817.661.386</u>	<u>458.202.600</u>	<u>15.596.702</u>
% de Participação Consolidado Bancário I						83,7	93,9	81,1	77,9
Total Consolidado Bancário II (36 Instituições)						<u>124.767.945</u>	<u>27.416.073</u>	<u>16.721.518</u>	<u>595.240</u>
% de Participação Consolidado Bancário II						1,7	1,4	3	3
Total Consolidado Bancário III (1155 Instituições)						<u>148.338.113</u>	<u>69.069.969</u>	<u>26.486.516</u>	<u>1.313.304</u>
% de Participação Consolidado Bancário III						2,1	3,6	4,7	6,6
Total Consolidado Bancário IV (4 Instituições)						<u>844.094.848</u>	<u>17.454.159</u>	<u>45.342.977</u>	<u>1.998.414</u>
% de Participação Consolidado Bancário IV						11,8	0,9	8	10
Total Consolidado Não Bancário (289 Instituições)						<u>48.104.046</u>	<u>4.009.695</u>	<u>18.294.226</u>	<u>511.252</u>
% de Participação Consolidado Não Bancário						0,7	0,2	3,2	2,6
Total do Sistema Financeiro Nacional (1580 Instituições)						<u>7.165.793.096</u>	<u>1.935.611.282</u>	<u>565.047.837</u>	<u>20.014.912</u>

Fonte: Sisbacen (2014)

CI (Código Identificador): CNPJ das instituições independentes e códigos do Banco Central para os conglomerados.

TD (Tipo de Documento): C - Conglomerado, I - Instituição Independente

TC (Tipo de Controle): 1 - Público, 2 - Privado Nacional, 3 - Privado com Controle Estrangeiro

TCB (Tipo de Consolidado Bancário): B-I - Bancário I, B-II - Bancário II, B-IV - Bancário IV, N - Não bancário

Data-base: Setembro/2014 (Milhares de R\$)